

*Lilian Conceição da Silva
Selma Almeida Rosa
Tatiana Ribeiro*
Organizadoras

35 Anos de Ordenação de Mulheres na IEAB

vivências e
contribuições pastorais



Lilian Conceição da Silva
Selma Almeida Rosa
Tatiana Ribeiro
Organizadoras

35 Anos de Ordenação de Mulheres na IEAB

vivências e
contribuições pastorais

Direitos de publicação e comercialização da
Editora e Livraria Anglicana



Licença: Creative Commons (CC BY NC SA 4.0)

Capa

Noemi Buyo / Tatiana Ribeiro

Revisão

Selma Almeida da Rosa

Editoração

Tatiana Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

T754 35 anos de ordenação de mulheres na IEAB [livro eletrônico] :
vivências e contribuições pastorais / organização de Lilian Con-
ceição da Silva, Selma Almeida Rosa, Tatiana Ribeiro. – Porto Ale-
gre : Livraria e Editora Anglicana, 2020.

PDF

ISBN: 978-65-991248-9-1 (e-book)

1. Igreja Episcopal Anglicana do Brasil - Ordenação de mul-
heres 2. Anglicanas - Vida cristã 3. Anglicanas - História I. Silva,
Lilian Conceição da II. Rosa, Selma Almeida III. Ribeiro, Tatiana

21-1183

CDD 283.082

Índices para catálogo sistemático:

1. Ordenação de mulheres : Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Livraria e Editora Anglicana Ltda
Avenida Eng. Ludolfo Boehl, 256
91720-150 – Bairro Teresópolis
Porto Alegre – RS
Tel.: (51) 3014-3705



Capa:

NOEMI BUYO

Nasci em São Paulo. Sou bacharela em Artes Plásticas, tenho licenciatura em Educação Artística, pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, e especialização em escultura/modelagem pela Universidade de Okayama.

Fui batizada na Igreja Anglicana aos 2 anos de idade, pelo Revdo. Estevão Yuba. Aos 12 anos comecei a tocar harmônio nos cultos dominicais da Missão da Ressurreição. Atualmente continuo atuando na liturgia e música na Missão da Santa Cruz, em Florianópolis/SC, Diocese Meridional.

Sempre penso na vocação ao ministério ordenado não como uma meta a ser alcançada, mas, sim, enquanto consequência inevitável da vivência em comunidade, do amor às pessoas e do desejo de seguir caminhando com Jesus. As três ordens são uma na adoração e no serviço. Imagino a cena de Maria, quando do anúncio do anjo, respondendo "faça-se em mim, segundo a tua Palavra".

A ilustração da capa deste livro representa as três ordens: diaconal, presbiteral e bispado - irmanadas na vocação da amada Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e trazem à reflexão o ministério ordenado das pessoas com deficiência. No poema Linhas paralelas a autora, Revda. Eva Arrieche, faz referência aos vários tipos de pegadas e informa que as dela são linhas paralelas, feitas pelas rodas de sua cadeira.

As pessoas cristãs têm em comum o seguimento a Jesus Cristo, mas na nossa caminhada deixamos pegadas diferentes.



Linhas Paralelas

Eva Arrieche

Diversos são os caminhos que nos conduzem a ti.

Sob várias formas teu amor nos chama ao teu serviço.

Estranhas pegadas deixamos por diferentes estradas:

Dois pés e uma bengala, que apoia e guia;

Um pé e duas muletas...

Marcas confusas de passos que se arrastam...

– Minhas pegadas são linhas paralelas!

Outras tantas, milhares delas e diferentes em suas formas identificam outras pessoas.

E assim, felizes, respondemos ao teu chamado, Senhor.

Abençoa, te pedimos agora, esse teu povo tão diverso, esforçado e confiante em teu amor e cuidado.

“Guia-me, Senhor, na tua retidão;

aplana diante de mim o teu caminho”. (Salmo 5:8)

Por teu filho e nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

Sumário

- 9 Dedicatória - Elizabeth Daniel
- 11 Agradecimentos
- 13 Prefácio
- 15 Apresentação
- 19 Afonsina Machado dos Reis
- 21 Aidil Souza Bastos
- 23 Ana Maria dos Santos Esvael Lopes
- 25 Ana Rita Cruz da Cruz
- 27 Anésia Nascimento de Jesus-Cook
- 29 Arlinda de Araújo Pereira
- 31 Bianca Daébs Seixas Almeida
- 33 Carmen Etel Alves Gomes
- 35 Carmen Akemi Kawano
- 37 Cláudia Regina Prates Batista
- 39 Dilce Regina Paiva de Oliveira
- 41 Dione Guindo dos Santos
- 43 Elaine Nascimento
- 45 Eliane Cristina Vieira
- 47 Elineide Ferreira Oliveira
- 49 Enilda Rodrigues Palma
- 51 Ester Pimentel Rodrigues
- 53 Eva Arrieche
- 55 Eva Milta Alves Gomes

- 57 Gessi Dasch Rodio
- 59 Helena Lamego Gastal de Castro Ramos
- 61 Ilaine Marizete De Oliveira Vieira Zschornack
- 63 Ilma Oliveira Rios
- 65 Inamar Corrêa de Souza
- 67 Ione Gomez Gomez
- 69 Janice Gonçalves dos Santos Matos
- 71 Jocinéia Saldanha Perpetuo
- 73 Keila Bichet
- 75 Leane Rachel Kurtz
- 77 Lidia Kistemache
- 79 Lilian Conceição da Silva
- 81 Lílian Pereira da Costa Linhares
- 83 Lúcia Dal Pont Sirtoli
- 85 Lucia Gelcy Fortes Kovaleski
- 87 Magda Guedes Pereira
- 89 Maytée De La Torre Díaz
- 91 Maria de Fátima Nascimento
- 93 Maria das Graça Bernardino
- 95 Maria Isabel Cardoso Rodrigues Lima
- 97 Maria Nylde Amaral da Cunha
- 99 Marinez Rosa dos Santos Bassotto
- 101 Marinez dos Santos Oliveira
- 103 Meriglei Borges Silva Simim

- 105 Neiza Leita Veleda
- 107 Neusa PereiraValério
- 109 Noilves Rosa da Silva
- 111 Patricia Ann Powers
- 113 Rosemary Ferreira da Cunha
- 115 Selma Almeida Rosa
- 117 Taís Feldens
- 119 Tatiana Ribeiro
- 121 Tatiane Vidal dos Reis
- 123 Valéria Aparecida da Silva
- 125 Vera Lúcia Lima de Almeida
- 127 Volnice Maria de Almeida
- 129 Zoar Coimbra Gonçalves
- 131 Anexo I - 1º Discurso de Defesa da Ordenação Feminina na IEAB
- 133 Anexo II - Carta Aberta à IEAB - 20 Anos de Ordenação Feminina
- 135 Anexo III - Declaração - 30 Anos de Ordenação Feminina
- 137 Anexo IV - As Mulheres de Batina: Práticas e Representações nas duas décadas (1985-2005) De Ordenação Feminina entre Episcopais Anglicanos no Brasil - Bianca Daebbs
- 150 Anexo IV - Mural de Fotos
- 155 Anexo VI - Lista de Mulheres Ordenadas na IEAB (1985-2019)



Elizabeth

Daniel

*Dedicamos este livro à Elizabeth Daniel,
missionária e apoiadora incansável
do ministério de mulheres ordenadas.*

Elizabeth nasceu no dia 23 de novembro de 1926, na Filadélfia. Missionária norte-americana, graduada em Teologia Bíblica (Cambridge, Inglaterra), mestra em Nutrição, chegou ao Brasil com o apoio da Ordem das Filhas do Rei, da qual é membro há décadas.

Durante seu singular testemunho diaconal no Brasil, de 1958 a 1991, foi vasta sua contribuição e intensa sua dedicação ao longo dos anos. Procuramos lembrar alguns projetos e trabalhos com os quais esteve diretamente envolvida: de 1960 a 1962 - com a formação na Casa de Santa Hilda, programa de treinamento de mulheres leigas em Educação Cristã; a partir de 1963 - com a criação do departamento diocesano de Educação Cristã, da então Diocese Central e do curso bíblico para mulheres (publicado na revista anglicana Estandarte Cristão), em parceria com Olga Nogueira e Elizabeth Del Nero; de 1986 a 1988 participou da criação do CANT - Centro Anglicano de Teologia, em Brasília, e, no mesmo ano, à convite do Secretário Geral da IEAB participou da reabertura do Departamento Nacional de Educação Cristã; de 1989 a 1991 exerceu o cargo de Deá do Seminário Nacional da IEAB.

Consta que em seu ministério trabalhou com quatro gerações de uma mesma família: esteve hospedada na residência do casal Sra. Horaida Duval da Silva e Revdo. Severo da Silva, bisavós da Revda. Helena; trabalhou com

a Sra. Eunice Duval da Silva Lamego, avó de Revda. Helena, e com Maria Helena da Silva Gastal, a mãe de Helena. Finalmente, com a própria Revda. Helena. Em certa ocasião, Elizabeth teria dito à Revda. Helena: *"Sabe que tu és a quarta geração da mesma família com que trabalho?!"*

Elisa, assim chamada carinhosamente, sempre foi incansável em seus esforços de lideranças junto à União das Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil (UMEAB) e no apoio à ordenação de mulheres na IEAB.

Do legado de seu ministério com certeza ficará impresso nos corações e na história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil seu compromisso inabalável com o Evangelho de Jesus Cristo, corporificado na prioridade dada às questões sociais, e em seus muitos esforços para reduzir as desigualdades entre as pessoas.

Agradecimentos

A Deus, razão do nosso viver. Aquele que aceita, acolhe, anima e sustenta as mulheres no desafiador exercício do ministério ordenado.

A todas as clérigas, mulheres ordenadas da IEAB, por terem compartilhado conosco suas histórias e permitido que, de modo misterioso, prazeroso e abençoador, participássemos de suas vidas. Procuramos ser fieis aos textos originais, ainda que ajustes tenham sido necessários.

À Junta Nacional de Educação Teológica (JUNET) da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, pelo apoio financeiro e reconhecimento da importância das mulheres no ministério ordenado.

À Livraria Anglicana, mediadora e viabilizadora na reprodução dos exemplares.

A você, leitor e leitora, nossa gratidão por seu interesse e respeito.

Nas páginas será possível perceber certa informalidade no registro escrito, isso porque a linguagem coloquial foi mantida em muitos trechos dos depoimentos.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, apoiam o ministério ordenado feminino.

Prefácio

“Fiz a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores.” Cora Coralina.

Este livro é um trabalho compartilhado pelas mulheres ordenadas na província anglicana do Brasil. Em linguagem simples e direta registra, de maneira breve, o testemunho de diáconas, presbíteras e bispas na IEAB, chamadas a Servir a Deus e a participar do movimento de Jesus.

A caminhada para esta obra teve início no Brasil, em 1985. Desde então, mulheres guiadas pela fé materna, foram abrindo portas e janelas, deixando a ventania divina derrubar as estruturas sexistas que as impediam de estar no altar, celebrando os sacramentos.

O árduo caminho percorrido para que se chegasse à ordenação foi trilhado “removendo pedras e plantando flores”. Desde o início da década de 70, no Sul do País, refletia-se nos grupos das mulheres leigas acerca da ordenação feminina. Mulheres e homens, parceiros do bem, ajudaram a levantar a voz profética para que Assim, é preciso reconhecer que muitas leigas abraçaram esse ministério ao lado das reverendas, fortalecendo o sonho de que a ordenação de mulheres pudesse se tornar realidade.

No Concílio da Diocese de Santa Maria, em 1973, Bispo Plínio Lauro Simões foi um dos primeiros a apoiar um documento - elaborado por mulheres leigas, para o Sínodo de 1974 - que defendia a possibilidade de aceitar a ordenação feminina. Infelizmente, as justificativas contrárias e sem fundamentos bíblicos teológicos venceram, e a doutrina e o tradicionalismos das dioceses não permitiram a aprovação da ordenação feminina na IEAB.

No mês de julho de 1984, a proposta sobre a ordenação de mulheres, para as três ordens, foi apresentada ao plenário Sinodal, pelo bispo Sumio Takatsu. Era uma decisão inédita, pois nas igrejas anglicanas em outros países as mulheres só podiam ser ordenadas Diaconas e Presbíteras, estando assim excluídas do Episcopado. Assim sendo, desde 1985 estamos, a cada dia, construindo esse caminho de fé, contando sempre com a inspiração da Divina Sabedoria.

Cada mulher que compartilhou seu próprio testemunho é única. Uma diferente da outra, é certo. Os desafios, entretanto, são os mesmos no que se refere ao enfrentamento do sistema patriarcal que historicamente se impõe, impedindo, muitas vezes, as mulheres de serem quem são ou poderiam ser. Enquanto essa realidade não for vencida, superada, transformada continuará sendo um desafio para cada nova vocação feminina.

Felizmente, podemos constatar avanços, pois já podemos contar com muitos e diferentes parceiros e parceiras nesta desconstrução do patriarcado.

Assim, vamos avançando para construir caminhos de respeito e de companheirismo a fim de que cada mulher, independentemente de qualquer padrão historicamente estabelecido, possa assumir sua vocação ao ministério ordenado, possa ser quem ela deseja ser, sem ter de passar por tantos desafios e sofrimentos, como ocorreu com as primeiras mulheres ordenadas.

Que as histórias de vida aqui registradas, de tantas mulheres vocacionadas, inspirem outras e outras, mais e mais a abraçarem o chamado a realizar, com amor, compaixão, justiça e paz, a Missio Dei

Que a divina sabedoria nos inspire em nossos ministérios!

Que a Ruah Divina sobre e levante novas vocações femininas!

Carmen Etel (Revda. Cônega - Coordenação acadêmica - CEA)

Lucia Dal Pont (Revda. Coordenadora geral - CEA)

Apresentação

Como esse livro foi sonhado, planejado, gestado e agora parido...

O presente livro, *35 Anos de Ordenação de Mulheres na IEAB: contribuições e experiências pastorais*, simboliza um parto de gravidezes coletivas, paridas nos testemunhos e narrativas de histórias de vidas ministeriais que insistem na vida para si e para outras e todos, e, quiçá, seja inspirador o bastante para contagiar outras a se sentirem grávidas do chamado divino. Assim, faz-se importante compartilhar de que modo este rico material, que temos a honra e o privilégio de entregar à IEAB, foi concebido, gestado e, finalmente, parido.

Quando dos 20 anos de ordenação feminina no Brasil, participei do Encontro Nacional realizado em Itaara, RS, na casa de retiro da Diocese Sul-Occidental, diocese que realizou a primeira ordenação já mencionada. Foi tão emocionante estar em meio a tantas mulheres ordenadas que solicitei a cada colega o presente de deixar nome e data de ordenação na contra capa da minha Bíblia, a edição que mais uso até hoje.

Naquele encontro nem todas as colegas clérigas puderam estar e lamentamos muitíssimo. No entanto, celebramos, com grande alegria, a presença de clérigas vindas das diversas partes da Província brasileira bem como de colegas ordenadas que, embora ordenadas no Brasil, naquela ocasião estivessem servindo em outras províncias da Comunhão Anglicana.

Quando dos 30 anos de ordenação feminina na IEAB, um novo encontro foi realizado, em Porto Alegre, RS, culminando com a Celebração de aniversário dos 125 anos de Anglicanismo de Missão no Brasil. Como antes, também nesse Encontro foi feito um balanço do ministério feminino na IEAB e de suas contribuições para a vida cotidiana da Igreja.

Mesmo antes da ordenação de mulheres, e não obstante as dificuldades e impedimentos, as marcas do sacerdócio feminino na IEAB são vistas e sentidas em todas as dioceses e distrito missionário, pois somos nós, mulheres, sustentáculo dos principais sodalícios de nossa Igreja. O reconhecimento institucional de nosso sacerdócio, a partir da ordenação feminina, configurou-se na importante e necessária reparação de séculos de androcentrismo imposto pela Igreja ao longo da História.

Em 2017, senti-me grávida do desejo de propor às colegas clérigas que ofertassem suas autobiografias para juntas compormos um material que reunisse nossas histórias de vida ministerial, tanto para assegurar nossas narrativas, quanto para, a partir dessa iniciativa, suscitar o despertar de vocações em outras mulheres. Foi quando o Centro de Estudos Anglicanos (CEA) acolheu a proposta e o desejo se constituiu projeto de Livro, aprovado pela Junta Nacional de Educação Teológica (JUNET). Naquela ocasião, antes mesmo da eleição da primeira mulher ao episcopado, a proposta de título era 32 Anos de Ordenação Feminina: contribuições e experiências pastorais das mulheres ordenadas.

Em 2018, mais um avanço e uma etapa de resistências históricas foram vencidas: uma mulher foi sagrada ao episcopado, na Diocese Anglicana da Amazônia, tornando-se a primeira eleição de uma mulher como bispa em toda a América Latina (pois embora duas mulheres tivessem sido sagradas ao episcopado em Cuba, distrito missionário da ECUSA, as sagrações foram frutos de indicações e não de eleições). A Reverenda Marinez Bassotto foi eleita no dia 20 de janeiro de 2018, e sagrada bispa em 18 de abril do mesmo ano. No ano seguinte, 2019, a Reverenda Meriglei Borges Simin foi eleita bispa pela Diocese Anglicana de Pelotas, e sagrada ao episcopado no dia 17 de novembro daquele ano. Sinal de que o vento vivificador soprava sobre nossa igreja e nosso povo.

O desejo deste livro foi assumido por colegas clérigas em toda a IEAB, tornando-se um sonho coletivo tanto por colegas da IEAB quanto por colegas ordenadas pela IEAB que atuam em outras províncias da Comunhão Anglicana. A organização do Livro reflete a composição das três áreas provinciais que constituem a IEAB.

Simultaneamente, outras pessoas foram contatadas, contribuindo para o resgate de biografias de colegas clérigas que já fizeram sua páscoa. Gratidão a cada pessoa que se somou a nós e tornou possível a concretização de nosso desejo!

É, pois, com grande alegria que convido você, leitor e leitora, a encantar-se com nossas histórias e vivências. Sugerimos que busque fazer o exercício de interpretação para além do que está nos textos. Se possível, adote o verbo suspeitar e empreenda uma leitura própria das hermenêuticas libertadoras, aguçe sua imaginação, pergunte-se sobre os não ditos nos textos, as possíveis dificuldades enfrentadas, as barreiras institucionais, a solidão ministerial, as cobranças autoimpostas, enfim, procure sentir a humanidade

das mulheres que aqui afirmam-se como seres integrais e igualmente chamadas ao ministério ordenado.

Lembramos que não foi possível incluir todas as biografias, posto que asseguramos incluir os textos autobiográficos autorizados, bem como biografias póstumas igualmente autorizadas. Salientamos, também, que em muitos textos foi preservada a linguagem coloquial.

A capa deste Livro - uma oferta generosa e comprometida de nossa querida irmã Noemi Buyo Siqueirano, que reconheço como também sacerdotisa de RUAH - sela o convite que aqui fazemos à Igreja para acolhimento de um aperitivo das histórias de vida e ministério de mulheres ordenadas em nossa amada IEAB.

Boa leitura!

E sejam muito abençoados e abençoadas!

Recife, dezembro de 2020.

Revda. Dra. Lilian Conceição da Silva

Clériga da Diocese Meridional,

Coordenadora do ABRAÇO NEGRO Pastoral Afro diocesana,

Clériga missionária na Diocese Anglicana do Recife.



Afonsina

Machado dos Reis

(1929-2010)

Diaconato: 9 de setembro de 2000.

Presbiterado: 12 de junho de 2007.

Nascida em Santo Antônio da Patrulha/RS, em 6 de janeiro de 1929, Afonsina sempre viveu dedicada à Igreja. Fez parte do coral, de festas, enfim, estava sempre disposta a participar de todas as atividades da comunidade. Enquanto criança frequentava a Missão do Advento, no Caará/RS onde foi batizada e confirmada. Na juventude estudou contabilidade na Escola Luiz Dourado, formando-se em 1962. Além da sua vida profissional, dedicou-se ao cuidado de sua mãe, que esteve doente por vários anos e a quem se dedicou prioritariamente com zelo e carinho.

Enquanto reverenda, pessoas amigas lembram que ela era muito querida na comunidade, pois estava sempre fazendo brincadeiras e piadas. Quando ela fazia o sermão sempre dizia que ia conversar com todas e todos na celebração. No entanto, era muito franca nas discussões e dizia o que pensava de forma direta e clara. “*Tinha personalidade forte*”, como afirmam algumas pessoas. Isso, de certa forma, também causava admiração em quem a conhecia. Depois de se aposentar de seu trabalho secular, na área administrativa, estudou no Seminário Teológico da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. No início do ano 2000, já avançada em idade, foi ordenada como diácona (em 12 de junho de 2000) e presbítera (9 de setembro de 2000).

Entre 2000 e 2010, quando se aposentou do ministério ofertado à Igreja, morou no Lar Alice Kinsolving. Além de ser moradora, toda semana celebrava a Santa Eucaristia na Instituição, com a comunidade de pessoas idosas. Faleceu no Lar Alice, ainda pertencente à Diocese Meridional.



Aidil

Souza Bastos

Diaconato: 13 de dezembro de 2020.

Nasci em Rio Vermelho, Salvador, BA, em 19 de junho de 1966. Sou filha de Ami e Romilson (este in memoriam), descendente de portugueses, italianos e índios: sou brasileira! Sou a mais velha dos irmãos (Romilson e Henrique). Meus pais me ensinaram, com o exemplo de suas vidas, a importância de ser responsável e dedicada. Eles valorizavam o estudo. A fé em Deus que via neles e vejo em minha mãe sempre me inspirou.

Quando criança estava almoçando em um restaurante com meus pais, e, pelo vidro, vi uma criança com fome. Meus pais me deixaram levar alimento para esta criança. Desde então senti necessidade de trabalhar com a população carente e sofrida. Gosto muito de estar em contato com as pessoas e escutá-las, acolhê-las, apoiá-las, podendo contribuir com a diminuição do seu sofrimento. É uma característica minha desejar o bem estar das pessoas, e o senso de justiça, que atribuo a meus pais, e talvez, mais ainda à minha mãe, que é advogada.

Formei-me em Psicologia, na UNIP, há 32 anos. Fiz mestrado em Saúde Pública, na USP, e especialização em Psicoterapia de Adultos, no Instituto Sedes Sapientiae, entre outros cursos. Concluí o curso de Teologia em 2015, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atuo há 32 anos na saúde pública, sendo 19 deles na saúde mental (Caps), e 13 no trabalho em hospital.

Passei pela igreja romana, onde fui batizada ainda bebê; procurei o zen budismo, frequentei o templo dirigido pela Monja Coen, sendo sua aluna, por 5 anos, mas dois turnos de trabalho me impediram de conciliar a ida ao templo.

Meu percurso na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil iniciou quando, ao visitar o Instituto Tomie Otake, que é ao lado da Paróquia de São João, entrei na Paróquia com minha família, justamente no momento em que iniciava uma celebração. Tanto eu quanto meus familiares ficamos encantados com o acolhimento que recebemos e a proximidade existente entre o clero e o laicato.

Tive uma experiência mística ao entrar em uma Capela perto da Avenida Faria Lima, e senti que Deus me chamava. Comecei a frequentar a Paróquia de São João, fiz o curso VIA (Vivendo a Identidade Anglicana) e tornei-me Membro em Plena Comunhão em 2011, Ministra Leiga em 2014, fui confirmada e tornei-me Postulante ao Ministério Ordenado em 2015, e Candidata às Sagradas Ordens em 2019.

Realizei estágios em 2014, na Paróquia de São João, em Pinheiros; na Paróquia de Santa Lídia, São Bernardo do Campo; na Comunidade de São Francisco de Assis, Campinas, que atendia crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, e na Paróquia da Ressurreição, São Paulo. Considero que tudo o que tenho vivido (cursos e estágios) tem contribuído para a minha formação.

A minha Ordenação Diaconal aconteceu no dia 13 de dezembro de 2020, dia de Luzia, Mártir da Fé, 304, na Paróquia da Santíssima Trindade, e foi transmitida pelo canal da Paróquia no *youtube*, por acontecer em época de pandemia.

Espero que daqui a um tempo eu possa olhar para trás, na minha trajetória, e sentir que, sustentada por Deus, pai materno, e pelas pessoas que encontrei no caminho, na igreja, e em todos os espaços, consegui contribuir para a paz, a fraternidade, a justiça, o amor, enfim, para a construção do Reino de Deus na nossa Casa Comum.



Ana Maria

dos Santos
Esvael Lopes

Diaconato: 8 de março de 1992.

Presbiterado: 25 de dezembro de 1993.

Nasci em 1959. Sou casada com Rodimar Pinto Lopes. Sou mãe de Miriam Esvael Lopes e Débora Esvael Lopes Ferreira. Também avó de Natália Esvael Lopes Ferreira.

Por volta dos 12 anos, já demonstrava interesse em seguir a carreira sacerdotal na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Na época não havia reverendas ordenadas, *mas a menina não desistiu, apenas hibernou o sonho*. Em 1987, já casada e mãe de duas filhas, tive uma nova missão de vida: apoiar meu esposo, Rodimar, que havia decidido ir para o Seminário. Então, em uma conversa não mais que informal com o Revdo. Jubal Pereira Neves, perguntei se não poderia estudar também para ser uma boa “esposa de reverendo”. Eis que Jubal - que seria ordenado Bispo da Diocese Sul-Occidental anos mais tarde, devolveu com uma provocação: *"E por que não ser reverenda ao invés de esposa de reverendo?"*

Assim, eu e meu marido enfrentamos o período de estudos no Seminário Teológico da IEAB, em Porto Alegre, em 1988. No dia 8 de março de 1992, aos 33 anos (com a idade de Cristo) recebemos a Ordenação Diaconal, em Bagé, na Matriz do Crucificado. Fui designada como ministra encarregada da Paróquia do Natal, em Dom Pedrito. Em 26 de dezembro de 1993, recebi a Ordenação Presbiteral, em Santa Maria, na Catedral do Mediador. Por curiosidade, fui ordenada no dia de meu aniversário, e com o meu marido Rodimar. Continuo exercendo a atividade sacerdotal em Dom Pedrito.

Em janeiro de 1995, fui designada para atuar como coadjutora em São Gabriel, na Paróquia da Redenção. Em 1998, fui eleita pela comunidade paroquial, e essa experiência despertou em mim a vocação para exercer a função de reitora da Matriz do Crucificado, cargo que assumi oficialmente em janeiro de 1999, e que ocupo até o presente momento. Também assumi a responsabilidade de administrar a Paróquia da Crucifixão e as Capelas em Bagé.

Todas as ações não podem ser consideradas um “legado”. São fruto de muita disposição, vontade de atuar e bênçãos de Deus em cada decisão tomada. Com muito sacrifício e apoio das comunidades foi possível melhorar a condição estrutural de todas as capelas e paróquias - desde a construção de uma escada na Paróquia da Redenção, em São Gabriel, até a construção de um elevador na Matriz do Crucificado. As igrejas estão pintadas, telhados e salões foram reformados, as capelas ganharam pisos e forros adequados. Tudo isso é uma soma de fatores, que incluem a credibilidade conquistada junto às comunidades, o apoio a campanhas comunitárias - de paroquianos, amigos e simpatizantes - e, principalmente, a fé, a esperança e o Poder de Deus nas ações realizadas.



Ana Rita

Cruz da Cruz

Diaconato: 28 de setembro de 2008.

Presbiterado: 30 de outubro de 2011.

Meu nome é Ana Rita Cruz da Cruz. Nasci dia 16 de janeiro de 1985, na cidade de São Leopoldo/RS. Sou filha de Alfeu Barreto da Cruz e Judithe Rita Cruz da Cruz. Sou casada e tenho um filho lindo chamado Pietro.

Venho de família que foi sempre atuante na Paróquia da Trindade - São Leopoldo/RS. Minha mãe conta que eu, mesmo ainda dentro de sua barriga, já me agitava com os hinos. Fui uma criança muito ativa e curiosa, e o Revdo. Renato Raatz, posteriormente Bispo Renato, soube aproveitar esse meu interesse e me fez sua “ajudante”, isto é, tornei-me acólita. Eu amava o cheiro das velas! Em seguida, entrei para o magistério e fui promovida a professora da escola dominical, tendo, ainda que por pouco tempo, trabalhado com a juventude da paróquia.

Minha vocação desenvolveu-se gradualmente. Eu estava totalmente envolvida naquele universo que me fascinava tanto. Assim, por pura curiosidade e a convite do Rev. Jessé Ramos fui assistir a uma aula no seminário SETEK. Estava com 17 anos na época e recém formada no então 2º grau. Fui assistir justamente a aula do Bispo Luiz Prado - que era professor muito rígido na época. Lembro-me de não ter concordado com uma afirmação dele, ao que ele retrucou: “*Então me mostre porque estou errado*”. Assim, eu - como boa teimosa que sou - passei na biblioteca, fui para casa, sentei-me em frente ao computador e não parei meus estudos e argumentação enquanto não defendi meu ponto de vista - o qual enviei ao seminário na expectativa do Bispo receber meu posicionamento.

O tempo passou e recebi uma ligação do Bispo Prado, dizendo que continuava com a mesma opinião, mas que respeitava a minha, e que ficaria muito feliz se eu pudesse discutir aquele assunto com ele nos anos seguintes, ou seja, como estudante no SETEK. E foi assim que, aos 18 anos, decidi ouvir minha vocação e servir a Deus por meio do auxílio as pessoas. Formei-me aos 21 anos, e vi meus colegas homens serem ordenados pouco tempo depois, enquanto eu sempre “precisava” de mais tempo de estágio por ser “jovem”. Foi a primeira vez que senti o preconceito na pele e dentro da igreja. Finalmente, minha ordenação aconteceu em 28 de setembro de 2008, na Paróquia do Espírito Santo, Diocese Meridional. Um ano após fui ordenada presbítera, na mesma Paróquia.

Nesses dez anos de ordenação, trabalhei em duas comunidades: na Paróquia do Espírito Santo, cidade de Montenegro; e Paróquia da Virgem Maria, em Caxias do Sul, ambas da Diocese Meridional. Em ambas senti um entrave inicial, uma espécie de barreira, pois, por mais que a ordenação feminina já tivesse ocorrido há 32 anos, a maioria das comunidades ainda tem a expectativa por um reverendo, mas nada de modo agressivo. Sempre fui respeitada e consegui desenvolver os trabalhos que sugeria. Com o passar do tempo, as pessoas até relatavam que haviam perdido o preconceito e viam a riqueza de ter ambos os sexos ordenados, um complementando o trabalho do outro.

Já fiz parte da comissão diocesana de jovens, liturgia e música, e ecumenismo. Tenho buscado trabalhar pela integridade da criação, meio ambiente e dignidade humana. Sei que nosso caminho de luta é grande e difícil e que essa jornada por vezes é muito solitária, mas oro para que Deus sempre nos dê força para lutar pela justiça e pela paz.



Anésia

NASCIMENTO DE JESUS-COOK

Diaconato: 12 de abril de 1992.

Presbiterado: 2 de maio e 1993.

Nasci em 12 de novembro de 1962, em Ribeirão Pires, São Paulo. Casada com Jonathan Cook.

O chamado de Deus veio muito cedo, ainda na escola dominical, na Paróquia do Redentor, em Ribeirão Pires, onde aprendi os primeiros conceitos de justiça, Reino de Deus, libertação e opressão, com a professora Hilda Figueroa. Fiz parte do grupo de jovens e de acólitos. Foi nessa época que recebemos a visita da missionária Eliza Daniel, que assim como a professora Hilda, o Revdo. Takashi Simizu e o Revdo. Glenio Rovira influenciaram muito o meu ministério. Particpei do Programa "Juventude Fronteiras da Missão", do Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI, atual Koinonia Presença Ecumênica e Serviço. Ali jovens de diversas igrejas estudavam juntos, buscando entender a realidade brasileira durante a ditadura militar. Alguns de nossos assessores se destacaram na luta contra o regime militar: Betinho, Rubem Alves, Jether Ramalho, José Bittercourt Filho e muitos outros e outras. Como a ordenação feminina ainda não tinha sido aprovada, fui incentivada pelo Revdo. Glenio Rovira a fazer um curso universitário e ter uma profissão. Agradeço a ele pelo carinho e apoio durante os meus estudos universitários e teológicos. Em 1986 concluí o curso de Comunicação Social, pela Universidade de Mogi das Cruzes, São Paulo/SP. De 1988 a 1991 servi como seminarista às Paróquias da Graça Divina, Viamão/RS; do Calvário, em Nova Santa Rita/RS; e São Lucas, Canoas/RS. Em 1991 concluí o curso de Teologia, em Porto Alegre/RS.

Em 1992 fui ordenada ao diaconato pelo Bispo Cláudio Vinicius de Senna Gastal, no dia 12 de abril de 1992, na Paróquia da Benção Divina, em Sao Francisco de Paula/RS, sendo a segunda mulher negra ordenada na

IEAB. Assumi a Paróquia São Paulo em Cachoeirinha/RS, ao mesmo tempo que dava aulas de Estudos Sociais no Seminário em Porto Alegre. Amei aquela congregação de pessoas fiéis e comprometidas com a Igreja e com o Reino de Deus. Muitas vezes ia pra Cachoeirinha e dormia na casa de paroquianos.

Em 1993 fui ordenada ao presbiterado e no mesmo ano concorri a uma bolsa para estudar no curso de Estudos Ecumênicos do Instituto de Ecumênico de Bossey, do CMI (Conselho Mundial de Igrejas). Fui aprovada, fiquei feliz com a possibilidade. Foi difícil obter a aprovação do bispo, mas com o apoio do Revdo. Jaci Marachin, obtive a aprovação. Vendi tudo o que eu tinha para conseguir dinheiro para a passagem e pagar um curso de inglês. Viajei, como se diz, “de mala e cuia” para a Suíça. Na Suíça tive um problema sério de saúde. Sofri uma Síndrome nefrótica, um distúrbio renal. É muito difícil e solitário ficar doente em outro país. Foi a primeira vez que tive que encarar a minha própria mortalidade, comecei a repensar as minhas escolhas, o meu ministério e o que eu queria de fato fazer. Sou grata a Deus, e à equipe médica do Hospital de Genebra, assim como também ao carinho, ao apoio e à hospitalidade de Ronei, meu amigo de infância, e seu companheiro Godo, que cuidaram de mim na fase aguda da doença.

Em fevereiro de 1994 voltei ao Brasil. Como não tinha casa para morar, fiquei hospedada no Seminário em Porto Alegre. Agradeço ao Bispo Orlando dos Santos e a Professora Vera Lúcia dos Santos, que me apoiaram. Continuei com o tratamento dos rins e voltei a trabalhar na Paróquia São Paulo, em Cachoeirinha. Muitas vezes não tinha dinheiro pra comprar medicação, pois o salário que recebia cobria as despesas da UNIMED e o transporte para Cachoeirinha. Agradeço a Revda. Magda Guedes, então seminarista, e a Revda. Carmen Eitel e a membros da Paróquia São Paulo, a ajuda financeira e o apoio que recebi durante os meses que estive hospedada no Seminário.

Na Inglaterra, servi em Saint Albans, como companheira em missão, no Grassroots Programme, Luton e fui coadjutora assistente da Paróquia All Saints, Luton (em 1996). Em Sheffield fui coadjutora na Paróquia Saint Leonard (em 1997); pároca na Paróquia St James & St Christopher & St Hilda (em 1999);

Capelã da Polícia Civil e da Prefeita Jane Bird (2003-2005); pároca associada da Rotherham Minster (2008); fiz mestrado em Teologia e Estudos da Religião, pelo York St John University, concluído em 2012; pároca da Paróquia Saint Peter & Saint Oswald (2015). Tenho participado das Comissões de: Liturgia; Justiça e Paz; Conselheiros vocacionais; e como assessora diocesana para assuntos étnicos.

Deixo como legado a marca de resistência e a consciência política de engajamento em causas sociais junto a movimentos sociais e sindicatos.



Arlinda

DE ARAÚJO PEREIRA

Diaconato: 15 de julho de 2001.

Presbiterado: 6 de fevereiro de 2011.

Cheguei ao mundo no dia 30 de abril de 1935. Sou divorciada e tenho duas filhas, Márcia e Mônica. Meu filho Olavo faleceu em 2016. Desde pequena gostava de acompanhar, com grande interesse, os sermões e estudos dominicais na igreja presbiteriana do Rev. Jerônimo Gueiros, no Recife. Na juventude, participei ativamente do movimento ecumênico, representado no Recife pela ACA - Associação Cristã de Acadêmicos, instituída e sustentada pelo Conselho Mundial de Igrejas, enquanto cursava Letras anglo-germânicas, na UFPE. Em seguida, fiz o curso de Pedagogia, na Universidade Católica, com especialização em Orientação Educacional.

Durante 5 anos ensinei inglês em alguns colégios do Recife, inclusive no Agnes Erskine e no Americano Batista. Depois de um período de um ano de estudos teológicos no Austin Presbyterian Seminary, Texas, USA, voltando ao Brasil, mudei-me para o Rio de Janeiro, onde trabalhei na campanha de alfabetização ABC, na Confederação Evangélica do Brasil.

O golpe militar suspendeu a campanha e eu, tendo sido demitida, fechei meu ciclo com a igreja presbiteriana e me afastei definitivamente. Tendo casado em 1965, dediquei-me à família e ao trabalho no departamento nacional do SESC, onde cheguei à chefia do setor de preparação de pessoal e onde permaneci por mais de 12 anos. Ingressei na PUCRJ, onde concluí o mestrado, tendo defendido uma dissertação sobre avaliação de programas de assistência às comunidades carentes, para o qual busquei fundamentação teórica principalmente nas contribuições brasileiras para a educação popular.

Fui então convidada pelo Rev. Jorge Macedo - anteriormente pastor batista e meu antigo amigo da ACA do Recife - para trabalhar com ele na Comissão de Combate à Hanseníase, que introduziu no Brasil o moderno tratamento da doença e a respectiva cura. Revdo. Jorge, àquela altura, havia se tornado anglicano e pároco de São Lucas, em Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro. Eventualmente passei a frequentá-la. Convidada para acompanhá-lo em uma agenda, descobri, no momento do rito dirigido por ele, que era aquilo que eu queria para minha vida: um velório sem lágrimas. Então me filiei à São Lucas - DARJ. Já enfermo, o Revdo. Jorge foi substituído pelo então Revdo. Celso Franco, que me surpreendeu logo em seguida, comunicando-me ter enviado uma carta ao Bispo Sidney. Surpresa, perguntei-lhe por que aquela informação. Ele me respondeu que era uma apresentação do meu nome para a ordenação. Achei uma loucura, reagi, mas tive que aceitar para não criar caso. A candidatura, a primeira de uma mulher no Rio de Janeiro, demorou a ser aprovada. Finalmente, foi realizada minha Ordenação ao Diaconato, em fevereiro de 2001. O presbiterado se deu no dia 6 de fevereiro de 2011, sob o episcopado de Dom Filadélfo Oliveira Neto.

De lá para cá tenho trabalhado como coadjutora: primeiro na então Catedral de São Paulo Apóstolo, com a Revda. Inamar; em seguida com o Rev. Caetano e depois, de volta a São Lucas, com o Revdo. Eduardo Grillo. Com a vacância - por eleição a bispo do Rev. Eduardo - continuo na São Lucas, como coadjutora junto ao Rev. Caetano. Atualmente sou capelã da UMEAB e do Capítulo Paroquial das Filhas do Rei. Anteriormente, tive uma passagem pela Capelania do Colégio Anglicano de Araras, Petrópolis, e durante um ano dei assistência pastoral, duas vezes por mês, na extinta Paróquia do Mediador, no bairro de Campinho.

No momento, tenho recebido solicitações da UMEAB de diferentes paróquias, o que me estimula a repensar a função de capelã, considerando a variedade de locais e experiências, a criatividade nas interferências e o que mais for necessário ao ministério e à expansão do Reino. Como faço parte do Movimento Mundial de Meditação Cristã, estou sempre atenta às oportunidades de inclusão das pessoas que vou encontrando para que encontrem um novo sentido na vida de oração ao mesmo tempo em que se exercitam na prática ecumênica.



Bianca

DAÉBS SEIXAS
ALMEIDA

Diaconato: 9 dezembro de 2017.

Presbiterado: 8 de dezembro de 2018.

Meu nome é Bianca Daébs Seixas Almeida, nasci no bairro do subúrbio ferroviário de Periperi, em Salvador/BA, aos 27 dias do mês de setembro do ano de 1974. Sou casada com Bruno Luiz Teles de Almeida e dessa união nasceu nosso filho João Wyclif Daébs Seixas Almeida, nosso melhor presente.

O gosto pela teologia surgiu em casa. Sou filha e neta de presbiterianos e tive o privilégio de ser conduzida no conhecimento e na espiritualidade por meu avô Adolfo Pereira de Souza, que amorosamente me fez desejar conhecer o saber teológico. Aos 18 anos, congregando em uma igreja Batista, próxima à minha residência, decidi que iria ao seminário estudar Teologia, mesmo sabendo da impossibilidade da ordenação feminina. A paixão pelos estudos teológicos, sobre os quais pautei minha formação acadêmica, levou-me aos compromissos de fé com um evangelho inclusivo, sempre atenta às questões que relacionam educação, gênero, classe e raça/etnia.

O meu discernimento vocacional não teve um capítulo extraordinário, ele foi fruto da educação que recebi e da minha enorme paixão pela teologia encarnada e personificada na fé das pessoas. Essa relação, que ultrapassa a razão e tange o mistério, me fascina desde a adolescência. Já que não podia educar nos púlpitos da minha Igreja, passei a educar as pessoas que iriam ocupá-los. Contraditoriamente, eu podia ser professora dos futuros pastores, mas não podia dividir com eles o espaço do púlpito. Isso muito me dizia sobre as questões de gênero nos espaços de poder do mundo eclesialístico.

Paralelamente ao Magistério Teológico, fiz outra carreira acadêmica, pois era preciso ter autonomia financeira para ter a liberdade de poder seguir. Aos 26 anos, casei-me com Bruno e juntos decidimos fazer a experiência de viver o *ethos anglicano*. Na Igreja Anglicana provei as dores e as delícias de ajustar prática e discurso sem subterfúgios e assumir o evangelho que escandaliza por sua proposta revolucionária de Amar! Vi então que minha vocação ministerial - já exercida através dos processos educativos em minha paróquia, na minha comunidade e no exercício do magistério teológico - poderia, sem problemas, subir ao altar como oferta suave.

Depois de 15 anos de confirmada e dez anos servindo como ministra pastoral na minha comunidade local e na IEAB, ao término do doutorado em Educação, na Universidade Federal da Bahia, solicitei ao pároco que desse curso aos encaminhamentos finais para minha ordenação. Cumpridos todos os prazos canônicos, em dezembro de 2017, no episcopado de Dom João Cância Peixoto Filho, fui ordenada Reverenda da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, na Capela do Cemitério Britânico, na Ladeira da Barra em Salvador-Bahia, rememorando a história e *celebrando o legado de todas as mulheres que professaram e viveram o evangelho inclusivo sob a inspiração profética da Ruah Divina*, como disse, de modo belo e sensível, a Revda. Sônia Mota, em sua bela homilia por ocasião da minha ordenação Diaconal. Assim, dei início a um novo tempo!



Carmen Etel ALVES GOMES

Diaconato: 5 de maio de 1985.

Presbiterado: 2 de março de 1986.

Nasci em Santana do Livramento, no dia 6 de outubro. Estado Civil: Feliz!

Fui ordenada ao diaconato na Paróquia do Nazareno, em Santana do Livramento/RS, pelo Bispo Olavo Ventura Luiz, Diocese Sul Ocidental, no dia 5 de maio de 1985, tendo sido a 1ª Ordenação Feminina na América do Sul. A Ordenação ao Presbiterado aconteceu no dia 2 de março de 1986, na Paróquia de Cristo, Jaguarão/RS.

Desde o ventre de minha mãe fui levada para a Igreja e para a comunidade Episcopal Anglicana do Brasil. Cresci e aprendi junto com meus irmãos, na escola Dominical e na Catequese da Igreja. Acolitei, fui líder da juventude, trabalhei em missões com jovens, e depois de ter assumido todos os cargos na Igreja me senti chamada por Deus para servir de uma maneira plena.

O Seminário estava aberto a receber mulheres. A Sra. Nilde estava estudando para ser freira na Igreja Episcopal, mas não se falava em ordenação de Mulheres. Éramos três jovens: Maria José, Carmen Suzana Bayon e eu, juntamente com colegas homens, estudando teologia no seminário regional.

Em 1984, o Sínodo aprova a ordenação feminina e a minha ordenação acontece em seguida. Fui enviada à Paróquia de Cristo, em Jaguarão. Trabalhei com a comunidade e a Cidade de Meninos, internato para crianças carentes e alguns órfãos. Lá é possível descobrir no dia a dia uma imagem de Deus da cor da maioria das crianças: Deus Negro! E também um Deus Mãe, pois esse

Deus identifica-se com a dor e o sofrimento da maioria dos meninos negros e abandonados daquele lugar! Eles me ensinaram muito sobre novas imagens de Deus, questionando uma teologia branca e racista.

Em 1986 fui enviada por um mês à Inglaterra, o berço do Anglicanismo, para realizar - com outras colegas de várias províncias anglicanas - palestras e testemunhar a importância da ordenação feminina. Conheci Li Tim Oi, Barbara Harris - primeira bispa dos EUA, mulheres proféticas e sábias que lutavam para incluir a todas no ministério da Igreja. Estivemos juntas com o Arcebispo de Cantuária Robert Runcie, para refletir o porquê de não ordenar mulheres na Inglaterra, e convidamos Sua Reverendíssima a ler a Bíblia com outras lentes, resgatando a memória de Maria Madalena: a primeira apóstola entre os apóstolos, exemplo de resistência em uma época em que a mulher vivia uma cultura de invisibilidade, aquela que nos motivou na nossa vocação tão injustiçada pela teologia tradicional, conservadora e sexista.

Juntamente com lideranças leigas da Diocese Sul Ocidental, iniciamos sistematicamente encontros de Mulheres e Bíblia. Um novo olhar trouxe para nós nova missão na Igreja: resgatar a mulher de sua invisibilidade na sociedade. A Bíblia é uma das grandes ferramentas para ajudar a incluir a mulher nos vários espaços pastorais e missionários, ela nos ajuda a tirar o véu e apoiar o empoderamento da mulher, fazendo justiça a sua plena participação na diaconia e na missão de justiça, paz e integridade da criação. Foram mais de 12 encontros do Mulher e Bíblia, na DSO, que ampliaram nossa visão do mundo e da vida.

Depois de ter caminhado por diversos terrenos culturais e contextos diferentes, de norte a sul, e no exterior, trabalhando com imigrantes hispânicos, atendi duas catedrais, nas quais fiquei por pouco tempo. Novamente apaixonada pela missão, servi em Novo Hamburgo, na Paróquia de Todos os Santos, e trabalho com a ADEFI (Associação com deficientes) - descobrindo no olhar de cada um a semelhança daquele que nos motiva à Missão: Jesus Libertador, o servo sofredor, que se encontra em cada rosto desses pequeninos que me ensinaram que Missão é ter Compaixão.



Carmen

AKEMI KAWANO

Diaconato: 28 de fevereiro de 2009.

Presbiterado: 25 de setembro de 2010.

Sou casada, nascida em 15 de setembro de 1965, em Juquiá/SP. Fui batizada na Paróquia Anglicana de Cristo Rei, Registro, SP. Sou filha de Bunji Baba e Anita Takako Guio Baba.

Fui ordenada ao diaconato na Paróquia de São João, São Paulo/SP, DASP, em 28 de fevereiro de 2009 e ao presbiterado na Paróquia de Cristo Rei, Registro, SP, DASP, em 25 de setembro de 2010.

Tenho atuado na Diocese Anglicana de São Paulo, com as comunidades de língua japonesa, nas Paróquias de São João e da Ressurreição, também na cidade de São Paulo, e atualmente meu grande desafio é o de formar uma comunidade de brasileiros que celebra em português, na Paróquia da Ressurreição, que ainda é conhecida como de japoneses.

Na diocese, atuei por vários anos na Comissão de Ministérios, participei da Comissão de Planejamento e ainda atuo na Comissão de Ecumenismo e na Comissão de Diaconia e Incidência Pública. Sou coordenadora teológica diocesana desde 2016 e coordenadora do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos - AET. Sou membro do Conselho Diocesano do qual fui presidenta no exercício de 2016 e 2017. No âmbito provincial, participei da Comissão Nacional Bilateral de Diálogo Anglicano-Luterano, de 2010 a 2013, e da Comissão de Preparação da Campanha da Fraternidade Ecumênica - CFE 2016, de 2014 a 2016. Sou capelã da UMEAB diocesana desde 2013 e fui Capelã da UMEAB provincial, de 2012 a 2018. Também representei a IEAB no Conselho Consultivo Anglicano até 2018.

Talvez a maior contribuição, até o momento, tenha sido na área de formação, principalmente em história, com a publicação de dois livros: “Seikokai - A história da primeira construção religiosa dos japoneses no Brasil” e “João Yasoji Ito - vida e obra do missionário e História da Paróquia de São João”. Há um livro no prelo sobre Dom Sumio Takatsu e um livro em preparação, sobre o missionário John Orthon.

De qualquer forma, até agora, creio que tenho deixado contribuições em trabalhos ecumênicos e em capítulos de livros e publicações em revistas, sobre a caminhada com pessoas amigas de outras Igrejas, com as quais procuro testemunhar a unidade e transformar as realidades injustas da sociedade.



Cláudia

REGINA

PRATES BATISTA

Diaconato: 14 de março de 2010.

Presbiterado: 18 de setembro de 2011.

Nasci no dia 1º de setembro de 1964, na cidade de Canoas/RS. Sou filha de Leusa Prates e Geraldo Flores Prates e resido em Esteio/RS. Estou em meu segundo casamento, tenho um enteado casado e dois netinhos. Não tive filhos.

Sempre fui episcopal anglicana, da Diocese Meridional. Fui batizada aos 16 anos e já confirmada no mesmo mês e ano do batismo. A Paróquia São Lucas, Canoas/RS, é minha comunidade de fé. Nela atuei na coordenação do Grupo de Jovens e participei também da UMEAB e, quando “dei por mim” estava na Junta Paroquial. Foi essa comunidade que me recomendou ao seminário para estudar Teologia e ter a formação necessária para alcançar as Sagradas Ordens. Na diocese, fiz parte da Coordenação da Pastoral da Juventude (UJAB). E foi nesse envolvimento do trabalho cristão que cheguei ao Seminário Teológico Dom Egmont Machado Krischke, em março/2002, pois em minha mente ficava a me perguntar o que mais poderia eu fazer para ajudar nossa Igreja, e foi assim que entendi o chamado de Deus para o Ministério Ordenado Feminino. Estagiei nas seguintes comunidades: Paróquia São Lucas, Paróquia da Ressurreição (Porto Alegre/RS), Missão de São Miguel e Todos os Anjos (Alvorada/RS), e Paróquia São Paulo (Cachoeirinha/RS). Minha ordenação Diaconal foi na Catedral Nacional da Santíssima Trindade (Porto Alegre/RS), em 14 de março de 2010, quando já postulava em Cachoeirinha.

Só tomei a decisão ao presbiterado quando tive certeza da vontade de Deus para comigo. Essa experiência ocorreu em um culto de domingo

na Paróquia São Paulo, durante as orações, estando já ajoelhada me veio à mente uma cena em que eu estava unguendo uma pessoa doente em sua casa. Lembrei então de Tiago 5:14 “Se algum de vocês estiver doente, que chame os presbíteros da igreja, para que façam oração e ponham azeite na cabeça dessa pessoa em nome do Senhor.” Comecei a chorar, e no dia seguinte fiz minha solicitação. Minha Ordenação Presbiteral foi na Paróquia São Paulo, em 18 de setembro de 2011, onde fui instituída Pároca logo em seguida. Em 21 de fevereiro de 2016 fui instituída reitora da Paróquia do Redentor (Porto Alegre/RS), onde atuei até o início de 2020. Na diocese, também participo da Comissão Diocesana de Comunicação; sou integrante da Equipe Missionária de atendimento à Missão do Advento no Caraá/RS; sou representante diocesana junto ao CONER-RS (Conselho de Ensino Religioso do Estado do Rio Grande do Sul). Posso dizer que em todas as comunidades onde trabalhei foi um período de muito aprendizado e alegria, não esquecendo que houve, sim, momentos difíceis, os quais me ajudaram no meu crescimento não somente em termos de aprendizado, mas também espiritual.



Dilce

PAIVA DE OLIVEIRA

Diaconato: 23 de abril de 1995.

Presbiterado: 20 de outubro de 1996.

Nasci no dia 7 de junho de 1966, na cidade de Arroio Grande/RS. Meus pais são Alda Duarte Paiva, falecida em 7 de maio de 2015, e Dimas Soares de Paiva. Sou casada com Paulo Ricardo Medeiros de Oliveira e mãe de Arthur.

Conheci a Igreja Anglicana pelas mãos de minha mãe, que nos conduzia à Igreja semanalmente, já em Jaguarão. Aliás, sempre me considerei de Jaguarão, pois são de lá minhas primeiras lembranças na relação com a Igreja. Tive o privilégio de ser paroquiana de reverendos que foram ou são bispos da Igreja, como o Bispo Jubal Neves, Bispo Olavo Luiz, Bispo Naudal Gomes. Assisti à ordenação ao presbiterado da Revda. Carmen Etel. Todos deixaram uma marca indelével na minha vida e fé.

Em 1988 fui para Pelotas na intenção de cursar Estudos Sociais, na Universidade Federal de Pelotas. Embora participasse com regularidade na Paróquia de Cristo, em Jaguarão, foi em Pelotas que se fortaleceu minha proximidade com a Igreja. Comecei participando das celebrações, na então Paróquia do Redentor, que tinha como pároco o Rev. Cleny Vergara. Somente em 1989 comecei a participar mais efetivamente das ações da Igreja, com a criação da Diocese Anglicana de Pelotas. Muitas pessoas, cléricas e leigas foram importantes nessa época e influenciaram minha decisão pelo ministério ordenado, o que me levou a ir para Porto Alegre para cursar Teologia no Seminário Nacional da Igreja.

Conclui o curso de Teologia em 1994, fui ordenada ao Diaconato em 23 de abril de 1995 e ao Presbiterado em 20 de outubro de 1996. Sempre estive na Diocese Anglicana de Pelotas, embora não tenha faltado convite para concorrer à reitoria de paróquias de outras Dioceses. Em 1998, frequentei o curso de Capelania Marítima no Seamne's Church Institute, de Nova Jersey e Nova Iorque, durante 5 meses, e em 2005 o Curso de Pós Graduação em Ensino Religioso Escolar da Escola Superior de Teologia. Ao longo desse tempo de igreja/de ministério, já participei da JUNET, Conselho Executivo, Secretaria de Educação Cristã e, atualmente, da Comissão Nacional de Liturgia e Comissão Nacional de Diaconia, como contato diocesano do SADD, além de participar do Conselho Diocesano por diversos mandatos e secretarias, comissões e pastorais diocesanas. Atualmente estou coordenadora do SADD.

Espero deixar como legado a fidelidade às pessoas de minha Diocese, que me apoiaram e continuam apoiando meu ministério, desde a minha formação até hoje, e me sustentado com sua dedicação e fé.



Dione
GUINDO
DOS SANTOS
(1918-2008)

Diaconato: 04 de fevereiro de 1990.

Nascida em 11 de janeiro de 1918, na cidade São Gabriel/RS. Filha de Severina de Oliveira G. Guindo e Armando Guindo Garcia. Casou aos 33 anos com Breno dos Santos, em 1951, com quem teve dois filhos e uma filha: Breno Sérgio, Carlos Armando e Rosane. Quando do processo para a ordenação já estava viúva.

Foi radiologista e aposentou-se após quinze anos de serviços prestados nessa profissão.

A reverenda Dione atuou como secretária da SAE (atual UMEAB); como tesoureira das Caixinhas Azuis, da Ordem das Filhas do Rei; como diretora do Sodalício do Altar; e foi Coadjutura da Paróquia da Redenção, São Gabriel/RS.

“Mulher muito simples e de muita oração. Ensinou-me muito”, testemunhou seu colega de ministério Revdo. Rodimar Pinto Lopes, que teve o privilégio de ser seu reitor.

Dione foi uma grande admiradora do apóstolo Paulo. Considerava suas epístolas maravilhosas. Gostava sobretudo da I Epístola aos Coríntios, cujo capítulo 13 era o seu predileto, o que se corporifica no seu testemunho pastoral, como excelente pastora que foi, segundo o testemunho emocionado de sua colega de ministério Ana Maria Esvael, e também no zelo pela Igreja.



Elaine

NASCIMENTO

Diaconato: 10 de março de 2013.

Presbiterado: 24 de março de 2014.

Nasci no dia 24 de abril de 1979, em Jundiaí/SP, filha de Francisco Escaravajal e de Luiza Frigelli Escaravajal. Sou casada com Sérgio Moacir dos Reis. Sou de uma família muito humilde, pai agricultor e mãe doméstica, que com muita dificuldade construíram uma família - uma família formada não apenas por laços de sangue, mas com vínculos do coração. A casa a que me refiro sempre estava aberta para acolher todas as pessoas que por ela desejassem passar ou ficar, assim como eu, que cheguei apenas com 7 dias.

A maior herança que recebi foram os ensinamentos sempre baseados na honestidade, humildade, amor e fé em Deus. Sempre em meio aos princípios da fé, desde muito cedo, percebi o chamado. Talvez meu espírito questionador e a forma como fui educada, sempre visando à acolhida, me fizeram notar que poderia contribuir muito mais para a transformação das estruturas onde vivemos. Tive a certeza do meu chamado quando conheci Igreja Anglicana, um lugar que sempre me possibilitou exercer minha vocação não apenas como leiga, mas como ministra ordenada.

Minha ordenação diaconal ocorreu no dia 10 de março de 2013, na Catedral Nacional da Santíssima Trindade, em Porto Alegre/RS, Diocese Meridional. A ordenação ao presbiterado foi no dia 24 de março de 2014, Paróquia São Mateus, em Sto. Antônio da Patrulha/RS, Diocese Meridional. Desde a minha ordenação atuei na mesma área pastoral desde o início. Em meu primeiro ano de ministério, atendia uma paróquia, duas missões e um ponto de evangelização. Sou a primeira mulher a assumir esta área pastoral.

Sofri na própria pele o que é ser pioneira. Logo de chegada, uma das lideranças mais fortes da paróquia me recebeu com o seguinte discurso “não acredito no ministério feminino.” Aprendi muito com essa frase. Primeiro, que precisava orar muito; segundo, que precisava de uma rede de apoio entre meus colegas de ministério e terceiro, que todos os dias eu precisava provar que era capaz. Essa mesma liderança, após um período de enfermidade - o qual acompanhei semanalmente - dias antes de falecer me disse que eu havia mostrado que o ministério feminino é possível. Acredito que esse foi um divisor de águas no meu ministério, pois aprendi, cresci e amadureci. Ao chegar à paróquia a comunidade me possibilitou o abrir dos olhos para uma nova visão menos conservadora. Assim, com o tempo, estabelecer uma boa relação com os paroquianos se tornou tarefa mais acessível possível, tendo sido satisfatório perceber o apoio que recebi e a confiança que me foi depositada. Acredito que fiz um bom trabalho, pois tento cumprir meus deveres e reivindico meus direitos. Sou considerada liderança entre jovens paroquianos, pela minha determinação, criatividade, sagacidade, espírito sonhador, e, ao mesmo tempo, por ser respeitada pelos mais velhos da igreja. Durante os sermões, costumo abordar temas que os tirem da zona de conforto, para fazer que reflitam e discutam sobre eles.

Acredito que minha contribuição seja exatamente abrir caminho para as próximas clérigas e mostrar que existe um novo jeito de ser igreja, muito mais acolhedora, inclusiva, libertadora e com uma leitura muito mais feminista de nossas estruturas.



Eliane

CRISTINA VIEIRA

Diaconato: 10 de outubro de 2010.

Presbiterado: 09 de novembro de 2014.

Sou Eliane Cristina Vieira, natural de Conceição/PB. Nasci no dia 22 de maio de 1967, tendo sido a décima filha entre seis irmãos e cinco irmãs. Meu pai, Severino Silva, era pedreiro e minha mãe, Francisca Lopes Vieira. Não tenho muita lembrança de minha infância, mas sei que fiz a primeira comunhão na Igreja Romana. Minha mãe era muito frequente às missas e nos terços. Meu pai não participava de nenhuma igreja, contudo tinha uma alma muito bondosa.

Na pré-adolescência conheci a Igreja Assembleia de Deus por meio de uma colega da escola. Após uma rápida passagem, passei a me interessar pela Igreja Batista da Convenção Brasileira. Em 1988 fui morar em João Pessoa e comecei a estudar Teologia no Seminário Batista. Fui convidada a ajudar a Igreja Batista em Caaporá, onde resido. Desenvolvemos o trabalho missionário na Igreja em todos os departamentos (infantil, de adolescentes, de mulheres, escola bíblica, ministério de louvor e oração). Realizei ações ecumênicas com a Igreja Romana e o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). Em 1990, prestei concurso público para professora na cidade de Caaporá e fui aprovada. No mesmo ano casei e tive dois filhos e uma filha. Em 1995, aproximei-me da IEAB, comecei a conhecê-la, principalmente a partir da proposta de inclusividade, diálogo inter-religioso e reconhecimento do ministério feminino ordenado. Em outubro de 1998 saí da Igreja Batista e comecei o Ponto Missionário das Boas Novas, que mais adiante se tornou

Paróquia, na qual instituída Ministra Leiga. A permanência em Caaporá foi de 1998 até 2004.

Do início de 2005 até 2007 fui servir à Missão em Palmas/TO. Desenvolvi muitas ações na área social com pessoas LGBTI+, indígenas, mulheres profissionais do sexo, enfrentamento à violência contra a mulher, Direitos Humanos, movimento macrorreligioso, no “Movimento pela Vida”. Colaborei no trabalho na Comunidade do bairro Aurenny II, e atuei na presidência da Casa 08 de Março, ofertando vários cursos profissionalizantes às mulheres vítimas de violência e às profissionais do sexo. Trabalhei na alfabetização de crianças pelo SAME - Serviço do “menor” estudante.

No final de 2007 voltei para o Nordeste. Morava em João Pessoa e trabalhava em Caaporá. Em 2008 colaborei com a UMEAB da Paróquia Boas Novas e em João Pessoa ajudei a organizar o Ponto Missionário da Graça Divina, sendo muito atuante nas causas sociais, nos movimentos ecumênicos e de diálogo inter-religioso. Em 2010 fui ordenada ao diaconato e designada ministra encarregada na Paróquia Boas Novas, onde também fui ordenada presbitera em 2014 e onde estou até o presente momento, onde coordeno dois projetos sociais com mulheres, para complementação de renda e ou geração de renda: um deles é o “Sabor da vida & Festas”, doces e salgados, e o outro, ‘Que Massa’ - pães, para jovens e adolescentes em situação de risco. Sou professora da Terceira Ordem da Sociedade de São Francisco de Assis e Santa Clara - TSSF.

Penso que as minhas experiências para IEAB são exemplos de força, resistência, determinação e empoderamento. É muito árdua a caminhada e são muitos os ataques, os preconceitos e as discriminações sofridas vindas de outras igrejas cristãs - isso porque sou mulher ordenada ao ministério. Lidero uma comunidade de discípulos e discípulas de Jesus Cristo que têm como lema “Celebrar, Acolher e Servir”. A cada dia mais a Ruah Divina me convence de sua Missão, impulsionando-me e sendo fiel em estar comigo nas dificuldades, nos obstáculos e nas alegrias e conquistas também.



Elineide

FERREIRA OLIVEIRA

Diaconato: 30 de setembro de 2012.

Meu nome é Elineide Ferreira Oliveira, nascida em 27 de novembro de 1985, na cidade de Ariquemes/RO. Filha de Maria da Conceição Ferreira Sales e Manoel Souza Oliveira. Sou casada com Jailson Machado e mãe de Maria Eduarda Oliveira Micalseshen.

Meu despertar para a minha vocação se deu por meio da minha comunidade e do Revdo. Hugo Armando Sanchez, que me propuseram se eu aceitava ser Ministra Leiga. Assim, fui instituída no ano de 2007 e servi minha comunidade por um período de 5 anos. Então, quando o Revdo. Hugo decidiu ir para outra comunidade, surgiu a necessidade de se ter uma diácona para atender as comunidades Santíssima Trindade e o Ponto Missionário São Pedro São Paulo, na zona rural no Distrito Missionário. Nessa ocasião, fui indicada a ser ordenada e a assumir as comunidades, como ministra encarregada - o que aceitei e assim estou até a data de hoje. Fui ordenada Diácona em 30 de setembro de 2012.

Em toda minha trajetória já coordenei em minha paróquia grupo de juventude; participei também de encontros e atividades locais, estaduais e nacionais; já representei a IEAB em vários eventos como: seminários, encontros, partilhas, simpósio, entre outros. Esses encontros ocorreram com participação e articulação de outras denominações, de cunho ecumênico e social, como: CONIC, CEBI, SESI, entre outros. Atualmente, desempenho a função de contato distrital do SADD, onde tive a oportunidade de vivenciar momentos de imenso aprendizado, com duas experiências: ir a Colômbia para

falar da minha experiência de trabalho com mulheres em situação de violência e para ouvir a experiência local, com momentos de partilhas.

Sou coordenadora e assistente social da Casa de Apoio Noeli dos Santos, local de acolhimento à mulher em situação de violência, e esta experiência me deu a oportunidade de enriquecer meu lado social, crítico, político e, principalmente, diaconal. A Casa de Apoio tem tido relevante reconhecimento local, nacional e internacional. Com o apoio do SADD e suas parcerias com agências internacionais, a Casa tem se mantido em funcionamento e chegado a várias instâncias, com reconhecimento e como referência do trabalho voltado à mulher. Meu envolvimento frente a esse projeto é grande, pois exerço a função de assistente social. Além disso, sou presidente do Conselho Municipal de Direitos da Mulher, coordenadora da Rede Local de Enfrentamento à Violência Familiar, coordenadora da Casa Noeli dos Santos, representante da IEAB no Comitê Municipal contra violência.

Meu legado tem sido no envolvimento das comunidades pelas quais estou responsável e à frente dos trabalhos diaconais. Nosso papel como comunidade e enquanto filhas/os de Deus é o de sempre ter um olhar sensível, sem preconceitos e ativo, colocando Evangelho em prática. Embora sendo uma comunidade pequena, de baixa renda e pouca instrução escolar, temos feito o que uma comunidade de centenas de membros, alta renda e alta instrução escolar e até mesmo acadêmica não faz, que é verdadeiramente ofertar a muitas pessoas a oportunidade de mudarem de vida e saírem de uma situação de vulnerabilidade, passando a ter uma vida com dignidade - seja homem, mulher, criança, idosa, com deficiência, negra e LGBTI+, enfim, todas as pessoas têm direito a uma vida de respeito e dignidade. Podemos dizer que o alcance do trabalho de nossa comunidade é semelhante ao de igrejas grandes e com potencial econômico e acadêmico.

Minhas experiências e legado têm sido pautados no meu envolvimento em todas as instâncias de nossa sociedade, estando presente na amada IEAB através do projeto da Casa de Apoio Noeli dos Santos. Não desperdiçamos oportunidades de sempre levar as Marcas da Missão desta Igreja missionária.



Enilda
RODRIGUES
PALMA
(1928-2014)

Diaconato: 5 de março de 1990.

Reverenda Enilda Rodrigues Palma, nascida em 09 de outubro de 1928, em Palmas, Distrito de Bagé/RS; filha de Alexandrina Pimentel Rodrigues e Jorge Rodrigues da Silva. Teve seis filhos e duas filhas. Sua decisão pastoral deu-se a partir de um convite feito pelo Revdo. Francisco Paulo, a fim de participar de uma formação para o ministério auxiliar. Sua ordenação diaconal foi em Santa Maria, na Diocese Sul Ocidental.

A trajetória de nossa irmã Enilda na IEAB teve início após casar-se, na Matriz do Crucificado, em Bagé, em cerimônia presidida pelo Revdo. Antônio Guedes. Desde então, sentindo-se acolhida, começa sua participação efetiva como leiga na igreja. Francisco Palma, seu esposo, trabalhava na estação ferroviária, e por esse motivo se mudavam muito e onde quer que fossem procuravam uma comunidade da IEAB para participarem.

Em Porto Alegre fizeram parte, por anos, da Paróquia Santo André; hoje Paróquia da Ressurreição. Retornando à Bagé, frequentaram a Paróquia da Crucifixão, no bairro Getúlio Vargas, da Diocese Sul Ocidental. Nessa Paróquia, o trabalho de nossa irmã Enilda foi intenso, ficando para a história do bairro as belíssimas promoções de chás e almoços, como galletos e mocotó, visando contribuir para o sustento financeiro da igreja. Nesse período também promovia cursos (uma qualidade da reverenda, gostava muito de compartilhar seus habilidades). Participava dos cultos e quando pregava o fazia com muita devoção e emoção, demonstrando toda sua fé. Foi também membra da Irmandade da Santa Cruz e Obreiras Cristãs. Fundou a Missão

da Cruz, no bairro Malafaia, em Bagé, como uma extensão da Paróquia da Crucifixão, posteriormente atendida pela Revda. Eva Gomes.

Atuou também em Passo Fundo/RS. Após a ordenação diaconal passou a servir às comunidades de Jaguarão, de Arroio Grande e de Pelotas, da Diocese Anglicana da Pelotas. Embora já com idade avançada, sua disposição ao trabalho e evangelização eram notáveis. Na Paróquia da Santíssima Trindade igualmente desenvolveu um trabalho muito relevante junto aos colegas e paroquianos. Até o fim de sua vida foi sempre atuante e devota.

Deixou um legado de muita fé e fidelidade à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Ao longo de sua vida foram muitos os convites a amigos e familiares para fazerem parte nessa caminhada. Juntamente com seu amor e companheiro, Francisco Palma, dedicou-se à Igreja e ao trabalho missionário, fundando missões onde não havia. A nós, familiares e amigos, deixou um exemplo de dedicação e grande AMOR a Deus, o que muito nos orgulha.



Ester PIMENTEL RODRIGUES

Diaconato: 14 de abril de 1996.

Presbiterado: 12 de outubro de 1997.

Sou a Revda. Ester Pimentel Rodrigues, nascida no dia 16 de agosto de 1941, em Palmas, Distrito de Bagé/RS. Filha de Alexandrina Pimentel Rodrigues e Jorge Rodrigues da Silva. Sou separada (separação consensual) e tenho uma filha adotiva.

Sobre minha vocação foi assim: fui convidada pelo Revdo. Francisco Paulo para cursar o Seminário em Porto Alegre, Num primeiro momento, por não me achar vocacionada, agradeci. Após dois anos, e com a ideia mais amadurecida, comecei o curso. Fui ordenada Diácona em abril de 1996, em Bagé, na Matriz do Crucificado, Diocese Sul Ocidental. Minha Ordenação Presbiteral foi em 1997, na cidade de Santa Maria/RS, na mesma Diocese.

Ao terminar o curso de Teologia no Seminário, trabalhei em Bagé, minha cidade natal. Passei então a ser coadjutora do Revdo. Ramacés. Enquanto Diácona, atendi à Capela e ao Asilo Lar Cristão São Paulo, hoje extintos. Foi gratificante receber o carinho das idosas! Como diz São Francisco: “É dando que se recebe”. Ali formei também a Escola Dominical, com a ajuda da Mara Yone, na época estudante e candidata ao Ministério Auxiliar. Comecei a frequentar a IEAB com 9 anos de idade e aos 17 ministrava aulas na Escola Dominical, no Lar Cristão São Paulo. Foi desejo de Deus que aos 54 anos, eu retornasse para essa casa, agora como Diácona, para continuar o mesmo trabalho de evangelização das crianças. Nesse meio tempo fiz o mesmo trabalho em Canoas/RS, na Paróquia São Lucas; e em Porto Alegre, na Paróquia Santo André; em Bagé, na Igreja da Crucifixão. Por isso, ao retornar

à Capela do Lar São Paulo, a primeira coisa que fiz foi reativar a escolinha, por amar os encontros e entender que ali estava o futuro da IEAB. Na Matriz do Crucificado, trabalhava com a Irmandade Santa Cruz. Aos sábados, culto na Cidade dos Meninos, e, semanalmente, visitação ao Albergue Noturno e Lar da Criança Santo Estevão.

Após ter sido ordenada Presbítera, minha missão foi em Pinheiro Machado, na Paróquia São João Evangelista. Como reitora, dei continuidade ao trabalho da Santa Cruz, Escola Dominical, visitação a doentes - fossem anglicanos ou não, pois é o que Jesus nos ensina: amar o próximo! O mesmo trabalho realizei em hospitais e asilos. Nosso trabalho foi reconhecido e passamos a receber contribuições mensais do prefeito da cidade e de alguns vereadores. Tínhamos grandes problemas financeiros, que foram sanados com a promoção do Baile da Terceira Idade, sempre deixando bem claro aos participantes que se tratava da extensão da Paróquia.

Como legado, acredito ter deixado o trabalho com as crianças, na escola dominical, com jovens, idosos e demais paroquianos. Trabalho de propagação do Evangelho de nosso Senhor e conhecimento da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

Na Paróquia São João Evangelista, em Pinheiro Machado, quando - para resolvermos questões financeiras - criamos o baile da terceira idade como uma extensão da Paróquia, foi um sucesso que ficou conhecido como "Baile da Reverenda". Antes do Baile, sempre or vamos de mãos dadas pelos doentes e tínhamos Benção de Natal e Ano novo. Muito bonito! As pessoas da comunidade eram convidadas a participar dos cultos e outras atividades da igreja. Tudo feito com grande apoio dos paroquianos. A comunidade achou-se incluída por nossa Igreja.

Uma vez aposentada, acredito ter sido esse o legado que deixei em minha missão evangelizadora, além de muito amor, dedicação, honestidade, determinação, devoção, ganhando desta forma o respeito e reconhecimento das pessoas e irmãos da IEAB. Sou imensamente agradecida a Deus pelo chamamento e pela oportunidade de levar seus ensinamentos a todos, durante toda a minha vida.



Eva ARRIECHE

Diaconato: 31 de agosto de 2014.

Nasci na cidade de Rio Grande, no Sul do Brasil, em 1948. Meu pai chamava-se Pedro Vicente e minha mãe Conceição. Fui a meninazinha esperada depois de dois meninos (o terceiro viria mais tarde). Andei logo que completei um ano e me desenvolvi sem problemas de saúde, até que... aos três anos e alguns meses surgiu o primeiro sinal de algo que me acompanharia por toda vida: a artrite reumatóide juvenil. Muita dor no tornozelo, inchaço e a dificuldade de andar. Daí em diante tudo na minha vida foi determinado pela artrite que me causou deformidades e dores.

Sempre tive uma ligação muito forte com Deus, e isto eu considero uma bênção pela qual não canso de agradecer. Não se trata de “gostar de sentir dores”, disse não gosto. Minha gratidão vem da consciência de que em Deus eu tinha e tenho um amigo, alguém que sempre está comigo com seu cuidado, amoroso.

Com seis anos de idade minha mãe fez o que de melhor poderia ter feito por mim: ela me alfabetizou. Passei a ler tudo quanto chegava às minhas mãos. Passei a ganhar livros de historinhas infantis e muitas histórias de vida de santos, e até mesmo algumas fotonovelas.

Na maior parte do tempo da minha infância e da adolescência quase não tive condições de sair sequer da cama, tinha dores terríveis. Quando todos os médicos da cidade haviam sido consultados, fui levada para um centro maior e depois para outro e outro... Eu tinha treze anos quando meu pai transferiu a família para Porto Alegre e em menos de um ano ele faleceu. O exemplo de religiosidade que tenho vem de meu pai. Ele era uma pessoa de muita

fé. Lembro-me dele fazendo suas preces junto a mim enquanto eu delirava em razão da febre que sempre acompanhava as crises. Eu me tranquilizava ouvindo sua voz e suas palavras que me apresentavam um Deus maravilhoso que me fazia sorrir, ainda que em meio a muita dor. Eram orações tranquilas, de confiança, nunca de cobranças ou desespero. Essa atitude dele me ajudou muito!

Hoje eu tenho certeza de que meu pai me proporcionou uma cura que ele mesmo não imaginou. Apesar de toda a dor com os tratamentos extremamente dolorosos pelos quais eu passei, a minha saúde emocional se manteve muito bem. O Deus que me foi apresentado era um Deus de muito amor, de muito cuidado; um Deus no qual eu podia confiar; um Deus Pai. Tenho certeza de que o melhor de mim vem dessa espiritualidade. Posso dizer que ser curada ou curado não é ter o corpo limitado transformado em um corpo perfeito. Ser curada é deixar de sofrer. Ser curada é ser feliz, é ter consciência da divina filiação, de fazer parte do plano de amor de Deus. “A dor é inevitável. O sofrimento é opcional...” Conheci esse poema de Drummond muitos anos depois, mas aquela menina já sabia disso e vivia essa verdade na sua plenitude, ela jamais optou pelo sofrimento.

Conheci a Igreja Anglicana num movimento ecumênico de pessoas com deficiências, do qual participei a partir de 1990. Costumo dizer que sempre fui anglicana, apenas não sabia disso. Passado algum tempo, fiz o supletivo e em seguida o curso de Teologia no Seminário Teológico Dom Egmont Machado Krischke. Minhas atividades na igreja se deram com maior intensidade antes de meu ingresso no Seminário, sempre na área da pessoa com deficiência, e na Diocese Meridional.

Atualmente, sou coadjutora na Paróquia da Ressurreição, em Porto Alegre, e coordenadora do Capítulo Cristo Rei, da Ordem das Filhas do Rei, cujo trabalho é manter a organização de enxovais para bebês carentes, com peças novas e usadas.

De qualquer forma, quero deixar como legado a afirmação de que tal como os braços de Cristo, a Igreja deve e pode acolher todas as pessoas. E mais: pessoas com deficiência não deixam de ter muitas possibilidades. Afirmo ainda que a cura vem da condição de ser recebida e reconhecida como igual, e receber condições de desenvolvimento, em toda parte e lugar. É sentir-se útil na construção de um mundo melhor, de um mundo perfeito, na construção do Reino de Deus.



Eva MILTA
ALVES GOMES
(1931-2011)

Diaconato: 4 de fevereiro de 1990.

Presbiterado: 21 de abril de 2002.

Eva Milta Alves Gomes nasceu no dia 27 de dezembro de 1931. Foi ordenada ao diaconato no 5º Domingo da Epifania, em Santa Maria/RS, dia 4 de fevereiro de 1990 e ao Presbiterado foi em 2002.

Em memória de minha mãe, Eva, grande inspiradora para minha vocação.

Eva foi uma mulher humilde, com um grande coração. Em sua casa, todos sempre tinham um lugar à mesa, pois ela partilhava o pão com os amigos e amigas da comunidade e com todos os que lá chegavam. Sua casa era o local de uma Igreja doméstica, onde se tocava violão, os jovens da UME (hoje UJAB), liam a Bíblia e viviam a missão da inclusão.

Eva, minha mãe, começou a frequentar a Igreja com uma família tradicional de Santa Ana do Livramento - a família Ucha. Assim, Maria, Alda, Noemi, Pacífico, todos faziam parte de sua família de fé. Com eles minha mãe aprendeu o caminho da fé, o caminho da casa de Deus! Gostava de trabalhar na Igreja, nas missões nas periferias da cidade de Sant'Ana do Livramento. Nas vilas, preparava sopão para as pessoas pobres se alimentarem e gostava de ensinar corte e costura. Casou-se com um jovem alegre chamado Martin Gomes, tiveram cinco filhos, três homens e duas mulheres. Porém a vida não é só de alegria; no meio da vida há morte, dor, sofrimento, vazio, pedras. Com 40 anos de idade ficou viúva. Inesperadamente seu companheiro de quase vinte anos partiu para a casa do Pai. Deus o chamou para a sua

morada, ficando Eva com cinco filhos. Naudal, o mais velho, foi quem assumiu a liderança financeira e segurou a casa para não desmoronar. *De mãos dadas oramos a nostalgia do Reino de Deus, de mãos dadas seguimos em frente, e repetimos as palavras que Cristo nos ensinou, Bem aventurados, os que choram...* Sentimos saudades juntos! Isso nos tornou fortes e, com o apoio da comunidade Episcopal, comunidade de Cristo, e de nossos bons pastores - Orlando, Jubal, Clóvis - seguimos em frente na construção dos nossos sonhos. Eva, mulher de fé, mãe que naquela noite escura de perda de seu companheiro reuniu os seus filhos e filhas embaixo de suas asas para protegê-los de todo o mal e seguir adiante. Reuniu-os para alimentar a fé e animá-los a ter esperança na Ressurreição.

Motivou a vocação cristã de dois filhos: de Naudal, hoje Primaz da IEAB, e a minha vocação (Carmen Etel Alves Gomes) para o seminário, em um tempo quando mulheres não eram ordenadas. Eva, minha mãe, levantou a bandeira junto com a SAE (atual UMEAB) para derrubar o preconceito que impedia mulheres de serem ordenadas. Como presidente da SAE Nacional, motivava vocações de muitas pessoas. Quando percebeu que os outros filhos e filha - Nalter, Dino e Lilian - haviam seguido outros caminhos, e como não tinha mais nenhum para enviar para a Seara do Senhor - ela mesma sentiu o chamado de Deus, ouviu a voz de Deus e, aos 59 anos de idade, respondeu ao chamado para o ministério diaconal. Juntamente com cinco diáconos e três diáconas foi ordenada em Santa Maria/RS, por um grande pastor dessa Igreja: Bispo Olavo Ventura Luiz. Chamada ao ministério local, foi trabalhar comigo, sua filha presbítera, em Jaguarão, e juntas seguimos em diversas comunidades nessa parceria do Reino de Deus. Em Jaguarão, Arroio Grande, Bagé, Pinheiro Machado, Dom Pedrito foi uma fiel pastora de Cristo e de seu rebanho. No dia que faleceu (21/06/2011) foi encomendada na Igreja da Matriz da Crucifixão. Estava vestida de alva branca, e seu rosto estava sereno. As pessoas lamentavam sua morte, crianças e jovens amigos de muitas comunidades choravam sua partida. E ela dormia o sono da morte, tranquilamente. Até parecia uma Bela Adormecida indo ao encontro do seu príncipe, o encontro final, quando certamente será um dia despertada pelo beijo de Deus. Hoje tudo o que somos e fazemos é sempre em memória dela, Eva, nossa mãe amada, parceira do Reino de Deus!

Por Carmen Etel Alves Gomes, reverenda, filha de Eva Gomes, irmã de Naudal Alves Gomes, Bispo da IEAB.



Gessi DASCH RODIO

Diaconato: 13 de outubro de 2019.

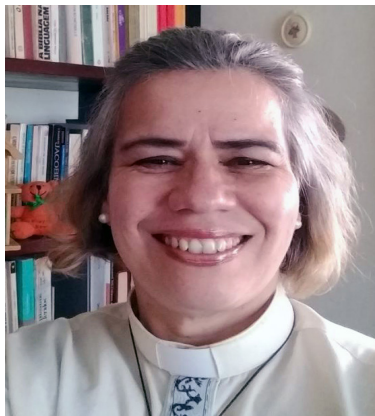
Sou Gessi Dasch Rodio, filha de Silfredo Dastch (*in memoria*) e Gelsi Datsch. Nasci no dia 18 de março de 1974, na cidade de Arabutân/SC. Sou casada com Deocir Rodio e temos uma filha.

Tive discernimento sobre minha vocação desde muito cedo, embora não tivesse bem claro que seria o ministério ordenado. No ano de 2000 tive uma conversa pastoral com um clérigo já ordenado, que me orientou a esperar mais um pouco para estudar teologia, aconselhou-me para que eu me formasse em algo antes de estudar teologia, e foi assim que eu fiz. Graduei-me em Serviço Social e nesse ínterim voltei a me envolver com bastante intensidade nas atividades da igreja. Fui convidada para o ministério leigo, função que exerci por quatro anos aproximadamente. Nesse mesmo período, continuei os estudos de formação, mas confesso que não tinha nenhum interesse em ingressar no ministério ordenado; porém, as coisas foram acontecendo.

O nosso campo missionário de Santa Catarina é muito abrangente e eu parecia ouvir os clamores dos paroquianos por mais pessoas vocacionadas ao ministério ordenado. Foi então que acabei aceitando esse chamado, e em outubro de 2019 aconteceu a minha ordenação, na Paroquia de Agnus Dei, Alto Bela Vista/SC, Diocese Sul Ocidental.

Sou responsável por uma comunidade (missão) e sou coadjutora nas comunidades do Campo Missionário do Oeste de Santa Catarina, de abrangência da Diocese Sul Ocidental, como clériga de tempo livre, ou seja, sem remuneração.

O legado que eu deixarei para a IEAB creio ser a minha facilidade em trabalhar com crianças, pois eu acredito na transformação da humanidade, e isso se faz possível nas crianças, na primeira infância.



Helena

LAMEGO GASTAL DE CASTRO RAMOS

Diaconato: 16 de dezembro de 2018.

Nasci no dia 5 de agosto de 1965, em Pelotas/RS. Sou filha de Cláudio Vinícius de Senna Gastal e de Maria Helena Gastal. Meu pai foi presbítero e veio a ser sagrado ao episcopado. Estou divorciada e tenho uma filha e dois filhos: Maria Cláudia, Guilherme e Samuel.

Sou anglicana desde criança e desde muito cedo participo das atividades na Igreja. Acompanhava meu pai em diversas atividades eclesiais. O que muito marcou minha vida e minhas escolhas. Casei com um também reverendo e durante anos fui uma esposa dedicada como auxiliadora do ministério ordenado do meu esposo. Sempre participei como professora/educadora/organizadora de Escola dominical nas inúmeras comunidades pelas quais passei. Exerci o ministério leigo nesta área nas dioceses Sul-Occidental e Meridional. Fui ordenada ao diaconato no dia 16 de dezembro de 2018, na Catedral Nacional da Santíssima Trindade, em Porto Alegre/RS.

Atualmente sou a responsável pela Secretaria de Educação Cristã da Diocese Meridional e estou coordenadora nacional da Ordem das Filhas do Rei. Colaboro junto à Paróquia do Redentor, em Porto Alegre, com o Revdo. Paulo Duarte. Oferto meus dons e talentos sendo diácona de tempo livre.

Tenho formação acadêmica em História (pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul); Artes Visuais (pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e em Teologia (pelo Seminário Teológico Dom Egmont Machado Krischke/RS). A combinação dessas formações é ofertada no exercício do ministério diaconal e como educadora cristã.



Ilaine
MARIZETE
DE OLIVEIRA VIEIRA
ZSCHORNACK
(1965-2015)

Diaconato: 29 de dezembro de 1991.

Presbiterado: 06 de junho de 1993.

Nasceu no dia 23 de Novembro de 1965, em Pelotas/RS. Fez sua Páscoa no dia 24 de dezembro de 2015, aos 50 anos de idade. Filha de Adelino Fernandes Vieira e Maria Solange de Oliveira Vieira. Teve duas filhas com Ronaldo Zschornack: Samantha Vieira Zschornack e Halana Vieira Zschornack.

Sempre foi comprometida com a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, desde quando morava na região rural de Pelotas até ir para a cidade, aos seis anos de idade. Quando jovem participava do grupo de jovens na Paróquia do Semeador, no bairro Santa Terezinha, e foi a partir deste momento que começou a perceber e entender o chamado de Deus para o ministério da Igreja. Nessa época, também incentivada por seu amigo e futuro colega de curso, Jerry Andrei dos Santos e o Reverendo Bezerra, ingressou no Curso Superior de Teologia no Seminário Teológico da Igreja Episcopal.

A Pastoral, sobretudo, o aconselhamento e até a confissão usam muito de métodos da psicologia, que abrangem a experiência de vida e o cotidiano das pessoas. A igreja é formada por gente, cada uma com sua história de vida, com seus talentos, virtudes e necessidades. Dessa forma, certamente a experiência contribuiu para a vida pessoal e atividade pastoral, sendo aquela uma oportunidade para ampliação e aprofundamento de conhecimentos e de crescimento espiritual. Concluiu o curso de Teologia no dia 13 de dezembro de 1991. Foi ordenada diácona na cidade de Pelotas/RS, no dia 29 de

dezembro de 1991; e ordenada presbítera na cidade de Pelotas/RS, no dia 06 de Junho de 1993. Ambas as ordenações na Diocese Anglicana de Pelotas (DAP).

Principais experiências pastorais: atuou como reverenda coadjutora na Paróquia do Salvador em Canguçu/RS, entre os anos de 1992 e 1994. O trabalho foi feito em comunidades rurais, com mulheres agricultoras e na área da saúde. Também teve influência na Pastoral do Povo Pequeno Agricultor em Canguçu; de 1995 a 1998 atuou como reverenda reitora na Paróquia Divino Salvador em Santa Helena, Paróquia do Amor Divino em Santo Antônio e Missão São Paulo na Santa Áurea, regiões rurais de Pelotas. As funções eram a administração geral das Paróquias e Missão, ação pastoral, trabalho com mulheres, jovens e crianças, Pastoral da Saúde Popular e Pastoral Rural; de 1999 a 2001 atuou na Paróquia do Salvador e dez Missões em Canguçu/RS como reverenda reitora; de 2001 a 2006 atuou como secretária executiva da Diocese Anglicana de Pelotas. A partir do ano de 2001 atuou como reverenda reitora da Paróquia da Santíssima Trindade e da Paróquia São João Batista. As funções destinadas à secretaria eram a administração geral do escritório diocesano, administração e prestação de contas de projetos, membro da secretária de finanças e patrimônio da diocese, correspondências oficiais da diocese, assessoria e representação do bispo diocesano Dom Sebastião Gameleira. As funções destinadas às paróquias eram a administração geral, atuação pastoral, Pastoral da Saúde Popular, trabalho com homens, mulheres, jovens e crianças, Pastoral Urbana; de 2010 a 2014 atuou como Deã da Catedral do Mediador, em Santa Maria/RS, e reitora da Paróquia de São João Batista e Missões Anexas em Quevedos/RS – Diocese Sul Ocidental.

Em 2006 foi indicada a participar do processo eleitoral ao episcopado na DAP pela Paróquia da Santíssima Trindade, da qual era reitora.

O legado por ela deixado tem a marca do compromisso e seriedade para com a vida eclesial. Podemos citar que houve significativa melhora em boa parte das paróquias as quais atuou, havendo a reafirmação do trabalho junto as pastorais e atividades referentes à igreja. A dedicação aos leigos sempre foi um ponto alto de sua carreira, com as visitas pastorais e o chamamento ao Anglicanismo.



Ilma

OLIVEIRA RIOS

Diaconato: maio de 2010.

Presbiterado: 11 de junho de 2017.

Ilma Oliveira Rios, nascida a 14 de outubro de 1964. Filha de Edésio Palmeira Rios e Divanice Oliveira Rios. Casada e mãe de Raphael Rios (*in memoria*), Ana Carolina Rios, Rebeca Rios e mãe do coração de Luana Andrade e Lua Andrade. Avó de Arthur, Noah, Alice que tem enchido a minha vida de sonhos e esperança, e, mais recentemente, do pequeno Davi, irmão de Alice.

Desde muito cedo, senti-me chamada para servir ao Senhor, o que me levou ao Seminário para preparar-me para o serviço na Igreja Presbiteriana do Brasil, que não reconhecia o ministério ordenado feminino, onde servi por mais de 30 anos, como minha irmã costumava dizer: “na sombra”.

Em 2001 conheci a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil por meio de uma reunião de oração na casa de uma família que me encantou com o jeito de ser e viver a igreja, na sua inclusividade e amor por Jesus, na manifestação de amor ao próximo, como nunca tina visto ou vivido.

Comecei a me envolver com esta família e desse trabalho em casa nasceu a Paróquia Jesus de Nazaré, na Praia de Gaibu, Cabo de Santo Agostinho.

Fui ordenada Diácona em maio de 2010, pela Diocese Anglicana de Recife, onde já desenvolvia um trabalho com a Pastoral infantil, da Catedral da Santíssima Trindade, e um Ponto Missionário, trabalho iniciado por mim, e por minhas filhas e genro, na Cidade do Cabo de Santo Agostinho, vindo a reunir com uma frequência de 25 pessoas dominicalmente.

Em junho de 2011, mudei para Portugal, e passei a frequentar a Igreja Lusitana, da qual faço parte e fui ordenada Presbítera a 11 de junho de 2017,

ficando depois da ordenação a colaborar com o Bispo Jose Jorge de Pina Cabral, como coadjutora na Paróquia de São Paulo, que também é a Catedral da Igreja Lusitana. Tenho colaborado com as Paróquia de São Mateus em Vila Franca de Xira, e São Tomé em Castanheira do Ribatejo.

Difícil falar de legado, os outros o dirão, mas gosto de pensar que uma das coisas que me alegra o coração é olhar para trás, e saber que da perseverança, da oração e visitação nasceu uma Comunidade, que hoje caminha na direção da missão deixada por Jesus, que é a expansão do Reino de Deus.

Em Portugal, para mim, o maior legado é a atuação como Técnica Auxiliar de geriatria, no cuidado com pessoas idosas, sendo ou tentando ser toque de Deus nas suas vidas, tratando-as com dignidade e amor e levando muitas a conhecer o amor de Deus, através do amor com que são cuidadas.



Inamar CORRÊA DE SOUZA

Diaconato: 20 de junho de 1999.

Presbiterado: 26 de novembro de 2000.

Eu nasci em Santana do Livramento, RS, em 21 de agosto de 1970, sendo batizada na Matriz do Nazareno. Integrei a UMEPEL - União da Mocidade Episcopal de Pelotas, RS, de 1982 a 1991. Despertei o desejo para o ministério ordenado em 1985, na Celebração de Ordenação Diaconal da Revda. Carmem Etel Alves Gomes, primeira mulher a ser ordenada na IEAB, pela emoção de ver o reconhecimento da vocação feminina.

Após o nascimento de minha filha, Júlia de Souza Nunes, em 1993, cursei o Seminário Teológico da IEAB, em Porto Alegre, RS. Ordenada Diácona na Diocese Meridional, na Catedral da Santíssima Trindade, em Porto Alegre, RS, em 20 de junho de 1999, atuei como Coadjutora da Paróquia da Trindade, em São Leopoldo, RS. Ordenada Presbítera, na Catedral da Santíssima Trindade, em 26 de novembro de 2000, trabalhei como Ministra Encarregada da Missão do Calvário, em Sapucaia, RS. Casei-me com o Rev. Eduardo Coelho Grillo, em Porto Alegre, em 2001, e nos mudamos para o Rio de Janeiro. O nascimento de nosso filho Léo de Souza Grillo foi em 2003.

Na Diocese Anglicana do Rio de Janeiro fui eleita Deã da Catedral Anglicana de São Paulo Apóstolo, Rio de Janeiro, RJ, em 2001, onde trabalhei por 10 anos. Iniciei o Projeto Hortas Comunitárias, no bairro de Santa Teresa. Eleita Reitora da Paróquia Anglicana de Todos os Santos, em Niterói, RJ, trabalhei de 2010 a 2018, com intenso ministério litúrgico e de louvor. Particpei da fundação Capela Anglicana do Bom Samaritano, em

Juiz de Fora, MG, em 2013, da qual sou atualmente Ministra Encarregada. Novamente sou Pároca da Paróquia de São Paulo Apóstolo, na cidade do Rio de Janeiro, RJ. Elaborei TCC em Teologia, em 2014, apresentado na ESTEF - Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, com o tema “A vulnerabilidade de Deus no contexto de pessoas vulneráveis: uma abordagem teológico-bíblica, anglicana, inclusiva e feminista”.

O legado para a IEAB reside na jornada ecumênica, inerente à maneira de ser anglicana. A experiência ecumênica iniciou através da participação, ainda na infância e adolescência, de celebrações em outras igrejas, acompanhando as delegações anglicanas. Integrei o CEBI - Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos, o Movimento Ecumênico de São Leopoldo, CONIC Porto Alegre, e o Movimento Ecumênico de Niterói. Atualmente sou Presidente do CONIC - RIO. Em 1998, participei da 8ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas - CMI, em Harare, Zimbábue, na África. Em 2006, participei na organização da 9ª Assembleia do CMI, na cidade de Porto Alegre, RS.

Minha experiência internacional iniciou na 8ª Assembleia do CMI, em 1998, eleita como representante da IEAB no Comitê Central e Comitê Executivo do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, Suíça. Estabeleci relações de companheirismo da DARJ com a Diocese de Atlanta, Geórgia, EUA, desde 2008. Representei a Igreja Anglicana na ONU, na Comissão sobre o Status da Mulher no Mundo, em Nova Iorque, de 2008 a 2011, bem como na Rede Anglicana Internacional de Mulheres. Estas oportunidades fortaleceram o meu ministério feminino.



Ione

GOMEZ GOMEZ

Diaconato: 3 de março de 2012.

Nasci em Bagé/RS, no dia 10 de julho de 1957. Sou filha de Irma Gomez e Oriovaldo Gomez. Fui batizada na Paróquia de La Inmaculada Concepción, Montevideo - Uruguai, no dia 27 de julho de 1952, e confirmada no dia 18 de dezembro de 1988, na Paróquia Matriz do Nazareno, em Sant'Ana do Livramento/RS.

Particpei das seguintes equipes pastorais da Paróquia Matriz do Nazareno, em Santana do Livramento/RS, Missão do Salvador, de 2004 a 2006, da Equipe de comunicação da Matriz do Nazareno, com o Programa Radiofônico "O Evangelho de Cada Dia", de 2004 a 2006; e fui presidenta da Legião da Cruz de Livramento, de 1988 a 1991.



Janice

GONÇALVES DOS SANTOS MATOS

Diaconato: 6 de dezembro de 2015.

Presbiterado: 11 de junho de 2016.

Sou Janice Gonçalves dos Santos Matos, Reverenda Presbítera, brasileira, casada. Não tenho filhos, nem filhas. Nasci em 26 de outubro de 1955, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, filha de Teodoro Manuel dos Santos e Jandira Gonçalves dos Santos (*in memoriam*). Resido em Porto dos Santos, Distrito da cidade de Itaparica, Bahia.

Minha vocação partiu do momento quando comecei a colocar minhas habilidades espirituais em funcionamento: visitar famílias com problemas, ministrar cultos, atender pessoas, aconselhar na igreja ou onde fosse solicitada, acolher crianças, jovens, adolescentes assim como suas famílias, nas necessidades de cada um.

Fui reconhecida no ano de 2011, quando indicaram o meu nome para Ministra Leiga. E no dia 11 de novembro de 2011, na Paróquia Anglicana Cristo Salvador, no Distrito de Porto dos Santos, Cidade de Itaparica, Estado da Bahia, ocorreu a minha instituição. A partir dessa data comecei a me dedicar cada vez mais aos serviços pastorais, para a honra e glória do Senhor.

No ano de 2014 fui indicada para fazer parte do Ministério Pastoral como Diaconisa. Foi um ano de estudos para passar pelo processo de avaliação junto com outros candidatos. Fui avaliada e aprovada, e no dia 06 de dezembro de 2015, na mesma Comunidade Anglicana Cristo O Salvador, fui ordenada Diaconisa, por Dom João Câncio Peixoto Filho, Bispo Diocesano da Diocese Anglicana do Recife, e assumi as responsabilidades que me foram confiadas. Após mais seis meses de avaliação, no dia 11 de junho de 2016, fui

nomeada Reverenda da Paróquia Anglicana Cristo O Salvador, no mesmo endereço acima citado, onde venho desenvolvendo o meu trabalho dentro das minhas possibilidades.

Iniciei as atividades com crianças, na Escola Dominical; depois com os jovens e adolescentes, promovendo cursos artesanais. Implantei alguns projetos: o Ministério Pão e a Palavra, servindo sopa para as famílias de baixa renda e ao mesmo tempo levando a Palavra de Deus; o Projeto Casa da Alegria, acolhendo crianças com problemas especiais, Projeto Crescer Brincando, que reabriu em janeiro de 2014, e vem crescendo a cada dia. Realizo atendimento pastoral na igreja, nas casas e onde for preciso. Ministro os cultos de domingo, terças e quintas, coordeno e administro o Projeto Crescer Brincando, que atende crianças de 2 a 7 anos, em um turno; e crianças de 8 a 13 anos, em outro turno, com funcionamento de segunda a quinta-feira, no horário das 8h às 16h. Todas as experiências sempre foram e continuam sendo desenvolvidas dentro da Comunidade Anglicana Cristo O Salvador, onde pretendo seguir minha caminhada até o dia em que o Senhor me chamar.

Dentro das minhas experiências, o legado que deixarei para a IEAB é o amor ao próximo, e a doação de mim mesma, para todas as pessoas que necessitam de acolhimento material e espiritual.



Jocinéia

SALDANHA
PERPÉTUO

Diaconato: 8 de dezembro de 2002.

Presbiterado: 30 de novembro de 2003.

Nasci no dia 10 de abril de 1970, em São João de Meriti, Rio de Janeiro/RJ, filha de Joaz Cassiano Perpétuo e Ormesinda Saldanha Perpétuo. Sou casada e sem filhos.

Aos nove anos de idade, indo para casa, após a celebração litúrgica na Igreja Metodista de São João de Meriti, meu pai me perguntou se eu “queria ser reverenda igual àquela moça” que havia sido apresentada no culto. Era a primeira mulher ordenada da Igreja Metodista, mas não me lembro se no Rio de Janeiro, se naquela Região Administrativa ou se no Brasil. Fiquei espantada e respondi: “Que isso pai, eu só tenho nove anos!” E ele me respondeu: “Não é agora! É pra você já ir pensando...” Confesso que nunca mais quis pensar naquilo.

O tempo passou, a Igreja Metodista mudou muito e saímos dela. Passei um longo deserto de 10 anos tentando encontrar meu lugar. Filiei-me a algumas igrejas históricas, mas nunca me senti bem por muito tempo, pois nenhuma “me cabia”, tampouco eu cabia nelas. Em 1994, fui à Christ Church, em Botafogo, igreja inglesa, belíssima. Na ocasião conheci até o vice-cônsul da Inglaterra daquela época, que me cumprimentou com muita simpatia, mas ali também não tinha muito a ver comigo. Em maio daquele ano, fui a uma celebração na Paróquia Bom Jesus e, “apesar de muitos pesares”, senti que finalmente havia encontrado minha “igreja metodista perdida”.

Já em 1995, até me animei a estudar teologia, mas só para conhecimento próprio. Fui a primeira mulher da Diocese Anglicana do Rio de Janeiro

(DARJ) a entrar com processo de ordenação/pedido de ordenação, mas a mentalidade da época me impediu de ser a primeira ordenada. O processo levou 7 anos e fui a terceira, com a graça de Deus. Eu quis desistir muitas vezes, pois o processo foi muito conturbado. Portanto, posso dizer que foi o povo e alguns clérigos, três em especial e, dentre eles meu atual Bispo, que não me deixaram desistir.

Fui ordenada ao Diaconato no dia 8 de dezembro de 2002, na Igreja Catedral de São Paulo Apóstolo, em Santa Teresa, Rio de Janeiro/RJ. E ao Presbiterado, em 30 de novembro de 2003, na Paróquia da Santíssima Trindade, Méier, Rio de Janeiro/RJ.

Sempre pertenci à Diocese Anglicana do Rio de Janeiro e nela pretendo permanecer. Por dez anos fui Coadjutora e Ministra Encarregada da extinta Paróquia do Mediador (de 2002 até sua extinção); Coadjutora e posteriormente Pároca da Paróquia Bom Jesus, nesta última, de 2003 até a presente data. Sou criadora e coordenadora da Rede Anglicana do Bem-Estar Animal, já fui coordenadora do CAET, Arcediaga da Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro, coordenadora da Juventude do Rio de Janeiro por alguns anos, membro do Conselho Diocesano e de algumas outras comissões diocesanas, delegada ao Sínodo em alguns anos e representante diocesana em instâncias provinciais.

Creio que meu engajamento com à causa da diversidade/inclusão - religiosa e de gênero - e com a causa dos animais será meu maior legado para a IEAB.



Keila

BICHET

Diaconato: 13 de março de 2005.

Presbiterado: 14 de junho de 2009.

Eu, Keila Rosi Bichet da Silva, nasci dia 7 de novembro de 1978, na cidade de Rio Grande/RS. Filha de Zeneida Bichet da Silva e Sidnei Rodrigues da Silva. Sou casada com Nairon Nicolas da Silva Gomes, com o quem tenho 2 filhos: Lucas e João. Sou teóloga, pedagoga, pós-graduada em Psicopedagogia e Administração Escolar, Supervisão e Orientação e sou Revda da IEAB.

Nasci anglicana e na igreja sempre fui, ainda que com 5 anos de idade, a fiel escudeira de minha vó Manoela. Desde essa época sempre participei ativamente da vida da igreja até que, por meio do Revdo. Jerry Andrei, recebi, com 18 anos, o convite para o ministério ordenado. Minha decisão de ir para o seminário aconteceu apenas no ano de 2000, quando tinha 21 anos.

Fui ordenada Diácona na Catedral do Mediador, em Santa Maria, no dia 13 de Março de 2005, mesmo ano da comemoração dos 20 anos de Ordenação feminina. Minha Ordenação ao Presbiterado aconteceu no dia 14 de junho de 2009, na Catedral Mediador em Santa Maria. Na ocasião, foram ordenadas duas Presbíteras: eu e Lucia Kovaleski.

Acredito que o trabalho que realizo junto às comunidades - principalmente com as sementes da vida da igreja - as crianças, e o engajamento da minha família na vivência da Igreja serão meus legados para IEAB. E assim como tive a oportunidade, por meio de minha vó, quero que todos sintam a satisfação que tive ao viver minha juventude e infância na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, por isso acho tão importante o trabalho com as crianças.

Experiências Pastorais e Comunidades:

a. Coadjutora, Paróquia da Redenção, São Gabriel/RS. Paróquia da Transfiguração, Rosário do Sul/RS; Ponto de Pregação São Timóteo, Santiago/RS; Paróquia Cristo Redentor, Araranguá/SC.

b. Pároca, Paróquia de São João Batista, Quevedos/RS; Paróquia da Páscoa, Praia Grande/SC

c. Fui Secretária Executiva da CIN-UJAB, de 2002 a 2007.

Também já atuei junto à Comissão de Liturgia e Música, e como Historiógrafa Diocesana da Diocese Sul Ocidental. Fui membra do Conselho Diocesano da Diocese Sul Ocidental e, atualmente, sou presidenta do Conselho Diocesano da Diocese Meridional.



Leane

RACHEL KURTZ

Diaconato: 11 de março de 1990.

Presbiterado: 21 de julho de 1991.

Sou filha de Neusa Kurtz de Almeida e Leandro Trindade de Almeida. Nasci no dia 16 de junho de 1962, em Santa Maria, RS, e sou casada com o Rev. Caio Márcio Álvares Lacerda. Cresci participando ativamente da Igreja, minha vocação surgiu paulatinamente nesse contexto. Fui ordenada ao Diaconato em 11 de março de 1990, na Catedral da Santíssima Trindade, em Porto Alegre/RS e ao Presbiterado em 20 de julho de 1991, na Paróquia de Todos os Santos, em Novo Hamburgo/RS.

Exerci o Ministério Pastoral nas seguintes comunidades da Diocese Meridional: Paróquia do Calvário, Nova Santa Rita, Coadjutora (1990 e 2000) e Pároca (2001 a 2012); Paróquia de Todos os Santos, Novo Hamburgo, Reitora (1991 a 1992); Paróquia do Espírito Santo, Montenegro, Coadjutora (1993 a 1999) e Pároca interina (2009); Paróquia São Lucas, Canoas, Reitora (março/2013 tendo sido reeleita em 2017 para o segundo mandato). Fui Capelã Diocesana da Pastoral da Juventude e da UMEAB (União das Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil); Capelã Nacional da Ordem das Filhas do Rei; participei da CPPM (Comissão de Planejamento, Pastoral e Missão), do Conselho Diocesano, da Diretoria do SECA (Serviço Ecumênico de Capacitação e Assessoria); da diretoria do SICA (Serviço Interconfecional de Aconselhamento). Sou membra professora da Ordem de São Tiago.

Nesses 30 anos de Ministério Ordenado foram muitos os desafios, frustrações e realizações. Agradeço a Deus porque coloca pessoas especiais em

nosso caminho, para ajudar a superar dificuldades e promover realizações que nos dão alegria e esperança. Entre essas realizações destaco:

1) Loteamento Vale Verde, continuidade do projeto de Dinamização do Patrimônio da Paróquia do Calvário, iniciado em 1986, pelo Rev. Elias Mayer Vergara. Com essa realização emancipamos a Paróquia (construímos um belo Salão Paroquial com quatro lojas, adquirimos a casa pastoral e duas salas comerciais no centro do Município de Canoas, RS), restauramos aquele que é o primeiro Templo da IEAB e gravamos o CD Graças Dou, do Coro Esperança.

2) Composição do Grupo Gestor que reestruturou a Diocese Meridional. Eu, Revdo. Caio e o Sr. Albeniz Meneghetti, enquanto membros do Conselho Diocesano, convidamos os senhores José Lauro Persch, Marcus Manke de Oliveira e Ricardo Hallberg Luiz que, pela graça de Deus, aceitaram e realizaram um trabalho voluntário com muita dedicação e eficiência.

3) Devocionário Sementes Anual, que iniciou após o desafio do Bispo Humberto Maiztegui à Revda. Carmen Etel Gomes e a mim para fazermos uma edição especial para 2015, por ocasião da comemoração dos 30 anos de Ordenação Feminina na IEAB.



Lidia

KISTEMACHE

Diaconato: 17 de abril de 2010.

Presbiterado: 14 de outubro de 2012.

Lidia kistemache, nasci no dia 21 de junho no ano de 1972. Estou divorciada. Tenho duas lindas filhas: Rebeca kistemacher Costa e Talita kistemacher Acosta. Nasci na cidade de Santa Helena/PR, e fui criada na cidade de Ariquemes/RO. Fui batizada e confirmada na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. Realizei minha formação teológica na Escola Superior de Teologia - EST em São Leopoldo/RS. Ainda na IECLB fui ordenada como Catequista (ordenação com ministério compartilhado onde os ministérios são iguallados), no ano de 2007.

A igreja me enviou para o trabalho ministerial para a região norte do Brasil. A Paróquia à qual fui designada, sexista e xenofóbica, teve muita dificuldade de aceitação ao meu trabalho. Não tinha como dar certo. Saí da paróquia, mudei de cidade e lá conheci o Revdo. Hugo Sanches e sua família. E a partir desse momento comecei a conhecer a IEAB e cheguei à conclusão de que aquela é a igreja da qual desejava fazer parte. Logo depois, conheci o Bispo Almir. Comecei a congregar na comunidade de Ariquemes, na Paróquia Santíssima Trindade, e fui recebida oficialmente na Comunhão Anglicana no dia 27 de junho de 2009. Recebi a ordenação como diácona pelas mãos do Bispo Maurício José Araújo de Andrade, então Bispo Primaz da IEAB, no dia 11 de abril de 2010.

Em junho do mesmo ano regressei ao Rio Grande do Sul, por motivos pessoais, e ingressei na Paróquia da Santíssima Trindade em São Leopoldo/RS,

com o Revdo. Jerry Andrey dos Santos (consequentemente, minha inserção à Diocese Meridional). A ordenação ao Presbiterado se deu no dia 14 de outubro de 2012, pelas mãos do Bispo Orlando Santos de Oliveira.

Atualmente, estou licenciada e residindo na cidade de Imbituba/SC.



Lilian

CONCEIÇÃO DA SILVA

Daiconato: 29 de dezembro de 2001.

Presbiterado: 29 de novembro de 2015.

Sou mulher negra nordestina, natural de Recife/PE, ariana, nascida no dia 4 de abril de 1971. Filha da costureira Maria José Pereira da Silva e do mecânico/caminhoneiro Antonio José da Silva (*já ancestral*), pessoas negras pernambucanas periféricas. Herdei a fé cristã da minha mãe, cristã católica apostólica romana. Amo e sou amada por Antônio Amaro do Nascimento Filho, homem negro pernambucano, poeta, artista gráfico e ativista negro, companheiro de vida e caminhada de fé, com quem coordeno o ABRAÇO NEGRO Pastoral Afro e Indígena na IEAB.

Vivi experiências de fé no Catolicismo, no Espiritismo e na Umbanda, fazendo opção radical por Jesus Cristo aos dezoito anos, na Assembleia de Deus. Poucos anos depois, senti despertar o interesse em estudar Teologia, para disputar narrativas com as lideranças da Igreja. Ingressei no Seminário Batista do Nordeste em 1992, e em 1993 conheci o Anglicanismo estudando a História da Igreja, e a partir de uma notícia de um jornal de grande circulação, no qual li o anúncio sobre o então Núcleo Anglicano de Estudos Teológicos (NAET), um seminário ecumênico. Não demorou muito para que em 1994 eu fizesse a opção pelo Anglicanismo, sendo confirmada na Paróquia do Bom Samaritano. No mesmo ano, conheci e fui seduzida pelo método da leitura popular da Bíblia na Escola Bíblica Jovem do CEBI-PE (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos), e desde então passei a nutrir o desejo de fazer pós-graduações em Teologia.

Aos 30 anos recebi a Ordem Diaconal, na Diocese Anglicana do Recife, e na mesma Diocese, somente após discernimento de que havia necessidade de presbíteras, pois desde o diaconato eu já me sentia plenamente sacerdotisa de RUAH (Sagrado Feminino que afirmo e reconheço presente em toda a Criação). Como tal, servi à Diocese Anglicana de Pelotas (2002-2007), à Diocese Anglicana da Amazônia (2008), à Diocese Meridional (2010-2013, período esse de estudos no doutorado em Teologia; e de 2019-2020); à Diocese Anglicana do Recife (2014-2018 e, mais recentemente, (2019-2020) como clériga missionária da Diocese Meridional, servindo à Paróquia do Semeador e à Missão da Liberdade - da qual sou cofundadora). Dentre as experiências pastorais vividas, destaco o desafio assumido junto à Área Pastoral de Santo Antônio da Patrulha/RS, com três comunidades, sendo a Paróquia São Mateus o lugar de acolhimento/alimento que muito fortaleceu minhas práticas missionárias.

Já atuei em comissões provinciais e diocesanas, bem como fui membro e presidenta do conselho diocesano da Diocese Anglicana do Recife. Atuei no Departamento de Missão da Secretaria Geral da IEAB, progressivamente, como estagiária, secretária e diretora, (2001-2006); e docente da disciplina de Missiologia, no Seminário Teológico Dom Egmont Machado Krischke - SETEK (tendo o privilégio e a responsabilidade de contribuir para a formação de lideranças que mais adiante foram ordenadas e se tornaram minhas colegas de ministério). Isso enquanto cursava o mestrado em Teologia na Escola Superior de Teologia - EST (2004-2006). De 2018 ao início de 2019, fiz parte da coordenação do Centro de Estudos Anglicanos (CEA), do qual também fui docente convidada do Curso de Imersão no Anglicanismo.

As marcas do ministério que tenho vivido consistem na defesa intra e extra-eclesiástica dos direitos das mulheres, na promoção do respeito à diversidade sexual, no respeito à diversidade religiosa e, sobretudo, no enfrentamento ao racismo, por entender que essas são pautas prioritárias no anúncio do Evangelho, que é Jesus Cristo, homem negro da periferia de Nazaré, de quem me assumo discípula.



Lílian

PEREIRA DA COSTA
LINHARES

Diaconato: 28 de outubro de 2000.

Presbiterado: 15 de dezembro de 2001.

Nasci no Rio Grande do Norte, em 1970, período de ditadura militar. Filha de Severino Florêncio da Costa e Francinete Pereira da Costa, casada com Cláudio de Souza Linhares e mãe de Diana da Costa Linhares. Concluí o ensino médio, em 1988.

Na adolescência, percebi-me despertada para o serviço eclesial, inicialmente na Igreja Batista Cristã de Pedro Velho/RN. Iniciei a trajetória com teologias no Instituto Bíblico Betel Brasileiro, em João Pessoa/PB, em 1991. Realizei a pós-graduação em Teologia Latino Americana no Instituto Metodista Bennett, Rio de Janeiro/RJ, em 1996; e Teologia Anglicana no Seminário de Teologia Anglicana (SAET), em 2000.

Em 28 de outubro de 2000 fui ordenada ao diaconato, na Diocese Anglicana do Recife, na Paróquia da Ressurreição em João Pessoa/PB, e ao Presbiterado no dia 15 de dezembro de 2001, na Diocese Anglicana do Recife, na Paróquia Jesus de Nazaré, Natal/RN. Posteriormente, em 2010, adicionei à área de Educação o curso Normal Superior (EAD) pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), e uma pós-graduação em Psicopedagogia, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras em Caruaru (FAFICA), 2011.

Na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil fui confirmada em 03/12/1995 (Paróquia de São Lucas - DARJ). Em 20/07/1996, deu-se minha instituição ao Ministério Leigo, para atuar na Paróquia de São Lucas (DARJ), sendo Ministra da Equipe Responsável pela Missão no Morro Dona Marta,

Botafogo/RJ, desenvolvendo atividades litúrgicas na Paróquia Cristo Rei, Jacarepaguá/RJ.

Em 13 de janeiro de 1999 ocorreu minha transferência para Diocese Anglicana do Recife. Em 11 de abril de 1999 fui instituída ao Ministério Leigo. Atividades desempenhadas na Diocese Anglicana do Recife: Equipe Pastoral do Ponto Missionário da Natividade - Natal/RN; Ministra Encarregada Pró-Têmpore da Paróquia Anglicana da Ressurreição - João Pessoa/PB; Equipe Pastoral e Membro Fundadora da Missão da Esperança - João Pessoa/PB; Pároca Coadjutora da Paróquia Jesus de Nazaré - Natal/RN; Coadjutora da Paróquia Anglicana da Reconciliação - Caruaru/PE.

Em 06 de julho de 2007, deu-se a minha transferência para a Diocese Anglicana da Amazônia, onde desempenhei as seguintes atividades: Pároca da Paróquia São João Batista, Terra Firme, Belém/PA - 2007/2008; Coordenadora da Escola de Missão, 2008; Cônega da Catedral Anglicana de Santa Maria, Belém/PA; Vice-Presidente da ACER - Associação Ecumênica de Ciências e Estudos da Religião, Belém/PA, 2008.

No ano de 2009, retornei ao Nordeste, em licença pastoral, voltando ao Ministério da Diocese Anglicana do Recife em Julho de 2014, durante o Concílio Diocesano. Desde então, tenho desempenhado as seguintes atividades: Ministra Encarregada da Missão Anglicana São João Batista - Caruaru/PE - 2014 até a presente data; Membro da Junta de Capelães - 2015-2017; Mandato temporário no Conselho Diocesano: 2017; Membro do Tribunal Eclesiástico da Diocese Anglicana do Recife – eleita para o período de 2017-2020.

As experiências pastorais aqui elencadas são especialmente significantes em suas peculiaridades, constituindo igualmente a complexa teia de vivências da vocação conforme as circunstâncias.



Lúcia

DAL PONT SIRTOLI

Diaconato: 21 de dezembro de 2003.

Presbiterado: 13 de março de 2005.

Meu nome é Lucia Dal Pont Sirtoli, minha mãe é Olga Estevam e meu pai Gilio Dal Pont. Nasci no dia 21 de janeiro de 1966, na cidade de Sombrio/SC. Depois de muitas andanças, casei-me com Luiz Sirtoli, reverendo na IEAB. Eu e Luiz tivemos um filho, e nele colocamos o nome de Gilio Natan.

Desde muito pequena me sentia chamada ao ministério ordenado, porém havia um agravante: naquela época eu estava na Igreja Católica Romana, onde mulheres não são ordenadas. Meu desejo de estar no ministério ordenado sempre foi muito latente, só não sabia como, convivendo com uma frase sempre muito forte em minha mente: *Para quem está com Deus nada é impossível!*

Como para quem está com Deus, nada é impossível, minha vida foi dando voltas até que um dia me dei conta que estava de frente com a possibilidade do ministério ordenado ... Caminhos da Divina Sabedoria!

Minha formação teve seu início na Igreja Romana, onde trabalhei em Missão e com Assessoria Pastoral. Concluí na ICAR a Graduação em Teologia e Especialização em Missão. Na IEAB, passei pela imersão em Anglicanismo. Decidi por fazer a Integralização da Teologia na UNIFIL/PR. Pós-graduação, em Bíblia - DABAR, EST - São Leopoldo/RS; Especialização em Metodologia Pastoral Popular, CESEP/SP. Hoje sou mestrandia em teologia, área de concentração, Bíblia, EST - São Leopoldo/RS.

Minha Ordenação ao Diaconato foi na Diocese Sul Ocidental, em Concordia/SC, no dia 21 de dezembro de 2003. Tema de minha ordenação, “Eis aqui a serva do Senhor”. Foi um dia de muita emoção. A área Missionária de SC envolveu-se, participou de todos os momentos.

A ordenação ao Presbiterado foi em Santa Maria, Catedral do Mediador, no dia 13 de março de 2005. Revda. Keila e Revda. Tatiana foram ordenadas diáconas na mesma celebração em que fui ordenada presbítera. Naquela celebração de ordenação das três mulheres acontecia a abertura das comemorações dos 25 anos de Ordenação Feminina no Brasil.

Dioceses por onde passei:

- Meridional (1998 a 2001), Araranguá/SC;
- Diocese Sul-Ocidental (2002-2007), Área Missionária de SC e Erechim/RS(2008-2009);
- Diocese Anglicana de Brasília, Palmas/TO (junho/2010 - julho/2011);
- Diocese Anglicana do Paraná, Londrina/PR, (Julho de 2011 até os dias hoje/2020).

Por todas as dioceses por onde passei sempre estive nas comissões ou coordenação da Educação Teológica, Educação Cristã e Formação Diocesana. Por muitos anos trabalhei com Juventudes. Ecumenismo também é uma de minhas paixões e por onde ando faço parte de Comissões. Bíblia é minha área de atuação. Gosto muito da Leitura Popular da Bíblia. Sou integrante do CEBI, faço parte da Direção Nacional. Na IEAB atualmente sou Coordenadora do Colegiado do Centro de Educação Teológica, CEA, e Pároca na Paróquia São Lucas, Londrina PR.

Meu desejo, enquanto Reverenda, é ser uma motivadora do Projeto de Jesus: Espiritualidade, Cuidado e Cura através da Acolhida. Acredito que uma formação que liberta é uma forma de empoderamento das pessoas de boa vontade, e uma forma de uma grande transformação social. Creio que o envolvimento do cristão nos movimentos sociais na luta por justiça resultará em muitas conquistas por direitos para muitas pessoas.



Lucia GELCY
FORTES KOVALESKI
(1955-2011)

Diaconato: 28 de outubro de 2007.

Presbiterado: 14 de junho de 2009.

Nascida no dia 4 de novembro de 1955, em Santa Maria/RS; filha de Gelcy Fortes Vieira e Isaac Alfonso Vieira; casada com João Francisco Kowaleski, mãe de duas filhas: Taís Fortes Kowaleski e Tanise Cássia Fortes Kowaleski Valente. Lúcia faleceu em 14 de novembro de 2011.

Casou na Catedral do Mediador, em Santa Maria/RS, e batizou suas filhas na Catedral Anglicana de São Tiago, em Curitiba/PR. Depois de muitos anos distante do seu vínculo com a igreja sentiu a necessidade de fortalecer sua espiritualidade, e ao retornar para sua cidade natal, entrou em contato com a Catedral do Mediador, onde iria retomar sua caminhada e sua missão.

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, muito especialmente a comunidade da Catedral do Mediador, foi um divisor de águas em sua vida. Nela sua missão, amparando, acolhendo e ensinando. Lutou por igualdade, respeito e contra o preconceito. Sempre tinha uma palavra ou ombro amigo. Alguém a chamava de “a mãe de todos”.

Cursou Teologia na Faculdade Palotina, em Santa Maria/RS, e após a conclusão do curso foi ordenada ao diaconato, em 28 de outubro de 2007.

Sua Ordenação Presbiteral foi em conjunto com sua colega Revda. Keila Bichet, no domingo 14 de junho, dia de São Basílio Magno, na Catedral do Mediador, em Santa Maria, pelo Bispo Jubal Pereira Neves.

Era uma pessoa que se apaixonava por cada tema ao qual se dedicava. Vivia com paixão e passava isso para as pessoas que a cercavam. Dedicou-se especialmente à realização de cultos nas casas, como forma de criar novas comunidades. Deixou sua marca: a alegria de viver a Igreja e estar disponível para o serviço.



Magda GUEDES PEREIRA

Diaconato: 24 de março de 1996.

Presbiterado: 21 de dezembro de 1997.

Nasci em Sant’Ana do Livramento/RS, no dia 3 de setembro de 1967. Comecei a participar na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil por meio de um convite feito por uma colega de aula, Carmen Regina Duarte Gomes, quando cursava a graduação de Pedagogia, em Sant’Ana do Livramento/RS. Sua “paróquia mãe” é a Matriz do Nazareno, da Diocese Sul Ocidental.

Cursei o Magistério (na época, 2º grau), e fiz minha graduação em Pedagogia, em minha cidade natal. Trabalhei, nessa época, na Escola Anglicana Instituto Livramento. Cursei também, em 2005 e 2006, a Especialização em Bioética e Clínica Pastoral, na Universidade São Camilo, São Paulo/SP.

Iniciei meus estudos teológicos no Seminário Teológico Nacional da IEAB, no ano de 1992, concluindo o curso em dezembro de 1995. Enquanto estava no seminário, participei do Curso Clínica Pastoral, no Hospital Moinhos de Vento (Porto Alegre/RS); trabalhei na Biblioteca do Seminário e por seis meses auxiliiei a Secretaria Geral, substituindo a secretária do então Secretário Geral.

Fui ordenada Diácona no dia 24 de março de 1996, em Sant’Ana do Livramento/RS, e Presbítera no dia 21 de abril de 1997, em Erechim/RS. Iniciei os trabalhos pastorais como Capelã Escolar, no Instituto Barão do Rio Branco - Escola Anglicana, e fui codjutora na Paróquia de Jesus Cristo, em Erechim, de fevereiro de 1996 a fevereiro de 2000. No ano de 1999, fui pároca da Paróquia São Lucas em Paulo Bento/RS. Nesse período, fiz parte da

Equipe de Coordenação do Programa de Qualidade Total da Escola Instituto Barão do Rio Branco.

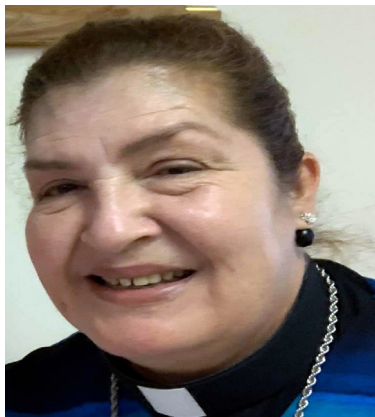
No início do ano de 2000 fui nomeada Secretária do Bispado da Diocese Sul Ocidental, exercendo o cargo até o início de 2007. Nesse período também exerci as funções de Secretária de Sodalícios da DSO (2002-2004); Coordenadora do CETESMA (Centro de Estudos Teológicos de Santa Maria, de 2000-2006); Ministra encarregada, no período de 2000 a 2006, das Missões São Pedro e Todos os Santos (Itaara/RS), São Timóteo (Santiago/RS), Paróquia Santo André (Cacequi/RS), Paróquia Transfiguração (Rosário do Sul/RS), Paróquia Redenção (São Gabriel/RS), Paróquia São João Batista (Quevedos/RS). (Nessas comunidades foram intercalados os períodos, pois desempenhava ao mesmo tempo a função de Secretária do bispado, residindo em Santa Maria/RS).

No início de 2007, fui morar em Curitiba, Diocese Anglicana do Paraná. Fui Secretária Diocesana da Diocese Anglicana do Paraná (2007-2008); Ministra Encarregada da Missão São João Crisóstomo - Colombo/PR (2008); Reitora da Paróquia de São Lucas - Londrina/PR (2009-2011); Ministra Encarregada da Missão do Espírito Santo Maringá/PR (2010).

Em março de 2011, assumi, como Deá, a Catedral da Ressurreição, Diocese Anglicana de Brasília, onde fiquei até fevereiro de 2017, quando fui eleita Pároca das Paróquias São João Batista e Santíssima Trindade, da Diocese Anglicana de Pelotas.

Particpei representando a IEAB em várias ocasiões, nos Conselhos de Igrejas Cristãs Nacional e Lationo-Americano (CONIC e CLAI). Atualmente faço parte da Diretoria do CLAI e do Conselho Fiscal do CONIC. No âmbito da IEAB, fui assessora da CIN-UJAB, em 2003-2006. Fiz parte da Comissão Nacional de Diaconia, 2006-2013, particpei do Grupo de Coordenação da CONFELIDER/SP, 2010 e 2013, e como membro da Diretoria da JUNET.

Fui nomeada Secretária Geral da IEAB no Sínodo Geral de 2018.



Maytée

DE LA TORRE DÍAZ

Diaconato: 27 de outubro de 2013.

Presbiterado: 26 de agosto 2018.

Nasci no dia 4 de março de 1966, em Vertientes, Camaguey/Cuba. Mãe de Marleis e de Jorge. Muito cedo senti a necessidade de fazer algo pelas crianças de minha Paróquia, a partir de meus próprios filhos. Foi então que comecei o trabalho na escolinha dominical e isso despertou-me para o trabalho com mulheres jovens que, assim como eu, estavam separadas dos pais de seus filhos. Fiz acompanhamento pastoral e busquei ajuda para os enxovais de seus bebês. Foi quando a Igreja solicitou que eu continuasse aquele trabalho em outras comunidades, só depois fui estudar Teologia no Seminário de Matanzas, em Cuba.

Inicie meus trabalhos na Igreja Episcopal em Cuba como ministra da eucaristia, na paróquia local e em outra, a 200km da cidade onde residia. Fiz cursos de Educação Cristã, Teologia, Pastoral e no ano 2000 estive no curso Intervenção em Crises, oferecido pela Igreja de Porto Rico. Tudo isso paralelamente aos estudos teológicos. Durante o processo de postulância às sagradas ordens, muitas vezes foram feitas perguntas sobre o meu chamado. Senti-me chamada à medida que fui trabalhando com grupos de crianças, jovens, (como palestrante nos acampamentos de verão), com mulheres. Sinto muito prazer em ajudar as pessoas a encontrarem sentido e gosto pela vida, à mesma medida que eu encontro também sentido e gosto pelo ministério que exerço. Sai de Cuba para participar do II Congresso de Gênero e Religião em São Leopoldo/RS, EST, em 2006. Decidi ficar no Brasil mesmo já estando agendada a minha ordenação diaconal. Esperei muitos anos por ela. Fui para

o Norte do Brasil para regularizar minha situação migratória e lá fiquei, por gostar muito do povo e da igreja. Em 2013, no dia 27 de outubro, recebi a ordem ao diaconato, na Paróquia da Santíssima Trindade, em Ariquemes, onde servi pastoralmente durante anos. Desde então passei a aguardar a minha ordenação presbiteral.

No Brasil participei do Conselho Distrital, no grupo de Espiritualidade, assim como da tradução para a língua espanhola da Cartilha Prevenção e Enfrentamento à Violência Doméstica contra as Mulheres; participei do Encontro Nacional de Mulheres do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), de concílios do Distrito Missionário, assim como dos dois últimos encontros nacionais de Clérigas da IEAB. Também atuei, quando solicitada, junto à Paróquia Fileon, em Porto Velho/RO. Em Campo Verde/MG estive oficiando algumas celebrações. Estive responsável pelo trabalho pastoral na Casa Noeli dos Santos, que acolhe mulheres em situação de violência doméstica.

Deixo como legado meu respeito pelas culturas e tradições diferentes da minha, além de minha disposição e dedicação aos trabalhos da missão na igreja. Agradeço a IEAB pela oportunidade de trabalhar na região Norte, onde tenho aprendido a amar como minha própria gente; e que sempre me dá oportunidade de retornar, mesmo quando estive ausente por problemas de saúde.

Fui ordenada ao presbiterado na Paróquia da Santíssima Trindade, em Ariquemes/RS, no dia 26 de agosto de 2018, em cerimônia marcada pelas presenças de mulheres: Revda. Elineide Ferreira (coordenadora da Casa Noeli dos Santos); Revda. Magda Guedes (Secretária Geral da IEAB); Revda. Carmen Etel Alves Gomes (primeira mulher ordenada na IEAB), Revda. Lúcia Dal Pont e Revda. Lilian Conceição da Silva (estas três últimas, coordenadoras do Centro de Estudos Anglicanos - CEA); Revda. Dilce Paiva (coordenadora do Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento - SADD); e da teóloga feminista Dra. Nivia Ivette Núñez de la Paz, amiga cubana, que fez a homilia.



MARIA DE
Fátima
NASCIMENTO

Diaconato: 08 de outubro de 2017.

Conheci a Igreja Anglicana em 1996, por meio do Encontro de Casais com Cristo e em um período muito conturbado da minha vida conjugal. O encontro foi um momento muito divino e fez uma grande diferença na minha vida.

Vinda de uma denominação religiosa diferente da Igreja Anglicana, passando também por desilusões dentro da própria doutrina, fui muito bem recebida na igreja, desde o ECC até o primeiro dia em que fui ao culto na Paróquia da Ressurreição. Estava muito feliz com a acolhida da comunidade e do pároco, Revdo. Eduardo Grillo. No ano seguinte, mais ou menos, iniciava na paróquia um novo reverendo chamado Jerry Andrei. E foi através dele que, pelo seu incentivo, fez-se despertar em mim uma vocação que estava adormecida. Então comuniquei a ele minha decisão em ser membro de sua paróquia da IEAB. Fui recebida pelo Bispo Dom Orlando. Depois, fiz um curso para assumir o ministério leigo, em 2004, e fui instituída no dia 7 de setembro de 2004.

Passados alguns anos, resolvi estudar Teologia e ingressei no Seminário. Na época, estava passando novamente por uma turbulência na vida conjugal, que resultou no divórcio. Então, resolvi me dedicar exclusivamente aos estudos e nesse período descobri que queria o ministério ordenado para servir melhor ao meu Senhor, que tantas oportunidades estava me oferecendo. E foi então que descobri que algumas pessoas se opunham à minha decisão de optar pelo ministério ordenado. Talvez porque não fosse anglicana de berço ou porque não tivesse uma formação acadêmica ou mesmo porque pensavam que eu

estava buscando um refúgio para os meus problemas ou até por ter vindo de outra denominação religiosa. Entretanto, nada mais me deteve depois de minha resolução.

Faço parte da Ordem das Filhas do Rei (OFR), do Cursílio de Crisandade e do Fraternidade Franciscariana. Fiz estágio na Paróquia São Lucas, em Canoas/RS, na Catedral da Santíssima Trindade, Porto Alegre/RS e na Missão São Miguel e Todos os Anjos, Alvorada/RS – sempre atuando nas áreas de visitas, levando a Comunhão às pessoas enfermas. Sou membro da Diocese Meridional. E hoje, driblando todas as minhas dificuldades e limitações, consegui chegar onde tanto sonhei. Em 2015 concluí o curso de Teologia pelo SETEK, mas ainda tinha um desafio: integralizar o bacharelado em Teologia na ESTEF (Escola Superior de Teologia Franciscana), grande oportunidade que me foi dada também para que tivesse acesso a um curso superior reconhecido pelo MEC.

2016 foi um ano de muita luta, mas venci todas, com a Graça de Deus. Fiz meu TCC, cujo tema foi em defesa dos animais, nossos irmãos. Foi muito interessante e emocionante. E, por fim, o grande dia: 8 de outubro de 2017, data da minha ordenação diaconal. Não consigo aqui descrever tamanha emoção. No dia 8 de dezembro de 2017 completei o curso de teologia na ESTEF, realizando a síntese teológica, e no dia 16 de dezembro do mesmo ano me formei pela ESTEF com o título de bacharela em Teologia.

Servi à Paróquia do Calvário, em Nova Santa Rita/RS e também como ministra encarregada da Missão São Miguel e Todos os Anjos. Atualmente estou como ministra encarregada junto à Missão do Crucificado, em Sapucaia do Sul/RS; capelã da ADEFI (Associação de Pessoas com Deficiência Física) e auxiliando o Bispo no serviço à Paróquia de Todos os Santos na cidade de Novo Hamburgo/RS.

A única coisa que tenho a declarar é que nunca devemos desistir de nossos sonhos, mesmo quando achamos impossível. Mesmo quando dizem que você não tem capacidade, nunca desista do seu ideal.



MARIA DAS *Graças* BERNARDINO

Ordenação diaconal: 18 de dezembro de 2005.

Sou Maria das Graças Bernardino, solteira, filha de Alvina Fogaça Bernardino e Emilio de Jesus Bernardino. Nasci no dia 5 de maio de 1955, em Cascavel/PR. Tenho formação acadêmica em Administração de Empresas, pela UNIOESTE (1985) e em Teologia, pela Faculdade Evangélica do Paraná (1985), além de ter realizado vários cursos extras curriculares na área de humanas.

Meu contato com a IEAB aconteceu em 1997 e de forma inusitada (eu ainda era membro da ICAR). Quanto à minha experiência, posso dizer que vem desde 1998, em Cascavel, onde brotou a Comunidade de São Lucas, a partir de estudos bíblicos de Lucas 10. Um grupo remanescente de uma comunidade que celebrou até embaixo de árvores, após termos saído da igreja romana. Em 1999, precisamente no dia 20 de junho, fomos recebidos e acolhidos pelo Bispo Glauco S. Lima.

Em 2000, eu já estava atuando junto à IEAB, fazia curso de imersão em Anglicanismo, em São Paulo, daquelas viagens bate e volta, pois saía de Cascavel às 16 horas, chegava em Sampa na manhã seguinte, estudava o dia inteiro e voltava à noite. Entre ida e volta eram 30 horas viagem.

Em 2002, iniciei o curso de Teologia, em Curitiba, na Faculdade Evangélica do Paraná. Nesse tempo, trabalhava na Paróquia de São Pedro e na Catedral de São Tiago. Uma experiência que trago comigo é a pastoral da escuta, da consolação, do aconselhamento não diretivo, do projeto Emmanuel com moradores de rua, Educação Cristã e outros, a exemplo do Movimento

Ecumênico, Macro ecumênico. Muito marcante o trabalho, ainda que por período curto, com mulheres “de vida fácil” (nada fácil).

Sobre um legado, creio que sejam meu canto e meu abraço sempre disponíveis, minha proatividade e meu imenso amor por Jesus Cristo, que me levam a ver em cada uma, em cada um, sua face. Tenho muito apresso pela diaconia, estou sempre em busca de viver meus votos diaconais. Continuo apaixonada por nossa igreja e sua proposta, apesar de ...

*As inscrições para profetisas e profetas continuam abertas ...
os desajeitados que se apresentem ... São os únicos que resistem até o fim!*

Maria das Graças Bernardino, serve por amor ao projeto de Jesus Cristo!



MARIA *Isabel*
CARDOSO
RODRIGUES LIMA

Diaconato: 22 de setembro de 2013.

Nasci no dia 15 de fevereiro de 1965. Sou filha de Amarêncio Francisco Rodrigues e Zeni Cardoso Rodrigues e casada com Arcelino da Rosa Lima. Amarêncio Samuel Rodrigues Lima e Vitória da Graça Rodrigues Lima são meus filhos.

Minha mãe era uma mulher muito humilde, mas, apesar de nunca ter frequentado uma escola, era muito educada, devota e sabia se comportar dignamente frente a qualquer pessoa. O pouco que ela sabia passou para mim de uma forma tão perfeita que quando entrei para a escola eu já sabia ler corretamente. Vejam que ironia, ela conseguiu me passar tão bem algo que ela mal sabia.

Desde muito pequena, minha mãe ensinou-me a fazer o sinal da Cruz e a rezar o Pai Nosso. Então, as coisas de Deus chamavam a minha atenção cada vez mais. Um dia, ouvi sobre o texto de Marcos 16:15, e aquele texto começou a inquietar-me, pois eu queria cumprir aquele mandamento de Jesus, pregar como o padre fazia. Mas como? Nossa igreja era a Católica Romana, eu era mulher. Então, resolvi que seria freira, mas minha mãe e minha avó foram terminantemente contrárias à minha vontade. Minha mãe (que era filha única) e minha avó (cuja única neta era eu) queriam que eu me casasse e lhes desse netos. Assim resolvi esperar a maior idade para seguir minha vocação.

Sem que eu sequer percebesse, Deus ordenou minha vida tão perfeitamente que quando completei 21 anos, em vez de ir para o convento estava noiva, casei com um anglicano, fui recebida na IEAB que ele frequentava.

Logo fui chamada para o ministério leigo, comecei a fazer Teologia, fui ministra leiga aos 21 anos e ordenada Diácona. Na IEAB, fiz a vontade de minha mãe e cumpro minha vocação.

Minha ordenação aconteceu no dia 22 de setembro de 2013, na Paróquia do Salvador, da Diocese Anglicana de Pelotas (DAP), em Canguçu, pelo Bispo Renato da Cruz Raatz. Atuei como Ministra Leiga por doze anos, na Missão São Mateus, Alto Alegre/Canguçu. Enquanto Ministra Leiga auxiliar fui responsável por duas Missões e dois Pontos de Evangelização, por nove anos. Na condição de reverenda, fui coadjutora na Paróquia do Salvador, por três anos. Atualmente, sou Ministra encarregada na Paróquia Santo André e Área Pastoral, que conta com três Missões e um Ponto de Evangelização. Ao todo são cinco locais de trabalho, no interior de Canguçu.

Na Igreja, atuei também na antiga SAE, trabalhei como professora de Educação Cristã. Atualmente, faço parte da Pastoral do Povo Pequeno Agricultor (PPA), e sou capelã da UMEAB. Já estive também em algumas pastorais e comissões diocesanas.

Exceto os três anos em que estive na Paróquia do Salvador - Canguçu/RS, meu trabalho sempre foi no interior, onde tive a oportunidade de trabalhar com assentados, famílias trabalhadoras rurais.

Atualmente, minha Paróquia se localiza em um pequeno vilarejo interiorano e as Missões e Ponto de Evangelização são na área rural, onde existem famílias de classe média e famílias de baixa renda. São cinco locais que vivem situações bem distintas umas das outras. São experiências muito ricas para o nosso ministério, por meio da quais se leva a Palavra de Deus, os anseios do povo são ouvidos e se aprende com a sabedoria de cada pessoa, por mais humilde que nos possa parecer.

O legado: Nós mulheres temos nosso jeito meigo e conciliador para tratar os problemas, e isso nos auxilia a enfrentar as tempestades. O que aprendi até hoje é que o nosso dever é semear, mas a colheita é obra do PAI. A paciência, a humildade, o perdão e o amor devem permanecer sempre conosco, como um escudo em nosso ministério.



Maria NYLDE AMARAL DA CUNHA (1918-2002)

Diaconato: 7 de maio de 1989.

Presbiterado: 10 de maio de 1990.

A Rev. Irmã Maria Nylde Amaral da Cunha nasceu no dia 24 de dezembro de 1918, em Bagé/RS. Era filha de Sylvio Amaral e de Edith da Silva Ferreira do Amaral. Aos dez anos de idade perdeu a mãe. Então o pai, sem condições de criá-la, levou-a para Porto Alegre onde foi acolhida pela família Col Leite (Seu João, Dona Eulina e filhas), tendo ali permanecido até o seu casamento.

Passou então a frequentar a Igreja Anglicana junto com a sua nova família. Estudou, fez a Escola Complementar e, aos dezoito anos, casou-se com João Baptista Mello da Cunha, filho do Rev. João Baptista Barcellos da Cunha. Teve dois filhos: Júnior e Vera Maria. Nessa época frequentava a Igreja do Redentor em Porto Alegre onde participava ativamente dos trabalhos realizados pelas mulheres.

Em 1951, mudou-se com a família para São Leopoldo, onde passou a frequentar a Paróquia da Trindade, participando de todas as atividades exercidas pelas mulheres. Em 1968, aos cinquenta anos, ficou viúva. A sua missão de mãe estava cumprida. Passou, então, a dedicar-se de forma mais efetiva ao serviço da Igreja. Sempre fez parte da Sociedade Auxiliadora, posteriormente transformada em UMEAB, exercendo diversos cargos. Em 1976, ingressou no Seminário Regional, tendo concluído o curso teológico em 1979, aos 61 anos.

Em 2 de março de 1980 na Diocese Meridional, pelo Bispo Arthur Kratz, recebeu a primeira ordem religiosa feminina: a Comunidade de

Santa Maria. E por influência do bispo Kratz e do cônego Sebastião Teixeira sentiu-se chamada à vida religiosa.

No dia 18 de maio de 1980, na Paróquia da Ascensão, em Porto Alegre/RS, proferiu seus votos, tornando-se a primeira freira da Ordem de Santa Maria. Permaneceu um tempo em Porto Alegre e depois foi trabalhar na Paróquia de São Tiago, em Curitiba/PR. Um ano depois foi transferida para São Paulo onde colaborou com o bispo Sumiu Takatsu, atuando praticamente em todas as paróquias da cidade. Em 1988 se transferiu para a recém criada Diocese Anglicana de Pelotas.

No dia 07 de maio de 1989 foi ordenada ao diaconato pelo bispo Luiz Osório Prado, na Diocese Anglicana de Pelotas, e no dia 10 de maio do ano seguinte recebeu a ordem de presbítera. Nessa Diocese atuou junto à Pastoral da Gestante Pobre e colaborou nas Paróquias da Trindade, São João Batista e Divi-no Semeador.

Em 1994, aos 66 anos, por influência da família, decidiu aposentar-se, passando a viver perto dos filhos e netos, mas continuando a prestar sua colaboração junto à Paróquia da Trindade, em São Leopoldo. Faleceu no dia 02 abril de 2002, aos oitenta e três anos de idade.

Uma declaração da Revda. Irmá Maria configura seu principal legado deixado para a IEAB: *A mulher tem sempre o que acrescentar à comunidade. Nunca esgota as possibilidades e deve exercitá-las.*



Marinez

ROSA DOS SANTOS
BASSOTTO

Diaconato: 14 de maio de 1995.

Presbiterado: 15 de março de 1996.

Episcopado: 21 de abril de 2018.

Sou **M**arinez Rosa dos Santos Bassotto, filha de Marta Rosa Rodrigues e de Osmarino Machado dos Santos, casada com Paulo Antônio Bassotto, mãe de Luísa da Rosa Bassotto e de Laura da Rosa Bassotto, fruto do trabalho missionário da IEAB. Nasci no interior de Canguçu/RS, em 09 de março de 1971. Nasci e cresci na IEAB, e desde cedo fui me sentindo, vocacionada ao ministério. Duas mulheres conduziram-me em meu processo de conversão: minha tia e madrinha Eusa Rosa Borges e minha avó Umbelinda do Amaral Rosa, ambas me levaram, desde tenra idade, pela mão, para a Igreja. Fui ordenada como diácona no dia 14 de maio de 1995, e presbítera no dia 17 de março de 1996, ambas as ordenações na Catedral Nacional da Santíssima Trindade, em Porto Alegre/RS. Fui Ordenada e Sagrada bispa em 21 de abril de 2018, na Catedral de Santa maria, em Belém/PA.

Movida pelo desejo de servir a Deus e sua Igreja, e pela busca da plena inclusão do ministério feminino na vida da IEAB, participei de dois processos eleitorais ao episcopado em duas diferentes dioceses, Diocese Meridional e Diocese Anglicana da Amazônia. No primeiro, no ano de 2012, concorri ao episcopado com dois clérigos, com idade, tempo de ministério e condições pastorais semelhantes as minhas. Esse primeiro processo de eleição episcopal se mostrou contaminado pelo preconceito e pelo machismo. No segundo processo, no ano de 2017, também concorreu ao episcopado com um clérigo, e enfrentei igualmente as reações daquelas pessoas que se opunham

ao ministério episcopal feminino, bem como daquelas que entendiam que as diferenças culturais e étnicas seriam empecilho para minha eleição. Em ambas as Dioceses houve empate nas primeiras sessões dos Concílios Extraordinários, mas fui eleita bispa diocesana, em primeiro escrutínio, na Segunda Sessão do Concílio Extraordinário da Diocese Anglicana da Amazônia, em 20 de janeiro de 2018, tornando-me a primeira mulher a exercer esse ministério na Igreja Episcopal Anglicana na América do Sul, e a terceira na América Latina.

Iniciei meu ministério ordenado como Coadjutora da Catedral Nacional da Santíssima Trindade, a qual, mais tarde, assumi como Deã. Servi a Deus ao longo de 17 anos à frente da Catedral Nacional em Porto Alegre, sendo após nomeada Pároca da Paróquia São Paulo, em Cachoeirinha/RS, e Ministra Encarregada da Missão do Natal, em Glorinha (Diocese Meridional). Atuei em várias Comissões Nacionais, sendo Conselheira do Conselho Nacional de Missão da IEAB, e membro do Departamento Nacional de Missão, do Conselho Executivo do Sínodo, da Comissão Nacional de Liturgia, da Comissão Nacional de Diaconia e do Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD), Custódia do Livro de Oração Comum. Atualmente é Coordenadora da Comissão Nacional de Liturgia da IEAB, Coordenadora da Comissão Nacional de Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da IEAB, Bispa referente para o Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso na IEAB, membro do Grupo Coordenador Global do Discipulado Intencional na Comunhão Anglicana e membro da Rede Internacional Ecobishops na Comunhão Anglicana.

Deixo como legado e marca do meu ministério para a IEAB o envolvimento com o Ecumenismo e, principalmente, no Diálogo inter-religioso. Outra marca de meu ministério é o conhecimento e zelo pela Liturgia.



Marinez

DOS SANTOS OLIVEIRA

Diaconato: 30 de outubro de 2011.

Presbiterado: 4 de dezembro de 2016.

Sou Marinez dos Santos Oliveira, nascida em Santana do Livramento/RS, no dia 3 de dezembro de 1956, filha de Octavio Oliveira e Marina dos Santos Oliveira. Graduei-me em Administração e Teologia.

Sou reverenda na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Fui confirmada em 1975 e instituída ao Ministério Leigo em 2002. Minha ordenação ao diaconato ocorreu no dia 30 de outubro de 2011 e ao presbiterado em 4 de dezembro de 2016.

Enquanto ministra responsável assumi a área pastoral de Santana do Livramento/RS, na Paróquia do Nazareno e Missões, e área pastoral de Dom Pedrito/RS, Paróquia do Natal. Ocupo, desde 2005, o cargo de Diretora do Centro Social Anglicano em Santana do Livramento/RS. Sou representante da Diocese Sul Ocidental no Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento, como contato Diocesano, e estou no cargo de Secretária Diocesana de Instituições e Serviços da DSO. Atualmente, sou Capelã da UMEAB diocesana.

Conheci a IEAB por meio de um namorado, na época, isso foi em 1974. Particpei de vários sodalícios, UMEAB, DORCAS, UJAB, Junta Paroquial, Sodalício do Altar. Recebi o Sacramento do Matrimônio na Paróquia do Nazareno, em 1981. Tenho um filho, chamado Wagner Oliveira de Quadros, nascido em 10/11/1983. Estou divorciada desde 1991.

Pessoas que foram importantes e influenciaram como pastores no discernimento da vontade de Deus para seguir e receber as sagradas ordens

foram o Revdo. Deão Silvio de Freitas Barbosa, o Bispo Francisco Silva e o Bispo Jubal Neves.

Muitas pessoas passaram pela minha vida, ordenadas ou não, cada uma ajudou com seus exemplos na minha formação e continuam ajudando, pois o aprendizado é contínuo.

Agradeço a Deus por todos que fazem parte da minha vida, pois são a mola propulsora que me leva à frente, para realizar a Missão de anunciar a Boa Nova de Cristo.



Meriglei

BORGES
SILVA SIMIM

Diaconato: 23 de abril de 1995.

Presbiterado: 28 de setembro de 1997.

Episcopado: 19 de novembro de 2019.

Nasci em 29 de junho de 1967, Coxilha dos Campos - Canguçu/RS. Sou filha de Jarbas Correa Borges e Maria Luiza Borges. Casada com Lázaro Eustáquio S. Simim, com quem tive dois filhos e uma filha, Larissa, Lukas e Igor. Vim de uma família anglicana que sempre se envolveu no trabalho missionário da igreja. Sou de clérigo, cooperei com o ministério pastoral do meu pai, marcado pela missão. Cresceu, então a vontade de estar mais preparada para auxiliar a igreja através do ministério ordenado.

No ano de 1990 ingressei no curso de Teologia, no Seminário Teológico da IEAB/STIEAB. Naquele ano não houve mais nenhum ingresso de estudante. Essa singularidade trouxe momentos de angústia, pois do ponto de vista acadêmico e emocional tive que me reinventar para crescer. Algumas disciplinas foram feitas com outras turmas mais adiantadas e outras com turmas que entraram em anos posteriores para que eu pudesse ter momentos de partilha e estudo. No ano de 1993, concluí o curso de Teologia. Retornei então para a Diocese Anglicana de Pelotas (DAP).

Com residência no Instituto Reverendo Severo da Silva, casa que abrigava meninas, ocupei o cargo de Capelã. Aos finais de semana atuava em Paróquias da Diocese (Catedral do Redentor, centro; Paróquia do Salvador, na cidade de Rio Grande/RS). Foram tempos difíceis, nos quais experimentei

momentos de solidão e dúvida; muitas vezes tentei desistir, mas o chamado era mais forte.

No dia 23 de abril de 1995 fui ordenada ao Diaconato. A partir daí trabalhei como coadjutora nas Paróquias São João Batista e Santíssima Trindade. Nos anos que se seguiram, para minha alegria fui coadjutora de meu pai, Rev. Jarbas C. Borges, na cidade de Canguçu. Foi um tempo de muito aprendizado na questão do significado da missão. Fui ordenada ao presbiterado em 28 de setembro de 1997. A celebração foi em um ginásio de Esportes do município de Canguçu, com dezenas de caravanas das comunidades rurais da região e membros de outras dioceses da IEAB e irmãos ecumênicos. Na DAP, trabalhei também na Comissão de Educação Cristã. No final do ano de 1998 pedi a transferência canônica para Diocese Sul-Occidental (DSO), sediada na cidade gaúcha de Santa Maria e que tinha como Bispo Jubal Pereira Neves. Atuei como Coordenadora de Região Centro e Noroeste; participei no conselho diocesano; no Projeto Centro Promoção da Vida - Montanha Russa/Santa Maria, como ministra encarregada; designada para o atendimento em Ressaca do Buricá/RS, Tupanceretá/RS, Missão São Mateus, Redentor em Júlio de Castilhos/RS, Bom Progresso/RS; ministra da Paróquia Santo André, em Cacequi/RS; Paróquia de São João Batista, em Quevedos/RS e São Timóteo, em Santiago/RS. Fui encarregada das Missões na cidade de Itaara/RS, São Pedro e Todos os Santos. Em 2003 fui enviada como clériga para Santa Rosa/RS, Missão Santa Mônica, e Missão do Espírito Santo na cidade de Horizontina/RS. Em 2005, pedi licença canônica da DSO e passei a ser clériga voluntária na Diocese Anglicana do Rio de Janeiro (DARJ). No período 2006-2007 fiz o curso de Especialização em Planejamento e Gestão Pastoral, na Faculdade de Teologia Evangélica de Belo Horizonte. Em 2006 passei a integrar o clero da DARJ, na Missão Santo Agostinho, em Belo Horizonte/MG; Paróquia São João Batista, em Nova Lima/MG (fui coadjutora); Missão São Pedro, em Belo Horizonte; Paróquia São João Batista, cidade de Nova Lima. Na DARJ fiz parte do conselho diocesano, junta de capelães examinadores, arceidiaga da Região de Minas Gerais. No ano de 2016 participei como candidata ao episcopado da DARJ.

Em 2019, fui candidata ao episcopado na Diocese Anglicana de Pelotas, onde obtive a maioria dos votos leigos e clericais. Sagrada em 17 de novembro de 2019 na DAP.



Neiza

LEITA VELEDA

(1919-2019)

Diaconato: 27 de novembro de 2011.

Nascida em Bagé, em 1919, Neiza chegou a Santa Maria em 1963, com o marido, o engenheiro agrônomo Erb Veleda, que faleceu aos 49 anos. Neiza foi professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Com Erb, que também foi professor da UFSM, Neiza teve dois filhos: Eurico, médico veterinário; Eduardo, bacharel em Direito e docente aposentado da UFSM; e uma filha, Elizabeth, engenheira civil e professora universitária jubilada.

Em maio de 2019, Neiza comemorou seus 100 anos em uma festa com familiares e amigos, em Tapes/RS. Segundo a filha Elizabeth, na celebração de seu centenário Neiza cantou em francês, dançou tango e foi muito homenageada. *“Ela era uma mulher ativa, religiosa, levava uma vida tranquila. Vai nos deixar muita saudade, mas acreditamos que ela cumpriu sua missão”*, declarou Elizabeth Leita Veleda, sua filha.

A poetisa cultivou importantes amizades, entre elas com o ilustre poeta alegreense Mário Quintana. Neiza faleceu no dia 22 de julho de 2019, sendo velada na Catedral Anglicana do Mediador, em Santa Maria, e sepultada no cemitério Santa Rita.

Homenagem da Academia – No site da Academia Santa-Mariense de Letras, o texto da acadêmica Aristilda Rechia presta homenagem a Neiza:

*“Deixa o nosso convívio, uma figura ímpar: alma inquieta, olhar indagador, presença cultural impositiva, coração solidário, amiga e de elevado espírito religioso”. Mestre em Educação e Especialista em Teoria e Prática em Currículo (UFSM), Licenciada em Letras Neolatinas (FIC), deixa um vazio entre os inúmeros alunos que tiveram a oportunidade de ouvir a sua palavra suave, mas precisa, abalizada; de sentir sua dedicação e empenho pela lisura da Língua Portuguesa. Aposentou-se como Professora Adjunta na UFSM. Além de mestra, desempenhou a função de Diácono na Catedral do Mediador de Santa Maria, e era comum ver a sua figura serena e silenciosa visitar os doentes nos hospitais, levando-lhes o conforto espiritual. Detentora da Cadeira 23 da Academia Santa-Mariense de Letras, publicou dois livros de poemas; *Sob o céu de Santa Maria* (2007) e *Eu era verde* (2012). Dona Neiza, como todos a chamavam, em seus gloriosos 100 (cem) anos de existência, deixa a todos nós, um exemplo grandioso de vida: alegre, otimista, realizador, cheio de sonhos e de esperanças. A Academia Santa-Mariense de Letras perde um dos ícones de seu quadro de associados, e a Academia Superior na esfera sideral, recebe uma nova estrela em sua constelação”.*

Tinha como hábito diário cantar três hinos do Hinário Episcopal: o hino 276 - Vigiar e Orar; o hino 118 - Conta as Muitas Bênçãos; e o hino 330 - Oração da Noite. Este último, sempre deixava para o final do dia, antes de adormecer.

Enquanto Diácona da Igreja deixa como principal legado a sensibilidade e o compromisso de servir às pessoas enfermas, com generosidade amorosa.



Neusa

PEREIRA VALÉRIO

Diaconato: 20 de novembro de 2004.

Nasci no dia 9 de abril de 1964, filha de Lídia Ortiz Pereira e de Wilmar Pereira; filha mais nova de cinco irmãos. Sou casada com o Elvis e temos dois filhos Willian e Patrick, as noras Ingrid e Tábata, e o neto Pedro.

Minha ordenação ao diaconato aconteceu por influência de alguns amigos, por uma vontade de servir e com apoio da minha paróquia de origem: Paróquia da Epifania. No dia 20 de novembro de 2004, o bispo Sebastião Gameleira ordenou-me Diácona, na Diocese de Pelotas, tendo como texto inspirador o Evangelho de São Mateus 19:14 *"Jesus, porém, disse: Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim, porque de tais é o Reino dos Céus."* A data da ordenação foi escolhida sem intenção, no entanto, para mim tem um significado maior: significa aquilo que aprendi de Jesus, lutar pela dignidade. O texto de São Mateus por meio da imagem das crianças, representa a educação que entendo ser capaz de trazer transformação à nossa sociedade.

Nesses 16 anos de ministério ordenado, o convívio pastoral com as pessoas acrescentou muito à minha vida espiritual. Na Diocese Anglicana de Pelotas atuei como ministra encarregada da Paróquia da Epifania, em Pedro Osório; também servi junto à equipe pastoral da Paróquia da Santíssima Trindade e da Missão São Francisco de Assis. Estive à frente da Secretaria de Educação Cristã e fui Capelã da Pastoral da Juventude. Um tempo de muito aprendizado.

Nos últimos anos, fui coadjutora na Paróquia do Semeador, e dediquei o meu tempo para o Movimento de Cursilho, sendo Capelã desse movimento.

O Cursilho tem sido um dos ministérios da igreja usados como instrumento de missão, e nessa partilha de dons e vidas tenho aprendido muito.

Atualmente, Deus me chamou para partilhar meu ministério na Diocese Meridional, um grande desafio. Sou grata à Diocese Anglicana de Pelotas que me proporcionou chegar até aqui, e à Diocese Meridional que me deu a oportunidade de ter outras vivências. Está sendo um tempo de grandes trocas. Estou responsável pela Paróquia São Paulo, em Cachoeirinha/RS.



Noilves

ROSA DA SILVA

Diaconato: 12 de fevereiro de 1995.

Presbiterado: 2 de fevereiro de 1997.

Sou Noilves Rosa da Silva, mulher, mãe, agricultora familiar e pastora. Filha de Renadi Augsten Rosa da Silva e Euclides Rosa da Silva, nascida na comunidade de Taquaral, município de Presidente Castello Branco/SC, em 11 de fevereiro de 1973. Sou casada com Délcio Giacomini e com a missão sagrada de parir para a vida minhas amadas Paola e Joana.

Desde minha adolescência percebia um chamado especial para servir às pessoas em comunidade. Tinha um forte desejo em mim de conhecer mais sobre Bíblia, a Liturgia e a Educação Cristã. Já sabia também que a ordenação feminina era possível em nossa igreja. Foi então que os reverendos da época me falaram do seminário em Porto Alegre/RS. Com 18 anos, iniciei os estudos no Seminário Teológico da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. O aprendizado mais significativo para minha vida foi a Liturgia e a vivência em comunidade.

Recebi a sagrada ordem do diaconato em 12 de fevereiro de 1995, na Paróquia Jesus Cristo, Taquaral, Presidente Castello Branco/SC, na Diocese Sul Ocidental. Na Paróquia Santíssima Trindade, Capelinha, Ipira/SC, na Diocese Sul Ocidental, recebi a sagrada ordem do presbiterado em 2 de fevereiro de 1997.

Em meus 25 anos de ordenação, minhas experiências pastorais aconteceram na Diocese Sul Ocidental, na maior parte do tempo no Campo Missionário Oeste de Santa Catarina, caracterizado principalmente pela cultura germânica e agricultura familiar.

Na Diocese, por muitos anos fui secretária de Educação Cristã e de Sodalícios, bem como de outros grupos e comissões: Junta de Capelães Examinadores, Tribunal Eclesiástico e Comissão de Liturgia. Atualmente, faço parte da Secretaria de Sodalícios, Comissão de Liturgia e Junta de Capelães e atendo pastoralmente 5 comunidades no Campo Missionário Oeste de Santa Catarina.

A marca do meu ministério é trabalho em equipe, seja com pessoas leigas ou ordenadas, pois acredito que somos mais eficientes no desenvolvimento de nossas funções. Sou grata ao Deus Amoroso, que tem me proporcionado experiências maravilhosas. Também sou tremendamente apaixonada pelo método de trabalho em Educação Cristã baseado no Método Bom Pastor. A ideia de a criança desenvolver a capacidade de aproximar-se do sagrado por si mesma é carregado de significado. Não precisamos imprimir a nossa marca. Cada pessoa pode estabelecer a sua experiência para posteriormente viver essa experiência em comunidade.

Empenho-me em levar as pessoas não apenas à cerimônias ritualísticas, mas a experiências que lhes ajudem a alcançarem o mais profundo sagrado que existe nelas.



Patricia

ANN POWERS

Diaconato: 29 de junho de 1986.

Presbiterado: 28 de dezembro de 1986.

Sou **P**atricia Ann Powers, norte-americana, de raízes irlandesas. Graduada em Serviço Social, mestra e doutora em Teologia. Ordenada ao diaconato em 29 de junho 1986, aos 38 anos; e ao Presbiterado, em 28 de dezembro de 1986. Vivi 22 anos no Brasil, de 1974 a 1991, e de 1998 a 2001.

De 1974 a 1986 iniciei meu trabalho no Rio de Janeiro, voluntariamente, na Diocese Central. Trabalhei na Escola Anglicana do Rio como administradora, e na Paróquia do Mediador, como leiga. Trabalhei com jovens diocesanos; fui secretária do bispo; atuei com mulheres, no Morro Santa Marta e na Escola, na Cidade de Deus.

De 1985 a 1988, trabalhei na Diocese Anglicana de Brasília, tendo sido a reverenda responsável por missões em Ceilândia; fui Deá da Catedral da Ressurreição, professora do Teologia Sistemática no CANT, e secretária do bispo.

Em 1988 fui a Porto Alegre para abrir o Departamento de Missão, por sugestão do Secretário Geral da IEAB de então, a fim de criar o plano nacional para o avanço missionário da IEAB, e organizar o Encontro de Companheiros em Missão, que incluía sete países.

Fui professora de Teologia Sistemática no Seminário Nacional; pároca da Paróquia de Todos os Santos, Novo Hamburgo/RS. Em 1998, reabri o Departamento de Missão, e junto com o Secretário Geral, criamos os Distritos

Missionários de Centro Oeste (Rondônia) e da Amazônia. Também fui Deã do Seminário Regional, em Porto Alegre/RS, e professora de Missiologia.

O mais importante para mim é a liturgia que mostra nossa unidade com diversidades e nossas raízes históricas - o episcopado histórico.

Para mim a IEAB é pura missão, em todos os sentidos. Uma Igreja que entende o seu papel na História do Brasil e dentro o Anglicanismo. Felizmente não tenho o conforto de ser como a Igreja norte-americana, por exemplo, que só pensa em dinheiro antes de abrir um trabalho novo. A Igreja no Brasil pensa no povo e como pode ajudar a melhorar sua situação.

Destaco alguns pontos positivos: a) trabalhar com pessoas tão dedicadas e cheias do Espírito Santo; b) aprender diariamente como o nosso Bom Deus e como le trabalha para o melhor do seu povo - se nos deixamos usar por ele; c) a liberdade de criar novo trabalho em lugares que antes não podia ser criado; d) ser parte das primeiras mulheres ordenadas no Brasil - foi um privilégio muito grande para mim.

Alguns pontos negativos: a) viver longe da família é um sacrifício muito grande para qualquer pessoa; b) também, às vezes, não ser aceita por causa da nacionalidade, especialmente por ser norte-americana.

Penso que o papel da mulher no Brasil é mais valorizado do que nos Estado Unidos. O Brasil tem muito mais reitoras, deãs, em percentagem, do que nos EUA. O papel da mulher na Igreja é fundamental, seja leiga ou clériga. A contribuição a partir de sua criatividade, espírito e fidelidade são o coração da IEAB.



Rosemary

FERREIRA
DA CUNHA

Diaconato: 15 de maio de 2010.

Presbiterado: 12 de maio de 2012.

Nasci em 11 de setembro de 1962, em Recife/PE. Filha de Arlindo José da Cunha e de Cleonice Ferreira da Cunha. Sou graduada em História (licenciatura plena), pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, pós-graduada em Teologia Pastoral e Anglicana pelo Seminário Anglicano de Estudos Teológicos. Professora atuante na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias (Fundamental II, Ensino Médio e Pré-vestibular).

Ingressei na Igreja Episcopal Anglicana, Diocese Anglicana do Recife, em 1998. Auxiliei no Ponto Missionário Jesus de Nazaré (Parnamirim – Recife/PE), onde fui instituída Ministra Leiga, em 2006. Também auxiliei no Ponto Missionário da Liberdade (Jaboatão do Guararapes/PE). Fui ordenada ao diaconato em 15 de maio de 2010, e ao presbiterado em 12 de maio de 2012, pelo Revmo. Bispo Sebastião Armando Gameleira Soares (Emérito). Integrei a Comissão Nacional e Diocesana de Liturgia, fui membra da Comissão Diocesana de Intercessão e Presidente da Comissão de Ministério.

A Comunidade Jesus de Nazaré, mediante a depressão dos cismas e usurpação dos templos, por falta de recursos, foi transferida e instalada em minha residência, mantendo-se por um significativo tempo de sete anos, pela graça e pela fé! Uma missão de resistência que cresce para a honra e glória da Senhor, na cidade de Olinda/PE. Em 2016, no Concílio Diocesano, a Missão passou a ser Paróquia.

Atualmente, na Diocese Anglicana do Recife, no episcopado do Revmo. Bispo João Câncio Peixoto Filho, sou a clériga responsável pela Paróquia Jesus de Nazaré, com sede própria, localizada na Rua São Miguel, 63, Carmo, Olinda/PE, e também Presidente do Conselho Diocesano, da Comissão de Ministério e da Comissão de Oração e Intercessão. Encontro-me atuante na pastoral da saúde e consolação (visitações em hospitais e domicílios), pastoral da Inclusão Portas Abertas (orações nos lares) e outras atividades pastorais.

Servir a Deus e às pessoas, especialmente, às necessitadas, fragilizadas e oprimidas é a missão nossa de cada dia.



Selma

ALMEIDA ROSA

Diaconato: 23 de julho de 2013.

Sou Selma Almeida Rosa, nome escolhido por minha mãe. Nasci em 17 de fevereiro de 1964, numa pequena cidade, interior do Paraná, lugar onde a vida econômica e a população acompanhavam o Ciclo do Café e também conhecida por ser “celeiro de pastores”. Sou filha de Francisco Rosa Filho e de Dielze Almeida Rosa, ambos fieis a Deus, comprometidos com o Reino, da mesma forma que foram meus avós. Foram meus pais que me ensinaram o caminho do Senhor. Meu pai, presbítero desde muito jovem, e minha mãe, sempre atuando como diaconisa. Tenho um filho, duas filhas, dois netos e duas netas.

Minha vocação foi sendo dia a dia confirmada pela vida, por amigos, por familiares, por alguns pastores e pastoras amigos e, finalmente, pela comunidade anglicana da Paróquia São Lucas, Londrina/PR, à qual pertenci durante muitos anos. Nada foi precipitado. Tudo foi um longo processo, de interferência Divina, até que eu mesma, até que eu mesma fui sendo convencida a abraçar o ministério ordenado, do qual por muito tempo não me julguei digna.

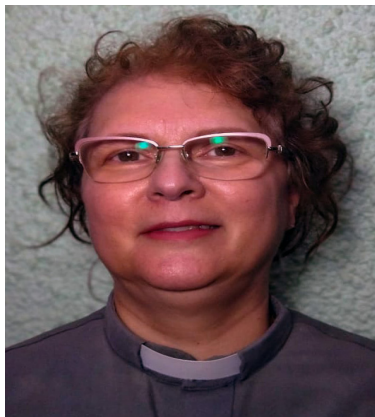
Fui ordenada Diácona em 23 de julho de 2013, no templo da Catedral de São Tiago Apóstolo, Curitiba, Diocese Anglicana de Curitiba, hoje DAPAR. O rito de ordenação diaconal foi presidido pelo Bispo Diocesano Naudal Alves Gomes. Tenho colaborado na Paróquia de São Lucas, Londrina/PR, minha comunidade desde 2001, que sempre me acolheu e na

qual tenho tido a honra de servir e com a qual tenho aprendido. Meu tempo é dividido, entre o magistério (sou docente) e o ministério.

Na IEAB já contribuí em diferentes espaços e de diversas formas: na presidência da Câmara de Clérigos e Leigos, em minha diocese, na igreja local, com crianças, na UMAB, na visitação, na ministração de sermões, em ações de resitência e conscientização da violência contra a mulher, dentre outros serviços dos quais me sinto privilegiada.

Este é meu breve testemunho. É também parte de como me sinto, não unicamente como diácona, mas como cristã que sou. É também um poucos de meu legado.

Uma das primeiras coisas que fiz, após minha ordenação, foi relembrar o sentido do colarinho, que indica de quem somos servos, a quem nos dedicamos e por quem fomos chamados, e mostra que nosso papel é servir. A garganta envolvida é também a lembrança de que devemos falar e proclamar as Boas Novas de Deus; é lembrança de que podemos e devemos ser voz de quem não tem; é alerta para que não fiquemos mudos, não nos acovardemos, especialmente diante de argumentos incoerentes ou da fraqueza de algum opressor.



Taís

FELDENS

Diaconato: julho de 1991.

Presbiterado: março de 1992.

Nasci em Porto Alegre/RS, no dia 18 de janeiro de 1963, embora minha família morasse em Pelotas. Cresci numa casa em que eu e a minha irmã éramos estimuladas a ter consciência crítica, com ênfase nos Direitos Humanos.

Na época que eu tinha cerca de 7 anos, a IEAB entrou numa crise econômica, pois se independizou da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. Muitos reverendos deixaram a Igreja naquela época. Como São Francisco de Assis era uma referência pra mim, resolvi fazer o curso de Enfermagem. Logo após, quando eu já estava trabalhando na área hospitalar, cursei o seminário teológico (1987-1990).

Minha turma era composta por mim e pelos colegas Aubri Ecotem e Humberto Maiztegui. Em abril de 1991 fui ordenada ao diaconato junto com a colega Anésia Nascimento de Jesus, e ao presbiterado junto com os colegas de turma Aubri e Humberto, em junho de 1992. Nesse mesmo ano, eu e Humberto nos casamos e tivemos a nossa filha Natalia. Seis anos depois nasceu o nosso filho Rafael.

Naquela época fui ministra encarregada da Missão São Pedro, em Canela/RS. Mudamo-nos para Porto Alegre, em 1996, quando passei no concurso para trabalhar em saúde pública - outro grande aprendizado na vida, não só no campo da saúde, mas também no campo da Teologia. Nesse mesmo período fiz cursos ligados à saúde alternativa, como bioenergia e reiki.

Com uma filha e um filho, trabalhando 40 horas na Prefeitura, decidi servir à Igreja como clériga de tempo livre. Fiz parte da Pastoral Indigenista Anglicana (PIA), eu e Humberto trabalhamos com o povo Bakairi no Mato Grosso e o povo Guarani, em Viamão e arredores. Fiz parte de grupos feministas. Fiz especialização em Saúde Pública. Fui gestora de equipes durante o meu trabalho na Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre.



Tatiana

RIBEIRO

Diaconato: 13 de março de 2005.

Presbiterado: 13 de abril de 2008.

Nasci na cidade de Erechim, no dia 1 de março de 1981, filha de Sérgio Caetano e Alices de Lourdes Ribeiro. De família de origem católica romana, conheci a IEAB por meio da Paróquia de Jesus Cristo, em Erechim/RS, no ano de 1997, quando comecei a cursar o Ensino Médio no Instituto Anglicano Barão do Rio Branco. No mesmo ano comecei a participar do grupo de jovens e da equipe de Educação Cristã da Paróquia. Fui confirmada em dezembro de 1997, pelo bispo Jubal Pereira Neves. A participação e vivência nas atividades da vida paroquial tornaram-se fundamentais e muito importantes para assumir o compromisso com o projeto de Jesus Cristo e o meu chamado vocacional.

Em 2000, com o apoio e incentivo da comunidade da Paróquia de Jesus Cristo e em especial do Rev. Francisco Paulo, Revda. Magda e do Bispo Jubal Neves, fui para Porto Alegre para cursar Teologia no SETEK. Foram quatro anos de estudo e vida comunitária, onde além dos conhecimentos teológicos cresci e amadureci muito na fé e no ministério.

Sempre me dediquei ao ministério da juventude: de 2002 a 2007 fui Secretária Administrativa da Cin-UJAB, trabalho que trouxe muitas alegrias e desafios, e a certeza de que a juventude é o presente da Igreja.

Ao concluir o curso de Teologia, realizei estágio pastoral na Catedral do Mediador, em Santa Maria/RS, na Missão do Espírito Santo, em Horizontina/RS, na Região de Santa Rosa.

Fui ordenada diácona em 13 de março de 2005, na Catedral do Mediador, Santa Maria/RS. Após a Ordenação fui designada para ser coadjutora na Paróquia Matriz do Nazareno, Sant'Ana do Livramento/RS (dezembro/2004 - agosto/2006). Em agosto de 2006, fui transferida para o Campo Missionário de Santa Catarina, Região de Concórdia, composta por 12 comunidades, na época, onde nos finais de semana auxiliava nos trabalhos pastorais. No mesmo período residia em Erechim e durante a semana lecionava Ensino Religioso para o Ensino Fundamental e Médio, no Instituto Anglicano Barão do Rio Branco (agosto/2006 - dezembro/2007). Em 13 de abril de 2008 fui ordenada Presbítera na Paróquia de Jesus Cristo, Erechim/RS. No ano de 2008 trabalhei como ministra encarregada na Paróquia da Transfiguração em Rosário do Sul/RS.

Respondendo mais uma vez ao chamado de Deus para ir aonde Ele me enviasse, deixei o sul gaúcho e estou servindo ao povo de Deus na Diocese Anglicana de Brasília desde 2009, tendo atuado como clériga associada na Catedral da Ressurreição, em Brasília/DF, auxiliando no trabalho na Missão Filadelfia, Brasília/DF, (2010-2012); Pároca na Paróquia São Felipe, em Goiânia/GO, (2013-2016). Atualmente sou Deã da Catedral da Ressurreição, Brasília/DF, Coordenadora do Centro de Estudos Teológicos Diocesano e fui membro do Grupo Coordenador da Temporada do Discipulado Intencional - Comissão Internacional da Comunhão Anglicana. No ano de 2012 fiz um período de estudos no Instituto Ecumênico de Bossey, Genebra, e intercâmbio na St Andrew's Church, em Lisboa/Portugal; na Holy Trinity Parish, em Northwood, Londres, além de uma experiência na comunidade de Taizé, na França em 2016.

Como marca de meu ministério com a juventude estive envolvida com o trabalho da REJU, (2009 - 2012), fui Conselheira do Conselho Nacional da Juventude da Presidência da República do Brasil - CONJUVE, (2010-2011), e na UJAB, (2010-2015), encerrando com a realização do último Encontro Nacional da Juventude, em setembro de 2015, com a participação de aproximadamente 250 pessoas. Hoje integro as Comissões Nacionais de Diálogo Ecumênico e Interreligioso e a Comissão Nacional de Liturgia.

Creio que um dos mais belos sinais da presença de Deus no mundo é a **diversidade**. Defenderei sempre o direito de cada pessoa ser do jeito que Deus a criou, sem nunca esquecer que foi criada a Sua imagem e semelhança! Creio que a Igreja deve ser um espaço seguro para todas as pessoas!



Tatiane

VIDAL DOS REIS

Diconato: 10 de março de 2013.

Sou filha de Terezinha Vidal dos Reis e de Djalma Lopes dos Reis. Atualmente resido na cidade de Novo Hamburgo/RS, onde nasci, no dia 22 de dezembro de 1979. Sou graduada em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF) e em Pedagogia, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Penso que falar sobre como se deu o discernimento da minha vocação é o mesmo que falar sobre minha história, pois creio que essa se deu ao longo das vivências que experienciei e experiencio dentro da IEAB. Quando solicitei ingresso no Seminário Teológico Dom Egmont Machado Krischke, SETEK, em 2008, recebi a orientação para que escrevesse uma carta explicando como nasceu minha vocação. Na época, escrevi as seguintes palavras: A pergunta “como nasceu tua vocação?” ocupou um espaço bastante grande em meus pensamentos. Até que, em uma noite qualquer, antes de dormir, comecei a relembrar alguns momentos da minha vida, tentando identificar em qual deles teria nascido minha vocação para o ministério. Talvez em algum domingo no qual acompanhava meu pai na tarefa de abrir o templo da Paróquia de Todos os Santos, em Novo Hamburgo/RS, visto que, na época, ele era o primeiro guardião. Talvez teria nascido quando participava das atividades na Escola Dominical, ou em alguma reunião da Sociedade Auxiliadora Episcopal Anglicana (SAEA) da qual fui secretária paroquial, ou, ainda, durante a comemoração dos 100 anos da IEAB. Quem sabe minha vocação tenha despertado durante o período de preparação para a Confirmação, ou talvez no dia da sua realização. Pode ter sido, também, durante a participação nos

Mutirões do Avivamento, ou nos encontros do grupo de jovens paroquial e diocesano, ou talvez a partir dos momentos vividos durante a 9ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, ou nos encontros/reuniões da CIN-UJAB e CLAI. Através da lembrança desses momentos vivenciados, creio que o discernimento de minha vocação se deu ao longo da minha caminhada de vida e nos momentos em que Deus me usou como um instrumento seu na vida de outras pessoas.

Após a conclusão dos estudos em Teologia, e a partir do desejo de vivenciar o ministério ordenado, no dia 10 de março de 2013, quarto domingo da Quaresma, na Catedral Nacional da Santíssima Trindade, em Porto Alegre/RS, o Bispo Orlando Santos de Oliveira, então Diocesano da Diocese Meridional, conferiu-me a Ordem do Diaconato.

Atualmente, tenho exercido o Ministério de Tempo Livre, optando por dar continuidade aos estudos na área da educação, atuando como professora na rede municipal de ensino do município de Novo Hamburgo. Durante algum tempo dediquei-me ao serviço voltado à juventude paroquial, diocesana e nacional, representando a IEAB em encontros e reuniões de grupos ecumênicos voltados para o trabalho com as juventudes. Um período de dedicação e esforços para que nossas juventudes tivessem a oportunidade de vivenciar momentos de encontros, partilha, união, reflexão e convívio consigo, com as outras pessoas e com o sagrado que habita em nosso meio e em cada pessoa.

Creio na caminhada que trilhamos até aqui, nas histórias que temos escrito, nos passos que ainda daremos, na caminhada que ainda trilharemos e na história que ainda escreveremos como mulheres e homens a serviço do Evangelho de Cristo, onde quer que nos encontremos.



Valéria

APARECIDA DA SILVA

Diaconato: 6 de maio de 2006.

Presbiterado: 12 de maio de 2007.

Nasci no dia 16 de setembro de 1974, em Barretos/SP. Filha de Antônio Daniel da Silva e Ana Lúcia Romão da Silva.

Em julho de 2001, após permanecer 11 anos na Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência, deixei a vida Religiosa Consagrada Regular e fui morar na cidade de São Paulo. Sentindo-me impelida a viver os votos batismais num outro estado de vida, aproximei-me da Comunhão Anglicana por meio do contato com Revd. César Alves, na Paróquia da Santíssima Trindade. Em 2002, sob a orientação pastoral do Revd. Lauri Wollmann, fui preparada para ser recebida em comunhão como membro da IEAB, pelo Revmo. Bispo Primaz Glauco Soares de Lima. Em julho do mesmo ano, por iniciativa própria, comecei os estudos teológicos na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Sra. da Assunção, mas somente em 2003 teve início efetivamente o processo como postulante às Sagradas Ordens.

Fui ordenada diácona no dia 6 de maio de 2006, na então Catedral Anglicana de São Paulo, e ordenada presbítera na Paróquia Anglicana de São João em 12/05/2007, ambas ordenações Pelo Revmo. Bispo Diocesano D. Hiroshi Ito, na cidade de São Paulo.

Exerci toda atividade ministerial na Diocese Anglicana de São Paulo. Fui Reitora da Paróquia Anglicana da Santa Cruz e Ministra Auxiliar na Paróquia Anglicana de São João, ambas em São Paulo. Fui secretária episcopal (2003-2011), durante episcopado dos Revmos. Bispos Hiroshi Ito e Roger Bird. Também fui membro da JUNET (Junta Nacional de Educação Teológica

da IEAB) quando seminarista, e da UJAB (União da Juventude Anglicana) diocesana; da CONAC (Comissão Nacional Anglicano-Católica Romana) e do MOFIC (Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs). Representei a Diocese Anglicana de São Paulo e a IEAB em alguns eventos: 20 anos de Ordenação Feminina na IEAB, 2005; Primeiro Encontro de Mulheres Ordenadas da Região da América Central (IARCA, 2010); companheirismo com a Diocese da Pensilvânia Central (2012). Atualmente encontro-me em processo de reintegração ao Ministério Ordenado.

Todas as atividades pastorais e ritos sacramentais constituem o maior legado de uma ministra ordenada à igreja, pois é desse modo que, permanecendo aos pés do Mestre, na relação de mútuo amor, se deixa modelar para viver no mundo relações de caridade fraterna, autêntico serviço, escuta atenta e zelo pastoral para com a Criação Divina. Isso eu vivi e preguei por onde passei. E sempre foi de grande importância o cultivo do relacionamento pessoal com Deus, através da oração diária, meditação das Sagradas Escrituras, leituras espirituais, ganhando particular atenção a assessoria nos retiros anuais no Centro Teresiano de Espiritualidade, com as comunidades do Grande ABC e Paróquia de São João, promovendo tempos especiais de encontro com Deus e vivências fraternais que fortalecem os laços de comunhão entre os membros da Igreja. Deus nos chama para estar com Ele em comunhão de vida e amor e depois nos envia em missão ao mundo.



Vera Lúcia

LIMA DE ALMEIDA

(1958-2015)

Diaconato: 18 de maio de 2003.

Presbiterado: 21 de setembro de 2003.

Em 20 de fevereiro de 1958 nascia Vera Lima de Almeida, natural de Cacequi/RS, filha de Wenceslau Vargas de Almeida e Ilma Lima de Almeida. Pai ferroviário e mãe do lar, foi criada segundo os princípios anglicanos. Quando criança frequentava a escola dominical, na Paróquia de Santo André, na sua cidade natal. Foi apresentada à igreja pela ocasião de seu batismo na mesma Igreja que frequentou durante a infância e a adolescência.

Quando jovem se mudou com sua família para a cidade de Santiago/RS, na ocasião em que seu pai ferroviário foi transferido para exercer suas funções no escritório da ferrovia. Não havia naquela cidade uma igreja anglicana e por isso a família limitou-se a frequentar a igreja quando visitava os familiares em Cacequi/RS. Alguns anos passados e fazendo relações de amizade com cidadãos santiaguenses, em conversas, descobriram outros integrantes da igreja. Ali se iniciou o sonho de fundar a igreja na cidade. Os primeiros cultos foram feitos na residência da família Almeida e assim começa uma nova missão.

Vera Lucia integra-se nos trabalhos da missão religiosa e atua arduamente pela igreja. Muitos cultos foram realizados, festas, rifas e outras atividades para arrecadar fundos para que a igreja fosse construída. Numa tarde, após o almoço, juntamente com o Bispo Jubal Neves e outros reverendos que vieram realizar o culto na cidade, a jovem Vera expressou sua vontade de iniciar seus estudos de Teologia para se tornar reverenda. Os religiosos ouviram-na e levaram sua proposta para estudo. Dias depois veio o comunicado que a

discípula Vera seria aceita no seminário e com isso mais uma mulher seria preparada para o ministério ordenado da igreja. Demonstrando felicidade e cheia de fé, a jovem deixa a casa dos pais e assume os estudos. Em 2002 é ordenada Diacona e dá início ao seu ministério na cidade de Passo Fundo/RS.

Apaixonada pelo artesanato, a reverenda começa seu trabalho na igreja montando oficinas de crochê, tricô e pintura em telas, entre outros. Assim reúne pessoas de baixa renda que se beneficiavam com seus trabalhos aumentando a renda familiar. A segunda comunidade que atuou como reverenda foi na cidade de Horizontina/RS onde deu continuidade aos trabalhos existentes e formou novo grupo com mulheres, crianças e jovens. A produção de trabalhos artesanais fomentava o aumento da renda familiar. Sua transferência foi anunciada para São Gabriel/RS e lá se foi a Revda. Vera atuar com aquela comunidade.

Nas comunidades por onde passou organizou grupos de mulheres, jovens e homens que, motivados pela seriedade da Reverenda trabalhavam arduamente pelas igrejas e pela obra de Deus.

Com a saúde debilitada por enfermidade grave no coração foi transferida para Santa Maria/RS, onde continuou seu tratamento e mesmo assim seguiu frequentando e auxiliando os trabalhos pastorais na Catedral do Mediador. Auxiliava nos cultos, nos trabalhos da comunidade carente da Montanha entre outros serviços prestados ao ministério da fé. Vera também foi membro da Ordem das Filhas do Rei, na Paróquia do Redentor, em Porto Alegre/RS.

Vera Almeida partiu desta vida em fevereiro de 2015, deixando um exemplo de amor ao próximo e dedicação à causa do Evangelho.



Volnice

MARIA DE ALMEIDA

Diaconato: 2 de setembro de 2018.

Presbiterado: 8 de março de 2019.

Nasci no dia 24 de setembro de 1956. Filha de José Joaquim de Almeida e Cleuza Coutinho. Solteira. Minha vocação para a vida religiosa apresentou-se desde cedo. Venho de tradição católica romana. Com 18 anos entrei para a Instituição Religiosa das Irmãs de Sant'Anna. Foram 30 anos, entre estudo, votos e missão.

O meu conhecimento da Igreja Episcopal Anglicana deu-se através de uma missão na periferia de Londrina/PR, atendida pela Revda. Lúcia Dal Pont e pelo Revdo. Luiz Sirtoli, onde minha irmã já participava, em 2011. Eu já tinha saído do convento há algum tempo, mas não me sentia feliz em participar da Igreja Romana. Quando conheci a Igreja Anglicana e a possibilidade de ser eu mesma, e quem sabe um dia engajar-me no ministério renasceu em mim novamente a alegria de viver. A partir desse momento fui dando passos, comecei a participar das celebrações, encontros de formações e o discernimento vocacional foi sendo confirmando dia após dia.

Um ano depois fui recebida na Comunhão Anglicana, 12 de outubro de 2012. Em 2014, fui instituída Ministra Leiga e assumi várias funções na comunidade, tudo passa a passo. Em 2015 entendi que poderia estar no ministério ordenado e teve início o meu processo para ser postulante. Iniciei o curso de Imersão no Anglicanismo, que durou dois anos, e em seguida fiz o pedido para receber a Ordem Sagrada do Diaconato. Fui ordenada ao Diaconato no dia 2 de setembro de 2018.

Todo meu trabalho na Igreja desenvolveu-se na Paróquia São Lucas, de Londrina/PR; Missão do Espírito Santo, em Maringá/PR e um Ponto de Pregação em Lerroville, Distrito de Londrina/PR. Fui responsável pela visitação às famílias necessitadas e pelo trabalho com crianças. Na Missão, em Maringá/PR, acompanhei a Revda. Lúcia no atendimento da comunidade, e em sua ausência conduzia as celebrações e orações. Na Paróquia de São Lucas fiz parte do grupo de liturgia e ajudei no desenvolvimento de todos os trabalhos. Até 2017 estávamos eu e a Revda. Lúcia para esses trabalhos. Participei também do grupo de Estudos Bíblicos (CEBI) e do Movimento Ecumênico de Londrina (MEL).

Fui ordenada ao Presbiterado em 8 de março de 2019. Sou grata à Diocese Anglicana do Paraná por toda minha formação.

A característica do meu trabalho pastoral se dá muito mais além dos bancos da Igreja, pois costumo ir ao encontro das pessoas, para ouvi-las e pouco falar. Algo que tem marcado muito nossa realidade em 2020, é o alcance de nossa fala, atravessando fronteiras nunca pensadas. É muito bom sentir que uma palavra ofertada pode fazer bem a pessoas que nem conheço e que estão em outras países. O que se configura na singular experiência de testemunhar o ministério de Jesus Cristo nas redes sociais.



Zoar

COIMBRA GONÇALVES

Diaconato: 22 de novembro de 2003.

Anglicana desde o nascimento, casada com Valdemar Gonçalves, mãe de dois filhos, Árlis e Álison, professora de Literatura e Linguística, já aposentada. Membro da Paróquia São João Batista, Diocese Anglicana de Pelotas, desde a sua fundação.

Exerci diversas funções na igreja como: professora de Escola Dominical; secretária da Junta Paroquial; presidente da UMEAB, por diversas vezes; ministra da Eucaristia, Capelã da Irmandade da Santa Cruz, Coordenadora Diocesana da Pastoral da Saúde. Também coordenei por alguns anos o Dia Mundial de Oração (DMO), em Pelotas/RS.

Fui ordenada ao Diaconato no dia 22 de novembro de 2003 e desde a minha ordenação exerço o ministério diaconal como coadjutora da Paróquia São João Batista.

Anexo I

1º Discurso de Defesa da Ordenação Feminina na IEAB

*Discurso proferido por Maria Elvira Zimmermann Noble
no 24º Concílio Diocesano da Diocese Sul Ocidental
4 a 7 janeiro de 1973, em Santana do Livramento/RS.*

Prezados irmãos conciliares, o assunto que vamos tratar aqui é realmente importante para a vida e desenvolvimento da nossa querida Igreja Episcopal do Brasil. Estamos por esta razão atemorizadas pelo resultado desta espécie de pesquisa que vamos realizar hoje, neste 24º Concílio da Diocese Sul-Occidental.

O assunto “Ordenação de Mulheres”, embora venha sendo tratado há mais de três décadas no seio do Anglicanismo, por nós no Brasil é apenas comentado quase de particular para particular. Mas, hoje, vamos falar oficialmente (e é bom que todos tenham consciência disso) repito, vamos falar oficialmente sobre a possibilidade de serem ordenadas mulheres (senhoras ou moças) ao ministério pleno da Igreja.

Sei que perguntas virão de todas as formas e sei também que muitas ficarão sem respostas, ou, ao menos, com respostas que não vão satisfazer a todos. Uma pergunta que iremos responder antes mesmo de ser formulada por alguém do plenário, pois, sabemos que ela deve estar tomando conta da mente de todos: Por que mulher no Ministério Sagrado?

Responderemos inicialmente com esta outra pergunta: Por que não? Irmãos, nós estamos no século XX, na era em que as viagens à lua não são mais tão incomuns - na era em que a moda é unissex, na era em que não existe mais uma profissão só para homens. Por que a Igreja deve ser a exceção? Uma vez que é inegável a existência de mais mulheres do que homens (as estatísticas podem provar) e, além disso, é comprovada a grande dedicação da mulher no trabalho religioso.

Alguns poderão dizer “é... mas eu estou acostumado a ter um Reverendo como meu guia espiritual e não vou gostar de ter uma mulher na liderança da minha Paróquia”. Mas por quê? Se Deus não faz acepção de pessoas, o sexo não pode impedir as vocações. Se assim fosse, o mundo teria perdido muito em exemplo de dedicação e desprendimento com o não-surgimento de uma Maria Quitéria, Anita Garibaldi, Joana D’arc, e inclusive, Valentina Tereshkova, astronauta russa, entre muitas outras que poderiam ser citadas.

É importante dizer aqui, a título de informação que: a Câmara dos Bispos da Igreja Episcopal já aprovou a ordenação de mulheres. E embora isso não seja tudo, já é um começo.

Trago hoje esse assunto porque as Dioceses podem levá-lo ao Sínodo, que é quem pode e deve aprovar. Senhoras e moças, atualmente, não podem ser admitidas como postulantes, mas temos a certeza de assim que puderem surgirão muitas diáconas e presbíteras.

Anexo II

Carta Aberta à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Desperta Débora, desperta! Desperta, entoa um cântico - Jz 5:12

Amadas(os) irmãs(os) em Cristo,

Reunidas nos dias 8 a 11 de setembro de 2005, em Itaára/RS, nós, mulheres anglicanas, teólogas, clérigas e leigas, representantes de todas as dioceses de nossa província, juntas com companheiras em missão da Inglaterra, Canadá e Estados Unidos para celebrar e avaliar o chamado que Deus fez a cada uma de nós, na construção de uma nova sociedade e de uma Igreja comprometida com os apelos do povo sofredor, constatamos, através dos estudos e reflexões sobre o contexto da IEAB hoje; mulher, poder e serviço; missiologia e ministério; testemunhos e depoimentos de várias colegas e da releitura bíblica através de uma hermenêutica de suspeita, que:

O Ministério Ordenado de mulheres representa hoje 30% do clero nacional, tornando a Igreja mais próxima do ideal de comunidade cristã e mostra uma face diferente de ser e fazer Igreja. O modo feminino, mais inclusivo, abarca o diferente e dá uma nova cara pastoral, teológica, litúrgica, missiológica e eclesiológica, contribuindo para a construção de uma Igreja engajada, profética, ecumênica, misericordiosa e inclusiva.

Entendemos que, ao longo desses 20 anos, foram muitas as nossas conquistas. Todavia, esta caminhada nos fez perceber que a Igreja necessita ainda avançar; por isso, recomendamos que:

- a formação teológica na IEAB contemple a questão de gênero, através da revisão curricular e do acréscimo da cadeira de Teologia Feminista nos nossos Seminários e Centros de Estudos Teológicos Diocesanos; e que através do CEA seja ampliada a discussão sobre o tema, por meio da promoção de seminários regionais e diocesanos; e que a JUNET contemple em seu programa de bolsa a formação em outras áreas do saber, como forma de auxílio no desenvolvimento do ministério.

- a IEAB respeite a resolução do Conselho Consultivo Anglicano, de junho de 2005, que solicita a participação feminina de 50% em todos os níveis decisórios: cargos e comissões paroquiais, diocesanos e provinciais;

- a política salarial das dioceses contemple com justiça e igualdade o exercício do ministério feminino, tornando os salários dignos e nos mesmos níveis que são pagos aos homens que exercem igual função; e que também sejam respeitados os direitos e de previdência complementar (FAPIEB);

Crendo que esta Igreja tem buscado a cada dia cumprir o propósito de Deus, que não abdica nem da justiça, nem da misericórdia, é que expomos através dessa carta nossas conquistas, sonhos e desafios, no sentido de efetivamente vermos acolhido no seio da IEAB o sacerdócio feminino em igualdade de condições e no respeito as nossas diferenças.

Renovamos nosso compromisso de, como Débora, sermos testemunhas da coragem, do amor, da misericórdia, da bondade, da justiça, da igualdade, da solidariedade e do serviço no despertar de uma Igreja profética e comprometidas com o Reino.

Em Deus Mãe e Pai, que nos ama a todas e todos incondicionalmente,

Clero feminino da IEAB

Santa Maria, 10 de setembro de 2005.

Anexo III

DECLARAÇÃO

Nós, mulheres teólogas ordenadas e leigas da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, reunidas nos dias 5 a 7 de junho de 2015, na Casa de Retiros Vila Betânia, Porto Alegre, RS, em celebração aos 30 Anos de Ordenação das Mulheres na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, motivadas pela temática do encontro “Mulher, fonte de força e fé” e inspiradas por reflexões sobre o contexto da ordenação feminina na América Latina, discutimos acerca dos dados coletados a partir das fichas de inscrição; da questão de gênero e dos desafios pastorais; dos discipulados iguais: sexismo na ordenação feminina e episcopado e sobre a atual conjuntura da ordenação feminina no Brasil - por meio de experiências e testemunhos das reverendas.

Como fruto desse processo foram pontuadas questões fundamentais ao exercício do ministério feminino ordenado na IEAB, quais sejam:

- 1. Episcopado feminino;**
- 2. Os impactos emocionais, psicológicos e físicos decorrentes da falta de cuidado pessoal e mútuo;**
- 3. A pouca coesão de todo clero;**

Desse modo, a fim de que tais questões sejam aprofundadas e corroborem para a construção de uma igreja de fato inclusiva, à imagem divina, retomamos, também, recomendações do documento elaborado por ocasião dos 20 Anos de Ordenação das Mulheres na IEAB, e propomos as seguintes ações:

- 1. que os cânones da IEAB, na revisão a ocorrer em 2017, garantam que seja cumprida a meta proposta pelo Conselho Consultivo Anglicano de junho de 2005, que recomenda a participação feminina de 50% em todos os níveis decisórios: cargos e comissões paroquiais, diocesanos e provinciais;**

1.1. que haja mobilização, em todas as instâncias, no sentido de informar e conscientizar todas as pessoas participantes de processos de eleição acerca do direito das mulheres às três ordens: diaconato, presbiterato, episcopado.

2. que seja escolhida uma Capelã por área provincial

2.1 que se crie uma rede de comunicação que propicie comunhão, aproximação, informação e socialização de saberes entre as clérigas;

2.2 que se efetive o comprometimento e responsabilidade da câmara dos Bispos no exercício do cuidado pastoral;

2.3 que se crie um fundo para subsidiar os próximos encontros.

3. que voltem as Conferências Nacionais do Clero.

Sáímos deste encontro conscientes de nossas potencialidades e renovadas em nossas inspirações e compromisso para com todas as pessoas. Reafirmamos nosso apoio aos movimentos sociais - juventudes, LGBTI, combate à violência, ações ecumênicas, diálogo inter-religioso, questões étnico-raciais, toda forma de discriminação - e todos os demais movimentos em suas lutas pela vida

Mulheres teólogas ordenadas e leigas da IEAB

Porto Alegre, 7 de junho de 2015.

Anexo IV

As Mulheres de Batina:

Práticas e Representações nas duas décadas (1985-2005) de ordenação feminina entre Episcopais Anglicanos no Brasil

Bianca Daebis

Introdução

A cada dia o estudo do sagrado e de suas hermenêuticas possíveis tem ganhado cada vez mais destaque nos meios acadêmicos, isto porque, o campo religioso, é também um espaço de construção, legitimação e exercício do poder. Se não buscarmos compreender as estruturas de poder que atuam em nossa sociedade, corremos o risco de não compreendermos uma parte significativa do capital simbólico que constrói e referencia os usos e costumes das comunidades que pesquisamos, tornando inócua nossa análise histórica e sociológica.

O estudo sobre a ordenação de Sacerdotisas Anglicanas no Brasil nos remete inevitavelmente à relação tríplice entre história, religião e gênero. O lugar que não apenas a mulher, mas que o feminino ocupa no imaginário simbólico do cristianismo tem sido uma herança incontestável para designar e legitimar o lugar da mulher na sociedade ocidental.

Entendemos que no cristianismo e na maioria das religiões monoteístas como o Judaísmo e o Islamismo, têm na figura masculina sua principal representação como, por exemplo, Jesus, Iaveh e Alah. Desse modo, seus representantes legítimos os profetas e sacerdotes responsáveis por mediar a relação entre as pessoas e o sagrado também são, via de regra, do sexo masculino.

Muitas vezes as tentativas de ocupação desses espaços por mulheres foram entendidas como transgressão e profanação do sagrado acarretando-lhes penas que iam desde o despojamento até torturas físicas.

Assim queremos compreender como um grupo de mulheres conseguiu meter cunhas no poder eclesiástico de uma Igreja Histórica e Reformada e conquistar um espaço que tradicionalmente foi construído e dominado por homens e pelo masculino e como se deu a ocupação desses espaços nessas duas décadas de exercício sacerdotal das Anglicanas no Brasil.

Referencial Teórico

Nosso olhar de pesquisadora recai sobre um grupo de mulheres da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil que desde 1985 são ordenadas sacerdotisas. Interessa-nos investigar como se deu a conquista desse espaço, como ocorre a administração desse espaço por uma sacerdotisa e de que modo a ordenação de mulheres impactou uma sociedade, que se habituou a exclusão das minorias sociais como os negros, as mulheres e os homossexuais.

Durante milênios, as sociedades mantiveram a idéia de que os homens, por natureza, são propensos a presidir nas esferas intelectuais, econômicas e políticas. E as mulheres são, por natureza, feitas para dar à luz aos filhos dos homens, e se sacrificarem a serviço dos demais. Um resultado lamentável foi o silêncio e a invisibilidade das mulheres nas esferas públicas. Isto não significa que não foram importantes: seu trabalho de nutrir e formar as crianças tinha um forte impacto nas sociedades. Também não significa que não estiveram no centro dos acontecimentos, ou que não falaram, ou que não tinham influência na cultura e na sociedade. Porém, com algumas exceções, o seu trabalho e suas palavras não foram considerados importantes devido à sua posição subordinada. Essa organização das sociedades também prevaleceu na Igreja.

Segundo a teóloga e historiadora Elizabeth S. Fiorenza¹ no final do século XIX e até metade do século XX, no contexto da primeira onda do feminismo, eclodiram nas Igrejas tanto católica quanto protestante, incontáveis movimentos e associações de mulheres. Segundo ela, no arco de múltiplas e distintas posições, é possível distinguir duas maneiras básicas de respirar na Igreja os ares vindos do feminismo.

¹ FIORENZA, Elizabeth. Discipulado de Iguais, “Uma Ekklesia – logia feminista crítica da libertação” Tradução de Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 106.

A primeira é formada por grupos e associações que surgiam no amplo movimento de nova cristandade, que representou um primeiro esforço bem estruturado de resposta aos desafios da sociedade secularizada, de valorizar as tarefas terrestres à luz da fé, e de situar melhor a Igreja no mundo moderno. Os/as leigos/as adquirem função própria: cristianizar a sociedade, edificando uma nova cristandade. Floresceram, então, incontáveis associações e movimentos de cristãos/ãs leigos/as. Dentre os quais, encontram-se inúmeras associações femininas que também representam um primeiro esforço de resposta aos desafios do feminismo. São movimentos que se preocupam em promover o feminino cristão em todos os âmbitos da sociedade e da Igreja.

A segunda é formada por múltiplos e distintos grupos, associações, movimentos com características mais feministas; e, teologicamente mais renovadoras. Atuaram em prol da emancipação e libertação da mulher, e da igualdade entre os sexos, na Igreja e na sociedade. Entre eles destacamos como exemplo: No âmbito protestante. Em fins do século XIX, um grupo de mulheres norte-americanas, liderado por Elizabeth Cady Stanton, que se reunia para examinar todas as passagens da Bíblia relativas à mulher, interpretando-as à luz da nova consciência que a mulher adquiria de si. Desses encontros teve origem a Bíblia da Mulher (Woman 's Bible), publicada em duas partes, em 1895 e 1898, respectivamente. A obra, que na época suscitou muitas discussões polêmicas no mundo protestante, é considerada um marco importante na história da Teologia Feminista. Já nos fins do século XIX, surgem as diaconisas nos Estados Unidos e na Europa. Ao largo do século XX, aumentam suas reivindicações, exigindo estudos de teologia, acesso ao sacerdócio; e, em geral, mais poder nas Igrejas. E a partir de 1930, as mulheres foram sendo ordenadas em diferentes confissões protestantes.

Fiorenza ressalta que no âmbito católico, uma das primeiras associações feministas católicas mais conhecidas é a “Aliança Internacional Juana D’ Arc” (1911), fundada na Grã-Bretanha e que se espalhou por muitos países em todos os continentes. O movimento se propunha garantir a igualdade dos homens e das mulheres em todos os campos, embora se mostrasse reticente em relação a alguns pontos defendidos por certos grupos, sobretudo as propostas de anticoncepção e aborto. Isto supôs certo enfrentamento. Desde cedo, o grupo percebeu que a igualdade na Igreja implicava em nova linguagem religiosa, por isso, usava como sinal de reconhecimento o lema: “Orai a Deus: Ela vos ouvirá”. Dada a mudança de linguagem em relação à mulher e a Deus, os escritos do movimento também são considerados precursores da Teologia Feminista.

Na metade do século XX no limiar do neofeminismo, um dos focos do feminismo cristão, especialmente nas Igrejas protestantes, foi o movimento pela ordenação de mulheres², que alcançou um resultado significativo: na reunião de 1958 do Conselho Mundial das Igrejas, de 168 grupos, 44 admitiam ordenar mulheres. Nessa época, surgem os Estudos da Mulher (Women's Studies) que se estabeleceram nas universidades e tinham como objetivo conhecer melhor a vida e a situação das mulheres na história - revisando e re-interpretando a versão "oficial" narrada por homens - e aprofundar as distintas disciplinas científicas e humanistas a partir da ótica feminina.

Nos anos 60, os movimentos de *libertação da mulher*, principalmente nos Estados Unidos e em países europeus, atacaram fortemente as Igrejas, especialmente a católica, por considerar que impedia a *libertação da mulher*; por outro, influenciaram o surgimento de múltiplos grupos na Igreja. Também influíram para a introdução da reflexão feminista em muitos grupos de mulheres voltados para o compromisso cristão na sociedade. Nesses países, se multiplicaram as reivindicações para a ordenação das mulheres e para que elas obtivessem mais poder nas Igrejas. Nesse contexto, emerge a consciência da necessidade de uma mudança mais radical, para que a promoção da igualdade não resultasse na promoção do feminino tradicional, ou na assimilação das mulheres numa instituição patriarcal.

A luta pela ordenação se torna, então, uma questão ambígua: de um lado, coloca em evidência a falta de paridade e de reciprocidade na Igreja, daquela igualdade que permitiria também às mulheres assumir os vários âmbitos de governar, tomar decisão e administrar todos os sacramentos. De outro lado, mostra que o problema eclesial mais profundo está no sacerdócio clericalizado, na distinção entre clero e laicato, na hierarquia assim como é estruturada. E, por isso, a admissão das mulheres, na atual estrutura clerical, em vez de resolver as contradições existentes na Igreja, acabaria agravando-as. *"Por conseguinte, não se defende a ordenação de mulheres nas estruturas presentes, mas somente no conjunto da promoção de transformações psicológica, estrutural e teológica da Igreja"*³.

² FIORENZA, Elizabeth. Discipulado de Iguais. "Uma Ekklesia – logia feminista crítica da libertação" Tradução de Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 107.

³ FIORENZA, Elizabeth. Discipulado de Iguais. "Uma Ekklesia – logia feminista crítica da libertação" Tradução de Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 110.

Na Igreja Católica e Protestante da América Latina, a partir dos anos 70, muitas mulheres cristãs respiraram os ares do feminismo influenciadas em grande parte pela Teologia da Libertação que privilegiava as vozes marginalizadas social e historicamente como objeto de sua expressão teológica. Juntamente com preocupações pela libertação no âmbito social, político e econômico trouxeram para as comunidades preocupações pela libertação da mulher, questionando as relações, as instituições, e a linguagem religiosa e teológica.

No Brasil, na medida em que mulheres cristãs se engajaram em movimentos sociais libertários, contra a pobreza e a marginalização, e em favor de melhoria nas condições de vida, muitas delas também tiveram contato com movimentos entrelaçados com o feminismo, e trouxeram para as comunidades, juntamente com as questões sociais, questões de gênero, na prática e na linguagem. Tanto o feminismo popular como o feminismo mais ligado a universidades ou a outros centros de pesquisa, influíram na vida de muitas mulheres na Igreja.

Segundo Elizete da Silva em seu texto sobre “Cidadãos de outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia”,⁴ Na Comunhão Anglicana, as mulheres começam a ser ordenadas no ano de 1944, em Hong Kong, na China, quando a primeira mulher a ser escolhida pela Igreja e chamada ao Ministério é admitida a esta Sagrada Ordem por meio da imposição das mãos de um Bispo. Foi a Reverenda Li Tim Oi. Em 1974, a Igreja dos Estados Unidos, em Filadélfia, ordena onze mulheres ao Presbiterado. E hoje ordena mulheres ao Episcopado.

Na Diocese Sul-Occidental, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil discutiu e recomendou a ordenação no ano de 1977, com o apoio das mulheres que participavam da então Sociedade Auxiliadora (hoje UMEAB – União de Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil). Mas a aprovação pelo Sínodo Provincial somente aconteceu no ano de 1984. E em 1985, começou-se a ordenar mulheres na Província Anglicana do Brasil, na Diocese Sul-Occidental.

Segundo os relatórios oficiais da IEAB⁵ o ministério ordenado de mulheres é hoje uma realidade, e elas constituem quase 35% do clero nacional.

⁴ SILVA, Elizete da. Cidadãos de Outra Pátria, Anglicanos e Batistas na Bahia. Tese de Doutorado. USP. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. São Paulo, 1995.

⁵Relatório do Concílio da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil/2006

Hoje nos deparamos com um número crescente de párocas e missionárias, em diversos setores das Igrejas, sendo as mulheres consideradas em igualdade de condição com os homens.

Ressaltamos que foi esta diocese a pioneira na discussão e encaminhamento da matéria, quando no ano de 1973 no concílio diocesano, reunido em Santana do Livramento, ouviu no relatório episcopal D.Plínio Simões dizendo que:

“há mais de 35 anos a Comunhão Anglicana estudava o assunto, e as mulheres já estavam demonstrando impaciência ao observar que os homens continuavam retardando uma decisão positiva em face de tão importante tema para o futuro do Cristianismo no mundo”.⁶

E anunciou a realização de um painel sobre a ordenação de mulheres durante o Concílio. O painel ocorreu na 2ª sessão, e por unanimidade foi aprovado que o Concílio se dirigisse ao Sínodo solicitando o estudo aprofundado da ordenação de mulheres ao Sagrado Ministério. Na sessão seguinte, o revd. Jubal P. Neves, que havia pregado no culto dedicado aos jovens da noite anterior, solicita que sejam divulgados estudos sobre o Ministério Feminino. E em 6 de agosto de 1974, é apresentado o famoso “Parecer Sul-Occidental” a respeito “das mulheres e as Ordens Sacras”, assinado pelos Revdos. Orlando Oliveira, Jubal Neves e Clovis Rodrigues, e que encerra citando o Cônego Charles Raven: *“Se uma mulher foi capaz de gerar o Logos Encarnado por que não é capaz de celebrar os mistérios do Seu Corpo e Sangue?”*

“Estou convencido de ter chegado a hora de todos nós estudarmos mais seriamente este assunto, não pelo receio de não podermos contar mais com vocações entre os homens para o ministério sagrado, mas por considerarmos flagrante injustiça negarmos à mulher o direito de aspirar a esse ministério”.⁷

Embora o parecer Sul-Occidental tenha sido promulgado em 1974 a primeira ordenação feminina só ocorreu na IEAB em 1985 mais de uma década depois quando a então Teóloga leiga Carmen Eitel tornou-se a primeira reverenda da América latina.

⁶ Dom Plínio, nesse mesmo relatório (p. 26-27 das Atas do 24º Concílio) afirma ...

⁷ pp. 26-27 das Atas do 24º Concílio

A Igreja Anglicana nasceu na Inglaterra onde o Cristianismo chegou por volta do final do segundo e início do terceiro séculos da era cristã. Ali se desenvolveu de maneira local e independente. No final do século VI, um grupo de 40 monges, chefiados por Agostinho, chegou à grande ilha e iniciaram um processo de romanização do cristianismo inglês. A partir de então apesar das constantes tensões causadas pela chegada da missão romana, a igreja inglesa cresceu e se desenvolveu como um ramo integrante da igreja Católica até a ruptura no século XVI.

Devemos chamar a atenção para o fato de que Henrique VIII⁸ apenas separou a igreja que lá existia da tutela de Roma. Com a colonização da América e a independência dos Estados Unidos, a igreja anglicana se estabeleceu como uma denominação livre do poder civil, criando dioceses, paróquias e instituições.

A História do Anglicanismo no Brasil está intimamente relacionada a implantação do protestantismo que só foi possível a partir do século XIX. Antes disso o regime do Padroado Régio restringia atividades de cidadãos de países protestantes (mesmo individualmente, sem vínculos missionários). A situação só começou a mudar com a assinatura do Tratado de Comércio e Navegação entre Portugal e Inglaterra, que é uma consequência da abertura dos portos às nações amigas, o que acontece em 28 de Janeiro de 1808.

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil é uma Igreja Histórica de primeira geração e a denominação protestante mais antiga a se instalar no Brasil. Há duas décadas decidiu ordenar mulheres ao sacerdócio o que abalou significativamente o pacto de comunhão com a Igreja Católica Romana e causou grande impacto na maioria das Igrejas Protestantes aqui no Brasil

“Quando surgiu a questão da ordenação das mulheres na Comunhão Anglicana, o Sumo Pontífice Paulo VI, em nome da sua fidelidade o encargo de salvaguardar a Tradição apostólica, e também com o objectivo de remover um novo obstáculo criado no caminho para a unidade dos cristãos, teve o cuidado de recordar aos irmãos anglicanos qual era a posição da Igreja Católica:”⁹

⁸ Henrique VIII foi o Rei da Inglaterra que no século XVI separou a Igreja da Inglaterra do domínio da Igreja Católica Romana.

⁹ Carta Apostólica *Ordinato sacerdotalis* do Papa João Paulo II Sobre a Ordenação Sacerdotal Reservada Somente aos Homens. Publicada em 22 de maio de 1994.

“Ela defende que não é admissível ordenar mulheres para o sacerdócio, por razões verdadeiramente fundamentais. Estas razões compreendem: o exemplo - registado na Sagrada Escritura - de Cristo, que escolheu os seus Apóstolos só de entre os homens; a prática constante da Igreja, que imitou Cristo ao escolher só homens; e o seu magistério vivo, o qual coerentemente estabeleceu que a exclusão das mulheres do sacerdócio está em harmonia com o plano de Deus para a sua Igreja”¹⁰

Segundo Otto¹¹ os místicos que fizeram a experiência do sagrado o descrevem como mistério terrível e fascinante, que desperta no crente múltiplos sentimentos. Para este autor, o sagrado apresenta-se como um mistério. Isto é, o não manifesto, o extraordinário e o insólito.

“É um mistério tremendo, que suscita no crente sentimentos de temor e tremor. Mistério em que se manifesta uma absoluta potência e alteridade: a magestade, diante da qual o fiel percebe que é somente pó e cinza. Mistério em que se manifesta uma absoluta energia, vitalidade, paixão. É também um mistério fascinante, que atrai por trazer consigo o amor, a misericórdia, a piedade, o conforto. É um mistério admirável, que suscita no crente sentimentos de maravilha, estupor, surpresa, desconcerto.”¹²

A partir da concepção de sagrado apresentada por ele, não é difícil compreendermos o significado dado pelas pessoas ao fato de poderem ou não se identificarem com suas entidades sagradas. No caso das mulheres, na tradição religiosa cristã, lhes foi permanentemente negada a possibilidade de identificação com o sagrado: a divindade se manifestou à humanidade em forma de homem, Jesus, a tradição da Igreja Católica e protestante tem colocado permanentemente a possibilidade de representar o sagrado nas mãos masculinas. Os sacerdotes, que são homens, não só têm acesso à manipulação

¹⁰ Carta Apostólica Ordinatio sacerdotalis do Papa João Paulo II Sobre a Ordenação Sacerdotal Reservada Somente aos Homens. Publicada em 22 de maio de 1994.

¹¹ OTTO, Rudolf. O sagrado. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1985.

¹² OTTO, Rudolf. O sagrado. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1985.

do sagrado através dos rituais dos sacramentos, como também eles próprios são tidos pelos crentes como espécies de sagrados.

Entendemos que as relações de Gênero e Poder estão intimamente relacionadas e são fundamentais enquanto categorias de análises metodológicas para este trabalho. Considerando que na pósmodernidade colocou em cheque nossa vontade de verdade, como afirma *Foucault* em seu texto sobre “A Ordem do Discurso”¹³ legando-nos a consciência da perda da plausibilidade das grandes verdades, permitindo assim o aparecimento de diversas formas de interpretar e compreender a sociedade, analisandoa sob diferentes ângulos tornou possível a percepção de diferentes elementos que compõem as relações sociais, que já estavam presentes na sociedade, mas que permaneciam ofuscados pelas grandes narrativas. Entre os diferentes elementos que compõem a sociedade e que estão recebendo a merecida atenção das ciências e dos movimentos sociais atuais estão as relações de gênero. É importante lembrar que estas relações não se dão de forma isolada das relações de classe e de raça, mas também não são uma mera variante destas.

Roger Chartier em seu texto “A História Cultural Entre Práticas e Representações” explica que o objeto principal de uma História Cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler”.¹⁴

Para Chartier trata-se de uma disciplina que abrange novos objetos de estudos como: rituais, crenças, atitudes diante da morte e formas sociabilidade. Assim, a História Cultural articula a constituição de novas áreas de pesquisa com a fidelidade aos postulados da História Social uma relação que leva em consideração as condições e os processos que muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido e reconhece, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.

Chartier identifica a noção de representação com a “compreensão que os homens buscam do funcionamento de uma dada sociedade ou as

¹³ FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 15.

¹⁴ CHARTIER, Roger. A História Cultural Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 16-17.

operações intelectuais que lhe permitem apreender o mundo".¹⁵ Para ele existe três modalidades de relação com o mundo: a) o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; b) as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, o que significa simbolicamente, um estatuto e uma posição; c) as formas institucionais e objetivadas graças às quais uns "representantes" marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo de classe ou da comunidade.

Observa-se historicamente que a visão de mundo, as representações coletivas que se elaboram em certos grupos têm no fenômeno religioso um elemento central, em determinados momentos preponderante. Tais representações que tanto podem significar continuidade ou ruptura, devem ser estudadas na perspectiva do jogo relativo que existe entre as condições de existência das pessoas e a maneira pela qual reagem a elas.

As lutas de classes continuam tendo sua grande importância, mas compreende-se que a "nova sociedade" não implica somente em novas relações de classe, mas também em novas relações de raça e de gênero, com respeito à natureza, às liberdades religiosas e aberta às diferentes formas de expressões culturais.

São muitas as autoras que têm trabalhado gênero como categoria de análise sob diversas perspectivas, entre elas destaco: Rubin, que define o sistema de sexo/gênero como:

*"um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas (...). Os sistemas de sexo/gênero não são emanações ahistóricas da mente humana; elas são produtos da atividade humana histórica".*¹⁶

Na mesma linha, segue Michéle Ferrand¹⁷, ao afirmar que a diferença entre os sexos é construída socialmente, o que quer dizer, que nem a anatomia nem a natureza explicam o domínio das mulheres pelos homens que essa

¹⁵ CHARTIER, Roger. A História Cultural Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 19.

¹⁶ RUBIN, Gayle. O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a "Economia política" do Sexo, 1993, p. 5.

¹⁷ FERAND, Michele. A Exclusão das Mulheres das Ciências: Uma manifestação sutil da dominação Masculina. In: Revista de estudos feministas. Número especial 2 sem. CIEC, ECO, UFRJ, 2004, p. 10.

dominação social reinterpreta, utiliza, atribui um sentido à diferença biológica, e em particular à maternidade e à paternidade.

Priorizaremos o conceito apresentado pela historiadora Scott, pela ênfase que a autora dá às imbricações entre gênero e poder, e por incluir entre os elementos que compõem o conceito de gênero as representações simbólicas e os conceitos normativos, elementos imprescindíveis para desvendar o processo que tanto podem manter como alterar a atual hierarquia entre os gêneros.

Segundo Scott em seu texto “Gênero uma categoria útil de análise histórica”¹⁸ o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Para Scott, utilizar a categoria gênero em análises sociais significa rejeitar explicitamente as justificativas biológicas para as desigualdades nas relações sociais entre os sexos, *“O uso do ‘gênero’ coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade”¹⁹*

Se gênero é a forma primeira de significar relações de poder, necessitamos explicitar o que estamos entendendo como poder para melhor compreender com o relações de gênero e de poder se inter-relacionam.

Segundo Marcela Lagarde²⁰ o poder como fato positivo é a capacidade de decidir sobre a própria vida; como tal, é um fato que transcende o indivíduo e se plasma nos sujeitos e nos espaços sociais: aí se materializa como afirmação, como satisfação de necessidade e como realização de objetivos. Lagarde argumenta ainda, que o poder consiste também na capacidade de decidir sobre a vida do outro, na intervenção em fatos que obrigam, circunscrevem ou impedem. Quem exerce o poder se arroga o direito ao castigo e ao postergar bens materiais e simbólicos, Dessa posição domina, sentencia e perdoa. Ao fazê-lo, acumula e reproduz o poder.

¹⁸ SCOOT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, 1990, p.14.

¹⁹ SCOOT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, 1990, p.15.

²⁰ LAGARDE, Marcela. Los Cautiveiros de las Mujeres: madresposas, monjas, putas, presas e locas. 2 edição. México: Universidade Nacional, autônoma do México, p. 64.

Para Weber²¹ *“poder significa a probabilidade de impor a própria vontade, dentro de uma relação social, mesmo que contra toda resistência e qualquer que seja o fundamento dessa probabilidade”*.

As concepções de Lagarde e de Weber, do poder como algo que alguém detém sobre a própria vida e sobre a vida de outrem, e que se impõe às outras pessoas, não são as mais indicadas para entender as relações de gênero. Isto porque parecem uma concepção do poder como algo estático, que uma vez obtido não se perde mais, portanto, os que não o têm estão “destinados” a permanecer sem ele. Esta concepção arranca todo sentido de qualquer luta para superação de relações desiguais de poder, como é o caso das relações de gênero, pois se o poder não poderá ser redistribuído, em que consistirá a luta por novas relações?

Foucault²² nos apresenta uma forma de conceber o poder como algo que necessita permanentemente de negociação. Por este motivo, sua concepção de poder nos parece bem mais útil para compreender como se dão as relações de poder no seio das relações de gênero e nos dá esperanças de alterar as desigualdades existentes.

Para este autor, o poder é algo muito enigmático, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculto, encontrado em toda parte, mas que é difícil saber até onde se exerce, através de que revesamentos e até que instâncias, freqüentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções ele é exercido. Ninguém é, propriamente falando, seu titular, e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros de outro; não se sabe ao certo quem o detém. Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder, que pode ser um chefe, um guarda, um diretor de prisão, um juiz, um responsável sindical e, por que não? um esposo ou uma esposa.

Se seguirmos a concepção de poder apresentada por Foucault, podemos pensar que então estamos bem próximos da solução dos problemas das relações desiguais entre os gêneros. Mas não é bem assim. Se poder não é algo que se obtém, mas algo que se negocia permanentemente, as negociações não se dão de forma tão pacífica como desejaríamos. O poder confere status e reconhecimento social, e destas coisas ninguém abre mão com facilidade. Se por um lado, na sociedade atual os homens estão detendo uma maior

²¹ WEBER, Max.. *História geral da economia*. São Paulo, Mestre Jou: 1968, p. 43.

²² FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*, 1993, p.75.

parcela de poder, por outro lado, segundo Saffiotte²³ *não se pode admitir um poder masculino absoluto. O contingente feminino participa da estrutura de poder, desfrutando ora mais, ora menos da capacidade de impor sua vontade.*

Há muitos fatores que podem interferir no processo de negociação de questões que impliquem relações de poder. Como as realidades sociais apresentam-se diversificadas, também os processos de negociação não se dão sempre da mesma forma e com a mesma complexidade. Saffioti, alerta para que não se tome a realidade social como homogênea, o que considera que o pensamento de Foucault faz. A percepção da totalidade como homogênea pode por em risco a análise da circulação do poder, uma vez que nem todas as mulheres conseguem se impor em pé de igualdade com os homens. Segundo Saffioti,

*“há outras categorias aí envolvidas como raça, etnia e a existência de diferentes subjetividades, elementos que nos remetem à necessidade de compreensão de desigualdades inseridas no contexto social, onde o gênero se constitui, o que não omite as condições de luta e resistência do feminino, revestido de poderes em suas relações”*²⁴

A religião com seus símbolos, também se faz na teia das representações compartilhadas por uma sociedade. A construção simbólica do gênero e da religião se fundam nas representações sociais. As representações sociais são uma forma de conhecer e conceber a realidade social, constroem significados comuns à uma sociedade. Elas falam de etnia cultura, de uma concepção ou visão de mundo ou de intersubjetividades que se constituem numa trama social de indivíduos produzidos historicamente, num eterno compartilhar. O outro é sempre a minha referência, pois é na alteridade que as representações sociais se formam

Aqui começa nosso trabalho de pesquisa para entendermos o processo de conquista e ocupação do espaço sacerdotal pelas mulheres na Igreja episcopal Anglicana do Brasil e quais os impactos que esse fato causou nas comunidades lideradas por essas reverendas e na sociedade na qual elas se encontravam inseridas.

²³ SAFFIOTE, Heleieth I.B. *Rearticulando Gênero e Classe Social*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992, p. 8.

²⁴ SAFFIOTE, Heleieth I.B. *Rearticulando Gênero e Classe Social*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992, p. 10.

ANEXO IV - Mural de fotos

Maio/2005, Itaara/RS

Encontro de 20 anos da Ordenação Feminina



Retiro das Clérigas e Postulantes
Setembro/2019, Porto Alegre/RS



Encontro das Clérigas e Postulantes -
Maio/2015, Porto Alegre/RS



Sagração Episcopal - Bispa Marinez Rosa Bassoto
Diocese Anglicana da Amazônia
21 de Abril, 2018

Primeira mulher eleita bispa na IEAB e na América Latina



Sagração Episcopal - Bispa Meriglei Borges Simin
Diocese Anglicana de Pelotas
15 de novembro, 2019



ANEXO VI

Lista de Mulheres Ordenadas na IEAB.

- 1985** – Carmen Etel Alves Gomes
- 1986** – Patricia Ann Powers
- 1989** – Maria Nilde Cunha
- 1990** – Dione Guido Dos Santos
Eva Milta Alves Gomes
Enilda Rodrigues Palma
Simea De Souza Meldrum
Evanilza Loureiro De Barros Correia
Leane Raquel Kurtz De Almeida
- 1991** – Taís Feldens
Ilaine Marizete De Oliveira Vieira
- 1992** – Ana Maria Dos Santos Esvael Lopes
Anésia Nascimento De Jesus
- 1995** – Marinez Rosa Dos Santos
Meriglei Borges
Dilce Paiva
Noilves Rosa Da Silva
- 1996** – Magda Cristina Guedes Pereira
Ester Pimentel Rodrigues
- 1997** – Maria Gorete Correia Marques da Silva
- 1999** – Inamar Corrêa De Souza
Vera Lucia lins Silva
Nadja Maria Lins Silva
- 2000** – Afonsina Machado Dos Reis
Lílian Pereira Da Costa Linhares
- 2001** – Arlinda De Araújo Pereira
Lívia Todt Seelig
Lilian Conceição Da Silva
Carla Regina Macena Pereira Patriota
Lucia Borges
- 2002** – Jocinéa Saldanha Perpetuo
Marilene Lazaro da Silva

- 2003** – Lucia Dal Pont
Zoar Coimbra Gonçalves
Iris Valderes Viana Soares
- 2005** – Keila Bichet
Maria Das Graça Bernardino
Tatiana Ribeiro
- 2007** – Valeria Aparecida Da Silva
Lucia Gelcy Fortes Kovaleski
Vandriana Duarte Garcia Pottker
- 2008** – Ana Rita Cruz Da Cruz
- 2009** – Carmen Akemi Kawano
- 2010** – Cláudia Regina Prates Batista
Eliane Cristina Vieira
Ilma Oliveira Rios
Lidia Kistemache
Rosemary Ferreira Da Cunha
- 2011** – Marinez Dos Santos Oliveira
Neiza Veleda
Giselle Gomes da Silva Prazeres Souza
- 2012** – Elineide Ferreira Oliveira
- 2013** – Elaine M. Escaravajal
Maria Isabel Cardoso Rodrigues Lima
Selma Almeida Rosa
Tatiane Vidal Dos Reis
Maytée De La Torre Díaz
- 2014** – Eva Arrieche
- 2015** – Janice Gonçalves Dos Santos Matos
- 2017** – Bianca Daébs Seixas Almeida
Maria De Fátima Nascimento
- 2018** – Volnice Maria De Almeida
- 2019** – Gessi Rodio
- 2020** – Aidil Souza Bastos



Igreja
Episcopal
Anglicana do
Brasil